Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Histórias que o rio traz – Reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia

Andrea Mataresi

São Paulo, 2012

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Histórias que o rio traz – Reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Parodi
Svartman

Andrea Mataresi

São Paulo, 2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Mataresi, Andrea.

Histórias que o rio traz: reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia / Andrea Mataresi; orientador Bernardo Parodi Svartman. -- São Paulo, 2013.

135 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia social 2. Psicologia comunitária 3. Enraizamento
4. Comunidades locais (Nazaré (RO)) 5. Etnografia I. Título.

HM251

Autor: Mataresi, Andrea

Título: Histórias que o rio traz – Reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

Banca examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Aos moradores de Nazaré e de todas as outras comunidades que vivem na pele as duras consequências da construção do complexo hidroelétrico do rio Madeira.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos moradores da comunidade de Nazaré! Pela acolhida, sempre muito carinhosa, pelas longas conversas e paciência com as minhas perguntas.

Ao meu orientador **Bernardo**, pelas incríveis orientações! Pela paciência e confiança que sempre demonstrou e por saber, com maestria, a hora de encorajar e a hora de cobrar!

À **Jaqueline e Betinho**, por me receberem em sua casa durante minhas idas a Nazaré, com um amor de família que gosta de cuidar! Pelas comidas deliciosas, rizadas, conversas até tarde e a incrível ajuda na organização das entrevistas deste trabalho! Espero poder recebe-los aqui em casa!

Ao **Anauá**, pela amizade de anos, pela confiança com sua história, pelos momentos preciosos junto de sua família e pelas longas conversas, que foram a minha maior inspiração para começar este trabalho! A você, meu amigo, eu agradeço por me mostrar a magia dessa terra chamada Nazaré!

Ao **Timaia**, por me ensinar os caminhos da luta política! Por me ensinar em conversas o que por anos eu tentei aprender nos bancos da escola! Eu admiro seu trabalho imensamente e agradeço a oportunidade de ter me aproximado dele, de sua música e incrível talento.

Ao **Seu Zé Ferreira**, pelas músicas e poesias, que só de lembrar fazem lágrimas correr em meu rosto! As conversas com o senhor me fazem ter mais e mais saudade de Nazaré. Sua varanda é, sem dúvidas, um dos meus lugares favoritos.

Ao **Professor Artêmis**, Pela paciência com as minhas perguntas na beira do igarapé! Por compartilhar de maneira tão envolvente a história de sua comunidade e por me fazer me sentir acolhida para voltar!

À **Dona Vêna, Seu Pantoja, Jeferson, Professor Raimundo, Seu Vijico, Seu Manduca, Dona Margô e Seu Getúlio** obrigada pelas ricas contribuições durante as longas conversas!

À **Vá, Neto, Lucila, Rodrigo, Roda e Cris**, por me inspirarem diariamente, por alguns dos momentos mais importantes que eu tive na Amazônia e por me ensinarem muito do que eu sei hoje! Ter vocês por perto, mesmo que tão distantes geograficamente, faz toda a diferença em minha vida! Agradeço, sobretudo, pela preciosa amizade, que também se dá na luta política por uma sociedade mais justa. E mais uma vez ao **Neto**, pela leitura crítica e detalhada deste trabalho! Não tenho palavras para te agradecer!

Ao **Catatau**, pela necessária e importante ajuda inicial! Espero poder retribuí-la!

Ao **Zeca, Miriam Rosa, Renato Luz, Tiago Marin e Galeão**, pelas riquíssimas contribuições durante todos este trabalho. Nossas conversas sempre fizeram toda a diferença durante o percurso.

À **Solange e ao Pablo**, pelas aulas maravilhosas, importantes supervisões, por serem dois dos psicólogos que eu me inspiro diariamente e, principalmente, pela amizade!

Ao **Christoph**, pelas conversas que varam as noites, que me fazem rir e que me mostram que companheirismo é tão importante quanto amor!

Aos meus pais, **Rosa e Carlos**, pelo apoio em minha educação e vida. Sem a ajuda de vocês em muitos dos mais importantes momentos este trabalho não teria sido possível! Agradeço, principalmente, por acreditarem em meus sonhos.

À minha irmã, **Dani**, pela parceria de sempre! Pelos conselhos de irmã mais velha e pela sabedoria que não cabe em palavras.

À minha sobrinha, **Maria Julia**, por me ensinar que amor vem em um sorriso delicado e em um olhar de confiança! Por abrir portas que só você poderia abrir!

Todos estão loucos, nesse mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. [...] Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com esses negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade [...] Viver é muito perigoso, e não é não [...] Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta.

(João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas)

Resumo

MATARESI, A. (2013). Histórias que o rio traz: reflexões sobre o enraizamento em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O desenraizamento acontece quando pessoas ou grupos são afastados de suas tradições e das histórias de vida de seus ancestrais, por razões ligadas à dominação e à espoliação econômica. Assim, o processo de dominação privilegia o acúmulo de dinheiro em detrimento à cultura e à tradição de povos inteiros. Este processo tem sido recorrente durante a história da ocupação da Amazônia desde o período colonial. Atualmente, a construção da Usina hidroelétrica de Santo Antônio no rio Madeira representa uma ameaça às comunidades localizadas na região. Entendemos que esta obra pode ser extremamente nociva à cultura e à tradição dos povos que ali vivem. Embora existam conselhos comunitários com o objetivo de garantir a participação dos moradores na gestão do território, efetivamente suas vozes não têm sido ouvidas durante os processos de decisão, assim como as informações sobre os impactos da obra no território não estão sendo compartilhadas com a população. Podemos entender esta falta de informação e impedimento de participação como uma possível ferramenta de dominação, o que evidencia o preconceito sofrido pelas pessoas que vivem nas periferias do capitalismo brasileiro. Assim, o registro e a discussão de como os moradores de uma específica comunidade chamada Nazaré vivem as diversas ameaças de desenraizamento pode oferecer subsídio aos que estão por enfrentá-lo. Durante a pesquisa de observação participante e entrevistas de longa duração, organizamos dissertação a partir de nove itens que compõem um retrato etnográfico da comunidade, sendo eles: histórico de formação e estrutura da comunidade de Nazaré, relação com o rio, organização do trabalho, lendas, religiosidade e manifestações artísticas, vida política e vida comunitária. A partir da observação destes itens e de suas relações entre si, foi possível notar uma presente luta por enraizamento diante das pressões que contribuem para a desintegração de sua cultura.

Palavras-chave: Psicologia social; Psicologia Comunitária; Enraizamento; Comunidades Ribeirinhas da Amazônia; Etnografia

Abstract

MATARESI, A. (2013). Stories that sail the river: reflections on rootedness in a Riverside community in the Amazon rainforest. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The uprootedness happens when people or groups are taken away from their traditions and the life stories of their ancestors, for reasons related to economic domination. Thus, the process of domination favors the accumulation of money over the culture and tradition of an entire ethnic group. This process has occurred in the history of the Amazon occupation since the colonial period. Currently, the construction of the Santo Antonio's dam, in Madeira River, represents a threat to the communities located in the region. We understand that this work can be extremely harmful to the culture and traditions of the peoples there. Although there are community councils, created to ensure the participation of residents in the land management; effectively, their voices haven't been heard during the decision-making process, as well as the information about the impacts of the construction are not being shared with the public. We can understand this lack of information and the denial of the population's right to participate as a possible domination's tool, which shows the prejudice suffered by people that are pushed to the outskirts of the Brazilian capitalism. Thus, the registration and the discussion of how the current residents of a community called Nazaré are living this constant threat of uprootedness can provide subsidy to those who are yet to face it. During the field research, we organized the work in nine items that compose an ethnographic portrait of Nazaré. These items are: history and structure of the community, the relation to the river, organization of work, legends, religion, artistic manifestations and political and communitarian life. From the observation of those points and the relationship that they establish among themselves, it was possible to notice the presence of a strong struggle for rootedness, in face of social pressures that may cause the disintegration of their culture.

Key words: Social Psychology; Community Psychology; Rootedness; Amazon Riverside Communities; Ethnography

Sumário

1) Introdução: As histórias que o rio traz.....	1
2) Objetivos da pesquisa.....	21
3) Método da pesquisa.....	22
4) Nove itens para o retrato etnográfico de Nazaré.....	29
4.1 - Histórico de formação e estrutura da comunidade de Nazaré.....	29
4.2 - A comunidade e o rio Madeira.....	56
4.3 - Organização do trabalho em Nazaré.....	71
4.4 - Lendas, religiosidade e manifestações artísticas.....	87
4.5 Vida política – vida comunitária.....	103
5) Discussão final - Reflexões sobre o enraizamento na comunidade de Nazaré.....	123
6) Bibliografia.....	129

1) Introdução - As histórias que o rio traz

*Vou lhe contar, amigo, a história desse lugar
Que poucas pessoas conhecem, outras nem ouviram falar
Em Nazaré a terra é farta para quem gosta de trabalhar
Pois a natureza não é ingrata com quem sabe dela cuidar*

Minhas Raízes – Taiguara Martins

*Aceite as minhas velas! Sabe o que é, menina? Aqui,
a gente aprende que sem ajuda nós não vive.*

Conversa com um senhor em uma comunidade do
Baixo rio Madeira em 2005

Foto de Nazaré vista do Igarapé na época da cheia do rio Madeira

As margens do rio Madeira são compostas por diferentes paisagens, curvas, folhagens, flores, animais, e vilas repletas de pessoas e histórias. Muitas histórias. Uma das coisas que elas têm em comum é o rio que as ligam, que as tornam navegáveis. O rio Madeira, para quem mora em sua beira, não é somente o que define estas comunidades como comunidades ribeirinhas de várzea, ele é a própria

possibilidade de contato com outros locais, o principal caminho por onde as histórias ali vividas e contadas navegam.

Foto tirada do barco de linha, em viagem pelo rio

Por ele, todos os moradores de Nazaré ali chegaram, assim como o açúcar, o sal, os primeiros medicamentos e tantos outros produtos, até hoje difíceis de encontrar ou com preços altos devido os custos de transporte. Por ele, os trabalhadores da várzea podem vender seus produtos, seja pelo barco da produção, disponibilizado pela secretaria de agricultura de Porto Velho, seja por meio de compradores que viajam pelo rio ou de pequenos produtores com suas canoas.

Sentada na beira do rio escutei histórias, prosas longas e curtas, nas quais aparecem personagens como Nonato cobra grande, o boto rosa e o boto tucuxi, o neguinho da mata e tantos outros. As crianças se banham no rio e ali aprendem a

pescar. Aprendem que com o boto não se mexe. As escolas em sua beira recebem crianças que perdem suas bolas no grande madeira durante os treinos de futebol que, aliás, é coisa séria.

Sua paisagem costumava se transformar a cada época do ano, recebendo as plantações de melancia e macaxeira na seca e a força impressionante das águas na cheia, que abastecia a área de várzea de nutrientes, preparando a terra para a próxima plantação, além de levar embora os insetos que destruiriam as mercadorias. Isto antes de sua força ter sido controlada pela construção de uma barragem inaugurada em 2012 e que faz parte do complexo hidroelétrico do rio Madeira, localizada na antiga cachoeira de Santo Antônio, em Porto Velho.

Barragem de Santo Antônio

O rio Madeira é a principal fonte de alimentação e de água das populações locais e, segundo o ditado local, quem bebe de sua água sempre volta. Em sua beirada, também, tantas famílias se despedem e se reencontram, em busca de novas

possibilidades de trabalho assalariados em áreas urbanas, acesso a níveis de escolarização mais elevados e atenção à saúde. Ele é parte importante da organização da vida das comunidades e faz com que os moradores de Nazaré tenham orgulho de se chamarem de *beiradeiros* e anunciarem em suas músicas e poesias a sua beleza.

A construção da barragem, iniciada em meio a uma grande polêmica e cuja história será discutida em maiores detalhes ao longo deste trabalho, não significa apenas barrar a força do rio com a finalidade de produzir energia, mas também barrar a tradicionalidade das formas de viver que se desenvolveram em seu correr e estão ancoradas na relação que estes homens e mulheres estabelecem com a natureza e seus fluxos. Barrar o rio pode ser, portanto, uma forte ameaça de desenraizamento. As crenças, rituais, formas de trabalho são barrados, junto com os peixes e galhos que correm por suas águas turvas. E junto de tudo isso, são barradas também um pouco da esperança em decisões políticas que nos representem e que não contribuam para a dominação e opressão de nosso povo.

Aqui, faço minhas as inquietações de Karen Adami Rodrigues, que, em seu texto, descreveu algumas das conclusões que ela pôde chegar ao conviver com a população de uma reserva extrativista no Acre:

O homem em meio a floresta, na beira dos rios, nas reservas extrativistas, nas comunidades indígenas ou até mesmo na cidade, necessitava mais do que eu pensava, necessitava de políticas públicas competentes, sem fachadas, sem delongas, não precisava de propagandas, mas sim de pessoas imbuídas de verdades, sem vaidades pessoais, reconhecidos pelas suas concepções de levar adiante seus projetos e não abandonarem o homem da floresta em meio a tantas expectativas. (RODRIGUES, K., 2010, p. 12-13)

Para muitos, infelizmente, a floresta Amazônica é, erroneamente, uma região fácil de ser caracterizada: uma área de floresta tropical úmida, com aproximadamente 7,5 milhões de Km², banhada por inúmeros rios que tem o rio Solimões-Amazonas

como eixo principal, habitada por uma população basicamente indígena e cabocla, além de portadora de riqueza natural incalculável.

No entanto, esta é uma visão sobre a região e não a partir de quem mora na região. Para os habitantes da floresta, a própria palavra Amazônia é vaga, já que possui muitos significados que correspondem aos mais diversos contextos ecológicos, sociais e culturais. A identificação de uma determinada região não é tão simples quanto as explicações sugeridas em muitos livros (PORTO GONÇALVES, 2001).

Para Porto Gonçalves (2001), diferente da visão externa à região, que a vê somente como floresta e reserva de recursos naturais, a Amazônia é marcada por sua complexidade e grande diversidade. Esta primeira visão reducionista é geralmente a que forja o conhecimento oficial sobre os amazônidas¹, que vivem, muitas vezes, em harmonia com os mais diferentes ecossistemas.

Bem antes do surgimento da conhecida “ecologia científica”, por exemplo, muitos povos, que desenvolveram outras culturas que não a “eurocentrista” dominadora, geraram e aperfeiçoaram formas de pesquisa e compreensão sobre a vida, os seres humanos e suas relações com a natureza (BRANDÃO, 2005).

Segundo o autor, além da educação formal (escolar), adquirimos conhecimentos necessários e importantes para o dia a dia, a partir de uma socialização primária. Isso se dá, entre outros momentos, durante nossas próprias ações e por meio das interações com os nossos pais, vizinhos, família, amigos e etc. Sendo assim, aprendemos em diferentes e integradas dimensões de nós mesmos e de nosso meio social. Os diferentes saberes, sensações, sentidos, significados e as sociabilidades são os que nos fazem capazes de interagir com uma cultura e sociedade (BRANDÃO, op. Cit.).

¹ Termo usado para se referir a quem nasceu e/ou vive na região.

Dentro da própria grande região chamada Amazônia, já foi registrada grande quantidade de espécies endêmicas em ecossistemas locais, de modo que mesmo no aspecto ecológico não há uma uniformidade em toda a vastidão nomeada Amazônia. Essa floresta é, sobretudo, diversidade - de saberes, animais, plantas, tradições, cores dos rios, tipos de terras e etc. Assim, habitar um local como este já é um desafio por si só, e este é justamente um dos saberes que estas populações têm a oferecer e a dialogar com outras culturas. Existe lá um grande conhecimento relativo à medicina tradicional, remédios, culinária, cosméticos, entre outros, que são frequentemente negados e desvalorizados (PORTO GONÇALVES, 2001).

Segundo Porto Gonçalves (op.cit.), geralmente estes conhecimentos estão todos relacionados entre si e, sobretudo, fortemente ligados à religiosidade. No dia a dia, tudo combina com tudo, a queimada das florestas que provoca a fuga dos animais e da água, provoca também a fuga de seus espíritos. Este holismo, formado por conhecimento, cotidiano e crença, marca profundamente a forma de vida das populações da floresta.

O próprio cotidiano envolve a troca de saberes e o processo de ensino - aprendizagem. É no contato com as pessoas que notamos que elas possuem conhecimentos e práticas divergentes umas das outras - diferentes, nunca desiguais (BRANDÃO, 2005). Entretanto, a ação humana regida pela “sabedoria” do dominador, ao tentar entender os costumes que não são aqueles da cultura ocidental, muitas vezes os consideram estranhos e/ou inferiores. Este fato acontece exatamente pelo caráter etnocêntrico da visão dominante de mundo que se supõe universal (WHITAKER e BEZZON, 2006).

O que muitos não querem perceber é que a injustiça social e ambiental no Brasil é fruto de um olhar imediatista e egoísta das classes dominantes que operam e

reforçam mecanismos de exclusão social. Desta forma, percebemos que a perda das raízes de identidade está intimamente relacionada com a perda da relação com o meio ambiente, o que facilita o processo de degradação (SATO, 2005).

Porto Gonçalves (2001) relata que o fato do morador da floresta não ser considerado nem na formação da imagem de sua própria região decorre de uma posição geográfica-política a que estes povos estão submetidos desde os tempos coloniais. Sua população é muitas vezes vista por seus dominadores como preguiçosa e incapaz de mudar a situação de subdesenvolvimento a que sempre esteve submetida.

Os moradores das áreas rurais são considerados culpados por estarem em áreas rurais e não se desenvolver a partir de uma perspectiva dos grandes centros urbanos e econômicos. Desta forma, esses povos são vistos como culpados pela situação que vivem e aqueles que impedem o desenvolvimento do país, e não vítima do sistema econômico, que negou a eles o acesso integral e de qualidade aos direitos básicos (escolas, hospitais, transporte, saneamento básico, entre outros). Os povos rurais são muitas vezes considerados impossíveis de educar, pois não possuem nenhuma perspectiva de crescimento e que “não querem melhorar de vida”. (WHITAKER e BEZZON, 2006).

Entretanto, contraditoriamente, estas mesmas populações tradicionais, quando resolvem se integrar ao sistema dominante, novamente se tornam vilões. Quando se rendem aos desejos de uma sociedade consumista, são considerados culpados por não preservar o meio ambiente. Afinal, estes desejos são reservados a uma pequena parcela da população (WHITAKER e BEZZON, 2006).

Fica claro uma contradição vivida por estas populações. Quando se mantém tradicionais, são aqueles que impedem o progresso de toda a sociedade, mas quando se rendem ao sistema e passam, com ele, a desejar os benefícios do industrialismo,

são condenados por destruir o meio ambiente, mesmo que suas ações de mercantilização sejam bem menores do que as das grandes corporações (WHITAKER e BEZZON, 2006).

De acordo com Porto Gonçalves (2001), a floresta em si é vista como o “futuro do Brasil”, a “última grande reserva ecológica do mundo”, ou seja, fonte de riquezas naturais. Muitas empresas querem usar a floresta como fonte de exploração dos recursos naturais - reais ou imaginários -que ela poderia prover. Em contraposição a esta imagem, desenvolve-se o olhar preservacionista. Para ele, é justamente neste cenário que a Amazônia aparece com reserva a “não ser tocada”, como se fosse um local selvagem e sem cultura, sem nenhum processo de civilização. Novamente, não se leva em consideração a realidade regional e estes habitantes são vistos como perdidos na região ou vivendo em estado de natureza.

Estas opiniões em momento algum “pedem licença” aos amazônidas para serem formuladas e expressadas. Diferentes destas visões estrangeiras à floresta, existe a opinião e perspectiva de quem mora lá. Há milhões de famílias de trabalhadores rurais, diferentes povos da floresta, com diferentes culturas e tradições (GONÇALVES, op. Cit.).

Contudo, se observarmos a maior parte dos discursos sobre a Amazônia, a posição que tem se colocado dominante é aquela do interesse por sua biodiversidade, por suas riquezas e madeiras ou megawatts de energia. Não importa se na visão de quem quer declaradamente explorar ou “proteger” a floresta a qualquer custo, a população que ali vive há tantos anos é quase sempre vista ou como empecilho – para o desenvolvimento ou para a preservação ambiental - ou como mão de obra barata. Desta forma, Amazônia ainda é vista como um território “a ser” colonizado, cuja importância é relacionada ao que pode nela ser explorado.

Historicamente é possível ver fatos que marcaram a vida das populações de lá sendo decididos por outras pessoas. Desde o povoamento e tentativa de dominação feita pelos portugueses e espanhóis visando competir com as novas potências mundiais nos períodos coloniais, até o investimento feito pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) na época da ditadura militar (GONÇALVES, op.cit) e, atualmente, a decisão das usinas hidroelétricas financiadas pelo “Programa de aceleração do crescimento” (PAC) do governo federal, entre outros.

Os colonizadores, agora representantes dos interesses do grande capital e do estado que os protege, impõem sua forma de vida, impedindo a expressão das particularidades de seus povos e anulando os saberes construídos a partir da convivência dos povos da floresta com os ecossistemas amazônicos. Saberes que são, sem dúvidas, misteriosos para os não amazônidas.

Desta forma, com a visão do colonizador sempre sobreposta àquela dos habitantes da região, podemos presenciar na floresta cabos de energia elétrica passando por comunidades iluminadas a luzes de lamparinas e velas. *É uma realidade de dura miséria e violência que desafia essa ecologia conservadora a pensar a questão social junto com a questão ecológica* (GONÇALVES, op.cit. p.17).

Durante minhas experiências em Rondônia², pude acompanhar algumas transformações que foram acontecendo nas comunidades, vi escolas sendo construídas, casas se transformando, crianças crescendo. Vi também que as pressões vividas pelos moradores da comunidade de Nazaré são inúmeras e de diferentes origens. As próprias políticas de preservação ambiental, com muito de seu foco nas riquezas da floresta e não nos habitantes que nela vivem, mostram o grande descaso com os amazônidas.

² O primeiro contato com as pessoas de Nazaré se deu em 2007, em um projeto que será contado mais adiante neste mesmo trabalho.

Nesta discussão, atualmente tem se falado em Nazaré sobre a possível criação de uma Reserva Extrativista (RESEX)³ reconhecida pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Paralela a esta conversa, também existem pressões para a construção de uma “agroindústria familiar” e de projetos para aumentar a escola da pesca, entre outras. Todas estas propostas chegam de fora, pelo rio, e muitas vezes não contam com o diálogo com os habitantes da região. São projetos que guardam resquícios colonizadores do contato dessas regiões com os centros urbanos.

Além destas discussões, houve também a decisão da construção da barragem, que foi imposta aos moradores da comunidade e mostra, em todos os seus aspectos, o descaso existente com relação às pessoas que habitam estas regiões na elaboração de alguns planos políticos. Não é raro ouvir discursos sobre os benefícios das construções de usinas hidroelétricas ao longo dos rios amazônicos. Benefícios vistos somente sob a ótica de quem faz a análise de rentabilidade financeira ou então a análise da necessidade de crescimento econômico e não sob o prisma dos moradores locais.

No início de 2012, entrou em funcionamento no rio Madeira a “Barragem de Santo Antônio”, que já tem modificado e que irá modificar ainda mais toda a paisagem natural e social das comunidades. Muitas críticas são feitas a respeito desta obra, tais como possíveis falhas no Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e a negligência do direito de participação das comunidades locais no processo de decisão.

³ “A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade... A Reserva Extrativista será gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes na área, conforme se dispuser em regulamento e no ato de criação da unidade.” (ISA – Instituto Socio Ambiental)

Embora o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)⁴ indique a necessidade da presença da comunidade em todo o processo de decisão de qualquer obra que tenha impacto no território e/ou na forma de vida local, além da comissão mundial de barragens (CMB) fazer a orientação de envolver as comunidades que serão atingidas durante a deliberação e o processo de decisão da construção, o que presenciamos e o que nos foi relatado pelos moradores é um processo muito diferente.

Estas comunidades estão dentro de Unidades de Conservação ou no entorno delas. Desta forma, as leis que deveriam proteger e assegurar o direito destas populações não estão sendo respeitadas. Embora exista o Conselho da Gestão Integrada Cuniã-Jacundá, que têm como atribuição discutir e deliberar formas de melhoria da qualidade de vida e da proteção socioambiental das Unidades de conservação da região e do entorno delas, a voz destas pessoas não teve peso algum nas discussões sobre a implementação de ações do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) na região.

De acordo com Switkes (2008), o processo de decisão desta obra e do levantamento do EIA/RIMA⁵ foi determinado muito mais a partir de brigas por interesses políticos e econômicos, do que, de fato, a partir de preocupações com as transformações do território. Esta decisão foi feita em meio a leilões duvidosos e a contraditória divisão do IBAMA, passando parte importante de sua função para o ICMbio (instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), órgão criado na mesma época.

⁴ Segundo a lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), tem, dentre seus objetivos, o de “proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente” e como uma de suas diretrizes: “assegurem a participação efetiva das populações locais na criação, implantação e gestão das unidades de conservação”.

⁵ Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental

Os moradores das comunidades do Baixo Rio Madeira vivem uma enorme falta de informação referente ao andamento da obra, impactos intermediários e transformações do território após seu término. Eles estão “descobrimdo” as consequências na medida em que as vivem e as falas referentes a estes impactos variam muito de pessoa para pessoa. Durante as idas ao campo, pude ouvir os moradores em momentos muito diferentes com relação ao processo de construção da barragem. Nas primeiras ida a Rondônia, as obras ainda estavam em planejamento e em leilão, já na primeira ida ao campo durante a presente pesquisa, as obras estavam em andamento e as falas referentes à ela foram bastante diferentes das encontradas na segunda viagem, quando a barragem já estava funcionando.

Pudemos compreender a falta de informação como uma ferramenta de dominação, pois, na medida em que as pessoas só estão autorizadas a conhecer as transformações no momento em que as vivem, as indefinições e surpresas do processo de alteração do território dificultam a organização coletiva para enfrentamento das transformações que ameaçam seu modo de vida. Nota-se uma submissão ao incontrolável e desconhecido, o protagonismo das ações comunitárias e a continuidade da vida cotidiana podem ficar comprometidos. Aspectos estes, que estão extremamente ligados aos fluxos do rio (seca e cheia) e à terra. A dominação é aqui entendida como uma das pressões para o desenraizamento, que arranca as pessoas de suas tradições e das formas de viver de seus antepassados.

Entendemos no presente trabalho que as pessoas se adaptam aos fluxos da natureza e, neste processo cultural, fazem as escolhas de ações (plantio, pesca, colheita e etc). A vida comunitária encontra amparo no ritmo da vida natural, se mistura e se apoia nela, tornando-se elementos indissociáveis. Desta maneira, modificar de forma artificial estes ciclos e alterar os espaços que deveriam estar

alagados ou não, transformando ainda mais os fluxos naturais de fauna e flora, com certeza determina importantes impactos sobre a vida social do grupo. Assim, podemos considerar que, para além dos impactos econômicos e dentre os impactos socioambientais, entende-se que esta obra pode ser extremamente nociva às tradições e à cultura local deste povo.

O dominador impõe sua forma de vida, dificultando a prática e a perpetuação dos saberes construídos a partir da convivência dos povos da floresta com os ecossistemas amazônicos e impedindo a expressão das particularidades culturais desses grupos. Saberes que, como dito por Porto Golçalves (2001), podem ser, sem dúvidas, misteriosos para os não amazônidas, principalmente em um território no qual as mudanças entre seca e cheia, as crenças, as plantas e animais e etc são vistos como relacionados.

Demorou muito tempo para que eu entendesse o que me mobilizava ao trabalhar com os povos da floresta que moram na beira do rio Madeira. Certa vez me questionaram o que me fazia gostar tanto de Nazaré, o que me fazia ter escolhido a Amazônia. Esta pergunta ecoou em meus ouvidos por todo decorrer do primeiro ano do mestrado, das idas à campo, das voltas às emoções e cenas vividas com meus interlocutores ao ler o caderno de campo, nas disciplinas e em muitos outros momentos.

Comecei a me lembrar de todas as minhas idas à Amazônia e todas as conversas que lá tive. Já em meu primeiro ano, em 2005, era comum ouvir dos moradores de diferentes comunidades questionamentos sobre as barragens, nunca respondidos pelas autoridades públicas. Os processos de decisão, assim como a circulação de informações mínimas, eram feitos distante dos moradores locais, que não recebiam nenhuma informação com relação à obra.

Na minha primeira ida ao baixo madeira, que aconteceu ainda no segundo ano da graduação, conheci uma organização não governamental que era formada por profissionais de diversas áreas do conhecimento e que tinha como objetivo elaborar e executar projetos de apoio ao desenvolvimento de comunidades ribeirinhas da Amazônia e também contribuir para a formação de estudantes universitários. Durante o período letivo, os estudantes se encontravam periodicamente em São Paulo para formação e criação dos projetos de atuação, e após este trabalho, quando selecionados, passavam as férias trabalhando nas comunidades.

A organização era dividida em três áreas: saúde, educação e produção. Acabei optando por entrar na equipe de educação, que tinha como projeto a realização de um curso de formação para educadores ribeirinhos. Minha responsabilidade inicial era a de fazer as pesquisas sobre políticas públicas de educação do campo, suas possibilidades e especificidades, além de acompanhar a área de produção, que abordaria os temas relativos ao cooperativismo, beneficiamento de produtos e etc.

O curso de formação tinha o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho e todos os professores das escolas de 15 comunidades foram convocados a participar. Eles contavam com felicidade que esta era a primeira vez que uma formação acontecia em uma das comunidades e não na capital; no entanto, não podemos esquecer que, embora feito na comunidade, ele foi montado por pessoas que não vivem na região. Isso ficou claro durante seu desenvolvimento, quando percebemos que alguns dos temas levados não eram questões para estas pessoas e sim para nós. Depois desta experiência, participei por mais três anos desta organização, período que tive diferentes responsabilidades e fui me aproximando cada vez mais de alguns dos moradores das comunidades da região.

Durante toda a minha participação, fui percebendo o quanto era difícil que o encontro entre estudantes e profissionais de São Paulo e os moradores destas comunidades não tivesse um caráter colonizador. Os projetos criados, muitas vezes, não eram feitos por meio do diálogo com as pessoas que ali moram, como se elas precisassem aprender, com pessoas de São Paulo ou de outros grandes centros urbanos, qual era a melhor forma de se viver na Amazônia. Entretanto, mesmo que muitas vezes com estruturas precárias de moradia, educação, saúde e trabalho, os moradores do baixo-madeira, juntos, encontram soluções para seus problemas e contam suas histórias com enorme disposição de dividir a sabedoria presente em sua forma de viver.

As comunidades existentes na região do baixo rio madeira possuem diferentes formas de organização comunitária, crenças religiosas e maneiras de contar as lendas e comemorar os festejos locais. Além disso, elas têm diferentes níveis de acesso à tecnologia, estruturas de água encanada e energia elétrica. É possível encontrar uma comunidade que possui água encanada e um gerador que fornece eletricidade para todas as casas a 3 horas de trilha de outra que não tem a mesma estrutura. Algumas comunidades possuem escola até o final do ensino médio e unidade básica de saúde (UBS) em funcionamento, enquanto muitas outras possuem apenas uma escola multiseriada de ensino fundamental I e para ter acesso à UBS dependem de deslocamento para outras comunidades ou para Porto Velho. Muitas das pessoas também contam com os cuidados da saúde feitos pela presença de um curandeiro e uma benzedeira.

Ao conviver com a população local, pude perceber a força das tradições e o cuidado presente nas relações entre as pessoas umas com as outras e com a floresta.

As tradições ribeirinhas, ao serem transmitidas de geração em geração, carregam em si a beleza das histórias de um povo que ali vive há muitos anos.

Foi com esta reflexão e, principalmente, pela aproximação com algumas pessoas destas comunidades, que eu cheguei ao meu interesse em investigar com profundidade, a partir de um estudo de campo em regime de observação participante, a forma de vida dos moradores de lá. Assim, compreender quais são as condições para a sobrevivência deste grupo, as formas de organização da vida cultural que preservam o enraizamento e quais são as atuais ameaças de desenraizamento vividas por ele.

Certo dia, estávamos em uma roda assando peixe e conversando e, vindo pelo rio de outra comunidade, como todos que ali chegam, um senhor se juntou a nós. No meio das conversas, ele nos contou o porquê do nome de sua comunidade de origem: Cuniã, que significa menina que chora. Havia lá uma menina que não respeitava as regras da floresta e da comunidade. Uma noite, ela saiu de casa e se perdeu na mata. Sua família e amigos ficaram dias e dias a procurando, até que ela foi achada com a metade do corpo e do rosto destruída pelo “neguinho da mata”. Segundo ele, ainda hoje, durante o silêncio da noite, se pode ouvir seu choro.

Questionei-o sobre quem era o “neguinho da mata” e ele respondeu que era um menino que vestia uma capa de pele de onça, era grande conhecedor dos caminhos da floresta, era ágil e tinha muitos poderes. Ele existia para proteger as matas, os animais, os rios. Tudo o que ali vivia.

Em outro momento, em uma comunidade que não tem luz elétrica, estava escrevendo meu diário de campo na varanda, onde conseguia alguma iluminação da luz da lua. Enquanto escrevia, um senhor que morava na casa ao lado passou por mim e me olhou com ar de curiosidade. Depois de poucos segundos ele voltou e questionou o porquê de estar escrevendo no escuro. Eu então lhe expliquei que

hávamos nos esquecido de levar velas e baterias extras para as duas lanternas que tínhamos. Por este motivo, decidimos apenas usar a nossa iluminação para entrar e sair das nossas redes durante a noite. Ele não conteve seu riso diante de nosso esquecimento.

Algum tempo depois, ele voltou com a mão cheia de velas e uma caixa de fósforos e me disse que havia trazido as velas para que eu não ficasse mais no escuro. Minha primeira resposta foi a de não poder aceitar, pois sabia bem qual era a dificuldade de conseguir este material. Ele, então, me respondeu: *Aceite as minhas velas! Sabe o que é, menina? Aqui, a gente aprende que sem ajuda nós não vive.* Frente à minha dificuldade em perceber o significado de seu gesto, ele me explicou com palavras a importância de se viver em comunhão.

Fui aprendendo muitas coisas nestes três anos. Aprendi como os moradores cuidam uns dos outros e da vida na floresta e percebi o quanto havia um sentido de comunidade nesse grupo. Eu estava ali no papel de quem doava, mas tive que reaprender a importância de receber. Aprendi, na prática, com a família deste senhor, que as relações mudam quando isso acontece, a cumplicidade fica fortalecida.

Nazaré tem em sua vida cultural algo que me impressiona. Algo que, em minha hipótese, preserva as tradições regionais, que abrem campo para uma rica experiência de participação e pertencimento, que indica aspectos de resistência frente as constantes ameaças de desenraizamento e restrições materiais. Embora existam diferentes pressões que dificultam as expressões das formas de viver que diferem daquelas ligadas à ideologia dominante, os moradores de Nazaré têm encontrado, durante a história da comunidade, formas de reinventar o seu existir e de continuar

seu fluxo, trazendo em suas invenções do cotidiano formas de resistência ao poder do dominador⁶.

As formas como as lideranças locais preservam e transmitem as tradições e a história do grupo, como assumem o papel de sábios conselheiros ou de autoridades religiosas; a forma como as atividades produtivas envolvem relações respeitosas com os outros e com a natureza, a pedagogia muito ligada à transmissão oral de valores, lendas e mitos; todo esse conjunto de elementos integra uma forma de organização comunitária que sustenta experiências psicossociais que merecem uma investigação aprofundada.

Junto destas reflexões percebi que o que me faz sempre voltar a Nazaré e ao Baixo Madeira é a indignação ao ver tamanha violência nas formas de dominação e opressão presentes no processo de construção da barragem e nas relações estabelecidas com os centros urbanos ou com as políticas do estado, mas acima de tudo, a vontade de tentar compreender a força e as maneira com que aquelas pessoas têm de encontrar saídas a estes processos. Descobri, portanto, que meu vínculo não está com somente com a Amazônia, mas sim com a força e lutas de seus povos contra a espoliação econômica e a humilhação social.

Sobre este sentimento de indignação e raiva, Paulo Freire diz:

[...] Em face de tudo isso, eu pelo menos, não vejo outro caminho para caminhar com a minha raiva legítima, com minha justa ira, com minha indignação necessária senão o da luta político-democrática de que possam vir resultando as indispensáveis transformações na sociedade brasileira, sem as quais esse estado de coisas se agrava em lugar de desaparecer. (FREIRE, P., 1997 - Professora sim, tia não, p.71)

Relatar as formas de viver e conviver aprendida junto dos Ribeirinhos da região do baixo rio Madeira não é, de forma alguma, uma tentativa de definir o que é

⁶ Esta ideia de invenção do cotidiano aparece em Certeau (1994).

ser ribeirinho ou brasileiro ali. O ser do *beiradeiro*, do caboclo, do ribeirinho, do brasileiro de Nazaré não pode ser definido em uma palavra, afinal o ser é devir, é transformação. Assim, não temos a pretensão de explicar ou definir uma identidade *beiradeira* estática, que não se transforma. O ser que encontramos ali é o ser que navega pela vida se transformando! É como o próprio rio descrito por Guimarães Rosa, em *O Grande Sertão: veredas*, que não quer chegar a lugar nenhum, só quer ficar mais largo e profundo, só quer se transformar.

A partir destas considerações iniciais, é possível afirmar que este trabalho se insere no campo de pesquisas da psicologia social comunitária. Interessa-nos, portanto, investigar a dialética enraizamento – desenraizamento numa comunidade específica, ou seja, o processo pelo qual a formação das raízes e a organização comunitária de Nazaré permitem ao grupo enfrentar as ameaças de desenraizamento advindas do processo colonizador ainda em curso.

A finalidade não é a de simplesmente observar o sofrimento e as formas de viver as injustiças sociais, mas sim, de possibilitar um espaço de entendimento das injustiças e da exclusão vividas, além de contribuir para a criação de espaços de compreensão dos fatores que formam e influenciam esta situação e as possibilidades de enfrentamento com raízes locais, estudos amplamente encontrados nos textos de autores como Guareschi (1996), Montero (2005), Sawaia (2007a), Gonçalves Filho (2005; 2007), Ciampa (1995), entre outros.

A presente dissertação foi se transformando na medida em que o trabalho foi feito. Desta forma, pretendo aqui apresentar o resultado de um estudo piloto: a descrição e análise de itens para o retrato etnográfico da comunidade de Nazaré. Itens que, durante a observação participante e as entrevistas, me pareceram fundamentais para a experiência de enraizamento dos moradores desta comunidade. Irei apresentar

somente o início, pois seria impossível em tão pouco tempo e sem uma interlocução mais intensa com as pessoas da comunidade propor escrever algo tente ser mais de que um começo de compreensão das formas de viver deste local. Tendo, portanto, deixar nestas páginas, mesmo que finalizadas, ainda em construção, um pouco da história de luta de amigos tão importantes que conheci nestes anos de Amazônia.

A presente dissertação está dividida em 5 capítulos, sendo que o quarto está dividido em 6 subcapítulos, que representam os doze itens aqui tratados para o retrato etnográfico de Nazaré.

Os capítulos foram pensados de forma que as observações da pesquisadora registradas no caderno de campo, as entrevistas e os autores que falam sobre os assuntos aqui tratados pudessem aparecer em diálogo. Desta forma, a tentativa foi a de que os diferentes interlocutores presentes (de forma direta ou indireta) pudessem apresentar-se construindo de fato um conhecimento formado a partir das tramas de vozes e não na separação entre o conhecimento acadêmico e os relatos compartilhados pelo moradores de Nazaré. Assim, nossos leitores encontrarão nos capítulos todas as vozes, indicadas por seus nomes (em caso de entrevistas), que conversam sobre os mesmos assuntos, a partir das compreensões e leituras da pesquisadora.

É importante ressaltar que, quando questionados sobre o uso de seus nomes reais ou pseudônimos, após explicado todos os cuidados éticos da pesquisa, todos os interlocutores que foram entrevistados optaram pelo uso de seus nomes reais. Assim, todos os nomes dos moradores de Nazaré aqui citados são de interlocutores que contribuíram com a construção da presente pesquisa, compartilhando de maneira muito ativa suas histórias, lutas e formas de viver.

2) Objetivos da pesquisa

2.1 Objetivo geral

Investigar a experiência de enraizamento em uma específica comunidade ribeirinha do baixo-madeira. Estudar o sentido de comunidade presente nesse grupo e como ele sustenta o enfrentamento das forças sociais e dos impactos que contribuem para desintegração de sua cultura e trazem a ameaça de desenraizamento.

2.2 Objetivos específicos

1- Investigar a forma pela qual a comunidade assimila e compreende a construção da usina hidroelétrica de Santo Antônio, assim como seus impactos atuais – durante a construção – e após seu termino; investigar igualmente os impactos dessa obra na vida social do grupo e as formas de organização política para participar das decisões a respeito dela.

2- Estudo da organização econômica e política da comunidade, suas formas de produção e de troca, os valores e entendimentos da natureza e das relações sociais que se materializam nas praticas de trabalho, nas relações escolares e em outras instituições formais e não formais da comunidade.

3- Estudo das festas e manifestações artísticas presentes na organização da vida comunitária, suas características e importância na integração do grupo.

4- Contribuir para o registro histórico da vida cultural dessas comunidades a partir da perspectiva da população tradicional da região.

3) Método da pesquisa

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo...

João Guimarães Rosa, “Campo Geral”

Fizemos, nesta pesquisa, um estudo de campo no regime de observação participante na comunidade de Nazaré, localizada no Norte do Estado de Rondônia. Assim, a intenção foi a de, e dois períodos de um mês (em março e abril de 2011 e janeiro e fevereiro de 2012) participar dos eventos da comunidade, das reuniões e mecanismos de convivência política (tais como as reuniões periódicas da associação de moradores, os encontros de discussão na igreja, após a celebração religiosa, entre outros encontros que são agendados com a população), além de ter conversas informais com diferentes pessoas e viver alguns dos acontecimentos de seus cotidianos.

Segundo Gonçalves Filho (2005), esta é a experiência vivida pelo pesquisador que se desloca para perto daqueles que vivem o fenômeno que se vai pesquisar. Desta maneira, a *comunidade de destino* envolve um deslocamento que não é apenas físico. O pesquisador não transfere só de endereço, mas para o tempo e o espaço daqueles que vivem a experiência da opressão e assim, vive uma alteração de seu ponto de vista. Esta alteração não é de forma alguma uma adoção irrefletida das opiniões destes homens e mulheres, mas sim a chance de estar no lugar onde as opiniões são formadas, onde há diálogos e trocas. Como Miquilim, de Guimarães Rosa (2001),

que, com a descoberta de seus óculos, pôde enxergar a vida de uma nova maneira, a partir de um novo ângulo e, com isso, ter a oportunidade de ver novas cores!

Segundo Gonçalves Filho, *comunidade de destino* não é apenas a comunidade no sofrimento, mas também no engajamento político e na resistência contra a dominação, comunidade de cultura, de amizade e de alegria. Ao conviver com estas pessoas, podemos ver em seus gestos e palavras não só a experiência de quem foi dominado, mas também as forma de resistência pessoal e coletiva perante este fenômeno.

Para compreender os fenômenos culturais específicos da comunidade é necessário estar exposto de forma sensível ao diálogo e aos acontecimentos do dia a dia destas pessoas, é preciso alongar a convivência junto deles. Assim, permitir que os rostos e vozes apareçam e que as conversas sustentem reflexão e transformação tanto para o pesquisador, quanto para o depoente (Gonçalves Filho, 2005). Esta aproximação permite que seja realizada o que Geertz (1989) chamou de descrição densa, ou seja, conseguir que os fenômenos sociais sejam descritos de maneira inteligível e que nos mostre as tramas de significados que formam a cultura.

Como recurso complementar, também realizamos entrevistas abertas com 8 sujeitos envolvidos em situações de destacada importância para a pesquisa. Os sujeitos foram escolhidos por serem considerados lideranças locais (formais ou informais) ou moradores antigos que puderam contar a história de formação da comunidade. Faremos uma breve apresentação dos entrevistados, antecipando alguns dados relevantes que permitirão melhor compreender a análise dos resultados. São eles:

- 1- Timaia – Nascido e criado em Nazaré, educador formado em letras, um dos criadores do grupo minhas raízes. Timaia foi recentemente

aprovado no concurso para professor da escola Estadual que está em fase de construção em Nazaré. Timaia luta por ideais construídos em parceria com outras pessoas da comunidade, como por exemplo na organizações de eventos culturais e de celebrações religiosas. Músico, compositor, ator e um dos escritores das comédias feitas em Nazaré, Timaia sempre trabalha de forma a unir as histórias da região em seus trabalhos, principalmente nas peças de teatro, nas músicas e nos festejos. Filho do professor Manoel Maciel Nunes, Timaia foi criado em meio a expressões artísticas e livros. Foi, sem dúvida, um dos parceiros mais presentes nesta pesquisa.

2- Dona Vena – Ribeirinha nascida e criada no baixo rio Madeira. Ela foi uma das primeiras moradores de Nazaré, casada com seu Nanã – antigo patrão da comunidade, ela chegou ali ainda menina, quando se casou. Dona de casa, em Nazaré criou seus dois filhos e acompanhou a fundação e desenvolvimento da comunidade. Dona Vena, em suas falas, nos mostra sempre a importância da ajuda mútua e sempre enfatiza que a beleza de Nazaré está justamente na vida em comunhão.

3- Anauá – Ribeirinho, nascido e criado em Nazaré, filho do antigo curandeiro da comunidade, conta que já tentou morar em outros locais algumas vezes, mas que não consegue ficar longe de sua comunidade. Sua família, sempre presente em nossos encontros, caminhadas no mato e incríveis almoços e merendas em sua casa, participou também ativamente de nossas conversas. Ele conta as lendas e histórias locais como ninguém, além de participar

ativamente na construção dos eventos culturais de Nazaré (como o festejo e as peças de teatro). Foi também, junto com o Timaia, um dos maiores interlocutores que tive durante o desenvolvimento da minha pesquisa e, sem dúvidas, de toda minha história na Amazônia.

- 4- Seu José Ferreira – Integrante da velha guarda de Nazaré, sempre nos recebe com um bom samba escrito por ele! Seringueiro desde criança, quando saiu da casa dos seus pais – em outra localidade, pois precisava ajudar a família financeiramente. Ele conta emocionado do dia que teve que sair de casa de sua família, ainda menino, para fazer parte do exército da borracha. Porém, sempre fala com enorme tristeza que gostaria de ter frequentado a escola. Suas histórias são sempre cercadas de músicas e dos objetos que fizeram parte dela!
- 5- Professor Artêmis – Nasceu no Amazonas, próximo ao Humaitá. Chegou a Nazaré para trabalhar no mato, como a grande maioria dos homens da comunidade, mas foi chamado pelo professor Maciel para também se tornar professor na comunidade, cargo que teve até sua aposentadoria. Além de ter também participado do início da construção das peças de comédia em Nazaré, sendo ele também grande apoiador das formas de expressão artísticas e culturais que acontecem na comunidade. O professor Artêmis conta suas histórias com generosidade, sempre em frente ao igarapé – cercado de botos, com seus netos correndo a sua volta, experiência rica e difícil de descrever!

- 6- Seu Manduca – Também do baixo Madeira, morador antigo da comunidade que em nossa conversa compartilhou o porquê gosta tanto daquele lugar. Grande parceiro do Professor Maciel e do Professor Artêmis nas manifestações culturais da comunidade, seu Manduca me contou suas histórias da época da solva e, posteriormente, da castanha. Suas histórias são ricas, cheias de detalhes e elementos que não nos permitem perder a atenção!
- 7- Seu Pantoja – Grande parceiro de conversas na varanda do seu comércio e da sua casa! Ele chegou em Nazaré ainda jovem e lá se casou e constituiu sua família. Seu Pantoja contou as histórias de suas caçadas e de como era a organização do trabalho dos homens no mato.
- 8- Jeferson – Presidente da Associação de produtores e amigos de Nazaré, Jeferson, nasceu e foi criado na comunidade, além de ter sido o interlocutor mais jovem da pesquisa. Ele contou da importância da luta coletiva por direitos! Mostrou os caminhos percorridos por eles para tentar conseguir água potável, reformas na comunidade, entre outros pontos, oferecendo-nos importantes relatos sobre a organização política da comunidade.
- 9- Professor Raimundo – Diretor da escola, o professor Raimundo nasceu na comunidade e passou alguns anos em outras localidades, mas logo voltou a morar em Nazaré. Em sua entrevista, contou principalmente das dificuldades enfrentadas por eles em relação ao acesso à saúde e à educação.

As entrevistas foram semi-estruturadas, o que tinha como objetivo facilitar o trabalho de rememoração e de narrativa dos depoentes. Os núcleos temáticos das entrevistas foram formulados a partir da convivência permitida pela observação participante, e podem ser compreendidas como índices que estabelecem o eixo das narrativas.

A tomada de decisão de realizar as entrevista após a etapa de observação participante foi inspirada na reflexão de Gonçalves Filho (2005), que diz que a entrevista deve estar apoiada em uma convivência anterior, repleta de conversas e baseada em amizade política, para só depois ter o uso do gravador.

As observações e entrevistas priorizaram o histórico de formação da comunidade, as experiências de trabalho e os aspectos ligados as possíveis formas de resistência frente às diversas pressões sociais vividas na comunidade (tais como a decisão de transformar ou não Nazaré em uma Reserva Extrativista - reconhecida legalmente pelo SNUC, as políticas de preservação integral da natureza, o enfrentamento das transformações do território pela construção da barragem, entre outras).

Desta forma, registramos as observações de como a vida política, econômica, as trocas de saberes cotidianas e as formas de expressão artística se organizam na estruturação da vida social na comunidade e que importância esta experiência comunitária tem no processo de enraizamento.

A coleta de dados aconteceu em dois períodos distintos. O primeiro ocorreu durante o mês de março/abril e o segundo de janeiro a fevereiro de um mês cada, sendo que o segundo foi mais curto do que o planejado, devido ao adoecimento da pesquisadora. O fato da água não ser tratada pela maioria dos moradores da comunidade acabou sendo limitante para a estada da pesquisadora por longo período

de tempo. Desde o início dos trabalhos em Rondônia, após algumas semanas os limites do corpo apareciam, dando ênfase a estes aspectos da alteridade encontrada na presente pesquisa.

Como dito anteriormente, nosso objetivo foi a “descrição densa” da vida comunitária deste grupo. Desta forma tentamos, durante a análise dos dados, indagar o que estava sendo transmitido nas ações sociais e não fazer a simples descrição delas. A intenção não era a de repetir estudos em que o outro aparece como objeto do pesquisador – como subalterno, mas questionar e produzir *com* os moradores conclusões sobre a vida comunitária a partir de pequenos fatos do dia a dia que são profundamente entrelaçados (GEERTZ, 1989).

Assim, como observou Schmidt (2006), o conhecimento passa a ser construído a partir das tramas de vozes e saberes que se faz no diálogo entre “pesquisador” e “colaborador e/ou interlocutor” durante o “encontro etnográfico”. Desta maneira, a pesquisa conta com a coautoria de seus interlocutores.

Seguindo a orientação de Gonçalves Filho, realizamos a interpretação das narrativas de forma a dar continuidade ao exame que foi iniciado pelo depoente. As lembranças e as discussões trazidas por ele irá dialogar com as lembranças e discussões do pesquisador e de outros autores que estudam o assunto. O que estamos propondo aqui é o diálogo entre as perspectivas, sem que uma forma de olhar se sobreponha a outra. Desta forma, caminharemos “... para uma compreensão do fenômeno que então já não será a minha ou dele, mas que será construída entre nós” (Gonçalves Filho, *op cit*, p. 279).

4) Nove itens para o retrato etnográfico de Nazaré

Em minhas idas para Nazaré, no barco durante as horas de viagem, cozinhando, ou simplesmente sentada em frente ao “barranco” na beira do rio, muitos elementos foram criando destaque. Alguns eu pude elaborar durante a viagem, outros foram claramente apontados por interlocutores em Nazaré e tantos mais foram abrindo espaço na memória e surgindo na consciência em conversas com interlocutores de São Paulo.

Certamente, outros itens surgiriam por diferentes pessoas e em mim continuarão emergindo a medida que esta rica experiência for sendo elaborada. Como já dito, este é um estudo piloto de um retrato que possa contribuir para a compreensão das formas de viver deste homens e mulheres, para contribuição de uma luta diária pela experiência de enraizamento. Desta forma, muitos pontos chegam seguidos de um convite de continuidade e aprofundamento.

4.1) Histórico de formação e estrutura de Nazaré

Los científicos dicen que estamos hechos de átomos pero a mí un pajarito me contó que estamos hechos de historias.

Eduardo Galeano

Nazaré possui atualmente cerca de 550 habitantes e está localizada à margem esquerda do Rio Madeira (sentido Porto Velho a Humaitá), a uma distância de 200 Km de Porto Velho, que podem ser percorridas em uma média de 8 horas por meio de viagem em barcos comerciais.

Localização satélite da comunidade de Nazaré

Localizada no entorno de duas Unidades de Conservação, uma de uso sustentável⁷ (a Reserva Extrativista do Lago do Cuniã) e a outra de proteção integral⁸ (Estação Ecológica de Cuniã), a comunidade é formada por descendentes de índios que ocupavam a região, e pessoas que vieram do estado do Amazonas e do Nordeste para trabalhar nos seringais da região como consequência dos estímulos concedidos pelo Estado para aumentar a ocupação amazônica. A comunidade ocupa uma pequena parte da beirada do rio Madeira e cresce ao longo de um igarapé⁹. No meio da comunidade existe uma ponte, que serve para a passagem das pessoas de um lado a outro da comunidade durante os meses da cheia.

⁷ Caracterizada, entre outros fatores, pela habitação humana.

⁸ Não permite habitação humana.

⁹ Pequeno leito de um rio ou canal que, no caso de regiões de várzea, possui épocas de cheia e seca, ou seja, ele pode ficar mais raso ou mais profundo.

Ponte na época de cheia e cheia do rio

Acesso às casas na época de cheia do rio.

A chegada dos primeiros habitantes, e a história de formação de Nazaré, está intimamente ligada à história da família de seu Nanã, antigo proprietário das terras da comunidade. A família de seu Nanã é a primeira a ocupar esse território, na metade da década de 60 (ou seja, início do governo militar). A chegada de um patrão, que começa a explorar um pedaço de terra foi um aspecto comum da história das comunidades ribeirinhas do baixo Madeira. Em uma das comunidades da região, ainda é possível encontrar uma espécie dono do território, revelando o aspecto principal do processo histórico de desenvolvimento das comunidades da região.

Portanto, a formação da comunidade de Nazaré teve início principalmente durante a época da ditadura militar, na década de sessenta. Segundo a Dona Vena, viúva de seu Nanã, as terras da comunidade pertenciam, originalmente, a seu sogro, homem de origem portuguesa, que veio ao Brasil em busca de trabalho. Entretanto, ela não sabe dizer quando foi que seu sogro chegou na Amazônia e como ocorreu a concessão das terras para ele. O que ela conta é que ele chegou no Amazonas, casou-se com uma manauara, com quem teve muitos filhos (a depoente não sabe dizer quantos). Seu Nanã, por sua vez, nasceu na Amazônia, embora todos os moradores antigos da comunidade se refiram a ele como português.

A construção da comunidade, tal como a conhecemos, se deu quando o seu Nanã herdou a propriedade de seu pai, que era o patrão, ou seja, o dono das terras do seringal. O trabalho de seu Nanã foi preparar esse território para a exploração da borracha (que durou até o final da década de 60). Ele montou o barracão e a primeira casa e modificou o curso do igarapé, que fez com que a comunidade, antes de se chamar Nazaré, fosse conhecida como “boca do furo”, pois ela, a partir desta transformação, se localizava na “boca do furo” para o rio Madeira.

Antigos barracão da comunidade

Esta transformação foi feita pois o acesso das terras de seu Nanã para o rio Madeira dependia do igarapé e, por isso, era bastante dificultado (pela distância do rio e pelo fato de que na época de seca o igarapé ficava extremamente raso, impossibilitando o transporte com embarcações maiores que uma canoa). Desta forma, seu Nanã durante o período de seca ordenou que “seus homens” fizessem um caminho do igarapé até o rio, quando chegou a época da cheia, este caminho ficou cheio de água, alterando o curso natural do igarapé, além de cortar um pedaço da fazenda ao lado de Nazaré.

Os primeiros trabalhadores chegaram e ficaram hospedados em sua casa. Posteriormente, construiriam suas próprias casas e a comunidade, assim, começou a crescer. A fama de bom patrão de seu Nanã fez com que os primeiros trabalhadores fossem chamando parentes e conhecidos para trabalharem juntos, oferecendo hospedagem inicial até que pudessem construir suas próprias casas. Segundo seu

Vijico, que chegou em Nazaré ainda com 9 anos de idade, seu Nanã era filho de Barão:

Sou veterano. Trabalhava com o Eduardo da Costa Filho¹⁰... vim para cá com 9 anos (pausa longa). O velho veio, foi lá em casa e se compadeceu com o que viu. Eu vim então pra cá trabalhar na seringa pro meu pai ficar lá cuidando dos meus irmãos, criando os meninos tudinho.... Todos já morreram. Nessa época ainda não era Porto Velho, mas sim Santo Antônio. No começo morei com o seu Nanã e trabalhava na casa dele, depois me mandou para a seringa... Nessa época a comunidade era pequena, depois encheu mesmo na época da Solva. Meu pai não conhecia bem o seu Nanã, mas minha mãe era tia do Mundico¹¹. Vim pra cá nessa época e nunca mais voltei. Aqui casei e tive meus filhos... Nunca soube o que era juventude.

Segundo as conversas com dona Vena, seu Artêmis, seu Pantoja e seu Vijico, o seu Nanã convidou alguns homens que havia conhecido no Amazonas ou que eram indicados para ele e, com o tempo, por ele ser conhecido por ser um bom patrão em comparação aos outros da região, as pessoas foram chegando sozinhas na localidade.

Dona Vena e seu Nanã se conheceram em uma comunidade vizinha, local em que ela morava com seu pai – seringueiro - e sua mãe. Ribeirinha do rio Madeira, ela conta que sempre pegava um pouco de seringa para seu pai vender e ela poder comprar tecido para fazer seus vestidos. Ela conheceu seu marido e logo depois se casaram. Com ele teve uma filha e um filho.

Quando casou-se com seu Nanã, a comunidade ainda era pequena, só existiam 7 famílias, entre elas, a família do seu Pantoja, do seu Vijico e do seu Zé Ferreira, que ainda são moradores da comunidade de depoentes da presente pesquisa. Dona Vena conta que era comum novas famílias chegarem lá a procura de trabalho no seringal.

¹⁰ Nome completo de seu Nanã.

¹¹ Seu Mundico é um dos moradores antigos da comunidade. Hoje dono de um comércio de alimentos e botijão de gás, além de uma pousada.

Segundo os relatos, os fregueses moravam afastados do seringalista, porém, atualmente, no local aonde o patrão morava, encontram-se várias casas bem próximas umas das outras e próximas à antiga casa do patrão e seu barracão.

Os relatos sobre esta época variam a cada depoente. Seu Nanã é descrito como homem bravo, grosseiro, porém justo. Contudo, houveram depoentes que contaram que foram morar na comunidade na época do seu Nanã, não se deram bem, e só voltaram com sua morte. Outros homens já contam que lá não eram tratados como escravos e que até chegavam a tirar lucro da conta do barracão no fim do mês.

As lembranças sobre o patrão oscilam entre um pai, que oferece moradia e auxílio na construção das casas, e um patrão que se aproxima a um senhor de escravos, dono de uma terra na qual os homens trabalham pela sobrevivência de sua família. É possível constatar um regime de trabalho (comum nos seringais) que em muitos momentos legitima e autoriza ações violentas e opressoras.

Assim a comunidade foi crescendo e se formando. Junto do enfraquecimento das vendas da borracha, começou o que os moradores chamam de ciclo da Solva (em meados de 60), que tinha uma forma de coleta parecida com a da borracha. Posteriormente, veio o ciclo da agricultura e da pesca. Segundo os relatos, os homens tiraram borracha na localidade por muito pouco tempo, pois logo depois da chegada de seu Nanã no local, as vendas já enfraqueceram.

Ninguém na comunidade sabe explicar como era feita a concessão de terras naquela época. Os moradores de Nazaré contam que antigamente, ao chegar na Amazônia, era preciso demarcar a terra e entrar com o pedido de documentação. Mas a documentação só saía para poucos. Os produtores mais fracos, como dito por eles, que viviam em terras próprias, viviam sem documentação alguma e, na medida em

que não queriam ou não podiam mais trabalhar nestes pequenos pedaços de terras, eles simplesmente a abandonavam.

As situações que os faziam sair de suas terras eram diversas. Em uma conversa na comunidade, um senhor me contou que ele possuía uma plantação de café e mandioca em um pequeno sítio com uma casinha, porém um dia chegou em seu pedaço de terra e alguns animais da floresta haviam destruído tudo e, por não ter como recomeçar a plantação, ele acabou por abandonar o seu sítio e voltou a trabalhar com os produtos da floresta.

Em umas das conversas na beira do rio, uma moradora da comunidade contou que antigamente ela e seu marido possuíam uma fazendinha na beira do Madeira, ao lado das terras de seu compadre, que após algum tempo adoeceu e faleceu com problemas do coração. Depois da perda de seu amigo, ela e o marido não conseguiam mais cuidar de seu pequeno gado. Essas escolhas revelam que a relação com a terra não passa simplesmente por um cálculo econômico de rentabilidade, mas por aspectos integrados à vida social e cultural do grupo. Ela conta:

Chegar em nossa fazendinha fazia a gente lembrar do cumpadi que deu força pra gente ter nossos bois. Depois de que ele morreu, a gente vendeu os bois e abandonou a terra. Ele era como família, e perder família dói. Agora lá é só mato, nem sei se a casa ainda tá de pé e nem quero saber. Graças a Deus agora a gente tem outras formas de viver e nossos filhos tão crescidos. Depois disso nunca mais fomos lá. Ainda temos contato com a cumadi e ajudamos no que podemos, mas as terras abandonamos.

A compreensão de certos aspectos da ocupação do solo que se apresentam em Nazaré e em outras localidades da Amazônia acontecem em momentos distintos, e por isso, torna necessária uma breve apresentação da história os fluxos migratórios da região. O histórico de ocupação e dominação das terras da Amazônia e criação dos

seringais é longo e complexo, passando pelos ciclos da borracha e, em Porto Velho, com a desastrosa construção da estrada de ferro Madeira Mamoré. O governo de Vargas (entre 1930 – 1945) traz a chamada “Marcha para o Oeste” brasileira, que levou diversas famílias, principalmente de nordestinos, para os territórios Amazônicos com a finalidade de trabalhar nos seringais. Trabalho que se desdobrou em um regime de dominação e opressão, deixando estes trabalhadores completamente sob o controle do seringalista, pois os migrantes nordestinos eram levados para a floresta, local no qual eles não estavam habituados a viver, e lá moravam nas terras do patrão, sendo obrigados a viver sob seu controle e regras, além de terem que deixar parte do seu salário, senão ele todo, para pagar as contas do barracão e de moradia.

Também como fator de influência, logo na década de 50 o país passava por uma fase desenvolvimentista, que desde o governo de Juscelino Kubitschek, com o slogan de “50 anos em 5”, fomentavam ações de desmatamento.

Adiante, segundo conversas com docentes da Universidade Federal de Rondônia, a década de 60 foi marcada, inicialmente, pela ação das ligas camponesas e pelos projetos de reforma agrária. Chegava ao estado de Porto Velho, nesta época, os movimentos de teologia da libertação e outros movimentos sociais, pois a população do estado já enfrentava as graves consequências do final do segundo ciclo da borracha. Entretanto, com o início do regime militar, estes movimentos foram praticamente extintos do estado, assim como as diferentes formas de expressão religiosas e de festejos tradicionais foram oprimidos.

Com o golpe militar, em 1964, o desmatamento da floresta cresceu notoriamente, coincidindo com o que foi chamado de “milagre econômico” no Brasil e, desta forma, mostrando indícios das prioridades do governo na época. Em 1966, o slogan criado pelo presidente Castelo Branco sobre o território da Amazônia era

“Integrar para não entregar”. Para o pensamento da época, os perigos da internacionalização da Amazônia eram iminentes e o estado deveria intervir com o foco em sua “proteção”. Segundo Porto Gonçalves (2001), nunca houve uma época com tantos investimentos internacionais na floresta como esta, que tinha como “foco” a não internacionalização.

Nesta época, houveram maciços investimentos para o que era denominado pelo governo militar como “desenvolvimento” da região. Em nome da segurança nas fronteiras, a floresta amazônica, que o governo militar entendia como “vazios no território nacional”, deveria ser ocupada e dinamizada economicamente. Esta missão passou a ser, declaradamente, objetivo principal das autoridades governamentais do país, impulsionando a migração de pessoas do sul e, principalmente, do nordeste, à Amazônia. Com o discurso de desenvolver economicamente o país a partir, entre outros fatores, do povoamento da região norte, o governo militar contribuiu para uma ocupação extremamente predatória da região. (BONFIM, 2010)

Essa forma de ocupação tem uma tônica comum: não consideraram as populações que viviam na região, atropelaram culturas tradicionais, desrespeitaram brasileiros e destruíram florestas passando por cima das leis do país, tudo em nome do “desenvolvimento”. (SIQUEIRA e VASCONCELOS, 2010)

Segundo Siqueira e Vasconcelos (op.cit.), tanto os povos originários da região, quanto os povos que migraram nos diversos ciclos, construíram formas de viver baseados em um íntimo conhecimento da natureza, que conta com um campesinato fortemente ligado em sistemas agroflorestais. Porém, estes conhecimentos vem sendo historicamente desconsiderados.

Em 1976, o governo federal passa a regulamentar as terras que em grande maioria eram ilegais. O critério para esta regulamentação era a “Boa fé” dos

proprietários no controle de 60 mil hectares, mostrando cada vez mais que o Estado foi a favor de um desenvolvimento econômico e não da valorização do pequeno produtor. O que confirma com precisão os relatos dos agricultores locais sobre a distribuição de terras aos produtores mais poderosos.

Nesse momento, a comunidade pode ser assim descrita: uma fazenda com sede no barracão e homens trabalhando para seu Nanã.

No entanto, neste momento, a quantidade de crianças faz com que o patrão pense na possibilidade e na importância de construir uma escola. Segundo os relatos de Dona Vena e Seu Artêmis, seu Nanã era bastante preocupado com a educação e queria garantir que as crianças do local pudessem ler e escrever.

A construção da escola é um momento na formação da comunidade muito contado lembrado por todos os depoentes. O primeiro professor de Nazaré foi o professor Manuel Maciel Nunes (já falecido), que é recordado em diferentes conversas com todos os moradores antigos de Nazaré que participaram de entrevistas e conversas informais. Professor extremamente respeitado na região, principalmente pelo seu amor à escola, esforços para trazer melhorias na comunidade e garantia da participação política de todos, respeito às festas, danças e histórias tradicionais da região e trabalhos junto à igreja católica.

Em entrevista, o professor Artêmis conta que o Manuel Maciel Nunes, de origem Tupi, já era professor aos 14 anos no Uruapiara (estado do Amazonas). Entretanto, se dizia Ribeirinho, como os demais moradores. Na época, ele era seminarista e trabalhava com 15 alunos na região em que nasceu e vivia. Entretanto, ele tinha um tio que trabalhava para o seu Nanã e, em certa ocasião, ainda menino, ele foi trabalhar temporariamente no seringal. Após um tempo, ele voltou para sua região de origem, quando o Dom João Batista, a pedido do patrão, o perguntou se ele queria

lecionar em “Boca do Furo”. Assim, a primeira escola de Nazaré foi criada pela arquidiocese de Porto Velho, que pagava o salário do professor.

Os fregueses homens iam para o mato pegar seringa ou solva, enquanto as mulheres cuidavam das casas, das roças e das crianças. Mas, para ele, era preciso ter escola. Naquela época, segundo o professor Artêmis, não existia concurso público para professor. O professor mais antigo indicava o professor que entraria na escola e a secretaria de educação fazia a contratação (isso quando a escola passou a pertencer à secretaria de educação). Desta forma, ainda é muito comum encontrar pessoas na Amazônia que cursaram até a quarta série e depois de algum tempo se tornaram professores.

Na década de 70 a escola ficou sob responsabilidade do governo. O professor Artêmis conta que lembra como se fosse hoje o primeiro dia em que se tornou professor.

A escola foi crescendo e o professor Maciel trabalhava com 78 alunos sozinho. De primeira a quarta série. Ele trabalhava com os conteúdos e vinha gente de Porto Velho com as provas. Aí, a diretora de ensino rural da época achou que era muito aluno e perguntou se não tinha ninguém para ajudar ele.... Eu tava passando e ele me chamou. Nós já nos conhecíamos do Amazonas e ele me apresentou como o candidato a professor..... Eu fiz um teste e depois de oito dias ele bateu na minha porta.... Eu não tava esperando.... e quando atendi ele falou: “Bom dia professor”! Chegou sua ordem de serviço e você já pode começar hoje de tarde. Eu tinha me formado na quarta série em 1952 e depois só tinha ficado trabalhando de um canto pro outro nesse mato todo com seringa. Tava com medo de ter esquecido tudo, mas aí foi graças a Deus tudo bem. Fiquei 33 anos como servidor público. Eu lembro quando eu virei que vi aqueles alunos tudinho me deu um nervoso. Foi dia 22 de julho de 1977. Às 8 horas eu cheguei no colégio e olhei pros alunos. O professor Maciel fez meu primeiro plano de aula. Ele era muito cuidadoso. Qualquer dúvida ele me ajudava. Eu gostei tanto que até hoje eu tenho saudade. Só parei de dar aula em 2002.

(Professor Artêmis, Fevereiro, 2012)

O professor Maciel, junto do professor Artêmis, iniciou também a organização dos teatros de comédia na comunidade, das danças do *seringandô*, das *contações* de histórias e lendas e composição das músicas.

Quando seu Nanã ainda era vivo, com relação ao trabalho, os fregueses iam para o mato retirar a solva (produto vendido na freguesia da boca do furo)¹². Segundo o Seu Pantoja, os homens iam para o mato e deixavam as mulheres em casa cuidando da roça. Ao entrar na floresta, eles colocavam suas redes nas árvores e faziam fogo para espantar os animais selvagens. De noite contavam histórias e riam. As histórias contadas pelos depoentes sobre a relação entre os diferentes fregueses e entre eles e o patrão são diferentes dos relatos vistos em outros trabalhos sobre os seringais na Amazônia. Pelos relatos, os seringueiros não possuíam contrato com o seu Nanã, eles iam para o mato buscar a seringa e posteriormente a solva e, quando chegavam no barracão, faziam a venda para o patrão.

Contudo, eles contam que não tinham obrigatoriedade de pegar nenhuma quantidade mínima ou ficar na floresta por tempo determinado. Eles voltavam quando queriam. Entretanto, as famílias só possuíam o barracão para a compra de seus alimentos e outros itens, desta forma, a dívida era sempre feita com o dono da comunidade e isso garantia que os fregueses tivessem uma dívida constante com os donos das terras. Assim, não existiram, nesta pesquisa, relatos que descreveram

¹² O regime de trabalho em Nazaré se estabeleceu nos moldes do Barracões e das freguesias. Comuns, principalmente, nos seringais da Amazônia e outras regiões do país. Com a queda da comercialização da borracha, seu Nanã passou a coletar solva da floresta. Segundo os moradores locais, este é um produto utilizado, principalmente, para vedar os barcos. Os termos freguesia, patrão e freguês são portanto para identificar o patrão como o dono das terras (ou seja, o seringalista) e os fregueses como os trabalhadores (os seringueiros). Neste regime de trabalho, análogo ao da escravidão, os fregueses só recebem o dinheiro após pagar as contas do barracão (único local de compra de produtos que não são extraídos da floresta) e a partir do que coletam da terra. Mais detalhes sobre isto será discutido a seguir.

ordens do patrão referentes a quando e como eles iam buscar os produtos da floresta. Entretanto, as diferenças entre eles ficavam bem claras nos momentos de venda da mercadoria para o seu Nanã e das dívidas no barracão.

Os homens relatam que iam juntos para o mato, pois não se pode entrar sozinho, sem um companheiro. Além dos animais e das confusas trilhas a amedrontar os seringueiros, ainda existem os espíritos da floresta e o neguinho da mata que podem confundir a cabeça das pessoas. Quando adoeciam, cuidavam uns dos outros. Seu Pantoja, que hoje está muito adoecido, conta que já tinha seus problemas de saúde quando era jovem, mas não tinha médico e remédio na época para lhe ajudar.

Quando sentia suas queimações se jogava no rio para esfriar e assim foi se tratando durante os anos. Ele conta que mesmo na comunidade não tinham muitos remédios, quanto menos quando iam para o mato, ele relata que em algumas situações eles precisavam parar no meio do caminho de volta em comunidades em que conheciam alguém para pedir ajuda e medicamentos.

Na mata, o trabalho , precisava de companhia entre homens para ser feito, e da certeza que sem o cuidado mútuo ele não poderia acontecer. Lições que podem não ser familiares àqueles que não conhecem aspectos da vida comunitária, como na história da vela, contada na introdução do presente trabalho. Para aqueles homens, no mato não existia a figura de alguém que mandasse na forma e no ritmo de trabalho, eles não eram um mais importante do que o outro, um patrão do outro. Eram todos necessariamente indispensáveis desde que em companhia mútua! Quadro que certamente ficava diferente quando voltavam à comunidade, com a presença do patrão. O sistema de barracão funcionava constantemente.

Dona Vena relata que o barracão era ao lado de sua casa e eles abriam em qualquer horário e era lá que os fregueses iam vender os produtos coletados na

floresta. Já para comprar, eles possuíam uma caderneta. Quando os homens estavam no mato, adoecidos, ou a família não possuía dinheiro naquele momento para pagar, seus débitos eram anotados na caderneta. Outro ponto é que este era o único local de compras na comunidade, desta forma, não havia opções de preços.

Sobre a comercialização dos produtos coletados, Seu Pantoja e seu José Ferreira contam que quando voltavam do mato, traziam muitos quilos de solva nas costas, dentro de seus paneiros, que entregavam para o seu Nanã, às vezes por dinheiro, às vezes só para pagar a conta do barracão. Seu Nanã pesava a solva e fazia as contas das despesas na caderneta. Se sobrasse alguma coisa, eles recebiam o dinheiro. Segundo o professor Artêmis, o patrão pagava no máximo o equivalente a 60 centavos o quilo do produto coletado, podendo chegar a ser muito menos do que isso.

A solva era entregue ao patrão em seu estado sólido (em tijolos feitos em latas de tintas). Segundo a Dona Vena, após o recebimento do produto, seu Nanã aguardava pelos barcos que vinham de Manaus e paravam em seu porto no igarapé para fazer a comercialização. Dona Vena conta que algumas vezes os fregueses misturavam barro no meio da solva para ganhar mais dinheiro. Ao perceber que os fregueses tentavam lhe vender barro por solva, seu marido começou a quebrar os tijolos do produto na chegada, na frente do freguês.

Seu Nanã não trabalhava no mato com os outros homens da comunidade. Ele ficava na localidade tomando conta do barracão e das vendas dos produtos coletados por seus fregueses. Em todos os relatos, as pessoas dizem que ele era um homem bom, justo, mas muito bravo e explosivo. Contudo, muitos dos homens mais velhos da comunidade (localmente conhecidos como a velha guarda de Nazaré) dizem que ele era um dos melhores patrões para se trabalhar, que ele não era violento, pagava

tudo em dia e eles poderiam ir fazer a coleta por tempo indeterminado e com os parceiros que quisessem. Além disso, as mulheres e as crianças ficavam seguras nas terras.

Existia uma clara diferença entre o patrão e os trabalhadores. Nas conversas, os depoentes sempre trazem aspectos positivos do trabalho com o seu Nanã, mas ao mesmo tempo também revelam aspectos de dominação presentes naquelas relações de trabalho. Afinal, as falas são, comumente, repletas de contradições. Muitas vezes, para aqueles que estão em situação de opressão, embora possam lutar coletivamente e compreender a dominação, o acesso aos direitos básicos do homem e relações um pouco menos violentas no trabalho possam parecer como favor e bondade, não como obrigação do empregador e dever do Estado.

Gonçalves Filho (1998) já havia notado em suas pesquisas a angústia causada pela negação de direitos, em função da humilhação social. Em suas palavras:

É preciso que haja algo imparcial no mundo para que seja possível usufruí-lo: os bens mundanos precisam parecer em alguma medida nossos, abertos a todos, para que possam parecer meus. Esta possibilidade é criada pela situação intersubjetiva toda vez que for atravessada pela participação comum e pela distribuição de rendas. Esta possibilidade fica também reprimida pela situação intersubjetiva toda vez que se assenta no privatismo capitalista. O saber de um bem parcial é dependente de seu caráter imparcial... São muitos lados por onde o pobre é golpeado. Não sei de nada mais alarmante do que o sentimento de não possuir direitos. (op.cit. p. 43)

Ainda sobre o assunto, o autor aponta ao fato de que na situação de humilhação o próprio sentimento de dignidade parece ser desfeito e, para aquele que sofre a humilhação, manter este sentimento pode significar um esforço.

Para se fortalecerem frente a constantes situações de humilhação social, os moradores de Nazaré sempre contam das parcerias estabelecidas entre eles, dentro da comunidade. Nestas conversas, chegamos ao assunto sobre os perigos de entrar na floresta. Perguntei ao seu Pantoja se a quantidade de onças antigamente era maior na região de Nazaré. Ele se divertiu com a pergunta dizendo que é ao contrário. Hoje em

dia tem muito mais onça e que as casas mais afastadas com certa frequência recebem suas visitas. Ele conta que muita gente já perdeu animais de criação por conta das onças e ainda completa: *Antigamente a gente ia naquele mato ali sempre* (apontando para um pedaço de floresta do outro lado do rio). *Agora só se for louco. Não dá mais, se não a onça pega.*

Ao ser questionado o porquê do aumento, ele diz que isso se deu com o fortalecimento do IBAMA. Antes, eles iam à caça para vender a pele da onça, mas agora, com a proibição, ninguém mais consegue vender. Ele diz que isso é para proteger a espécie, mas comenta que agora são eles quem vivem com medo: *Antes a gente via a varredura da onça e ia atrás delas. Agora a gente vê e corre dela.*

Sobre o assunto, seu José Ferreira indaga se a proibição do porte de arma de fogo garante a segurança dos moradores da comunidade. Afinal, isso faz com que ninguém use a arma em brigas e impede que acidentes aconteçam, porém, já houve situações em que ele precisou matar onças e jacarés que rondavam sua casa. Indignado, seu Ceará conta que precisou defender sua casa de um jacaré com o remo da canoa, afinal, a polícia florestal proíbe o porte de arma, mas não garante a segurança das pessoas, principalmente das crianças, que moram na comunidade.

Seu Nanã morreu no final do ciclo da Solva (em 1979). Com a morte do patrão, muitas mudanças aconteceram na comunidade. Mudanças principalmente na vida política de seus moradores. O professor Artêmis conta que no dia de sua morte ele o chamou em sua casa e pediu para que ele nunca deixasse sua santa sem um teto e seu filho sem um prato de comida. Desde então, para seu Artêmis, estas são duas missões que ele leva para o resto de sua vida.

Após sua morte, as terras de seu Nanã ficaram sem um dono para administrá-las. Isso parece ter se dado, em uma primeira análise, pelas questões de herança na

Amazônia, assim como em tantas outras áreas de pequenas propriedades rurais. Seu Nanã era dono dos castanhais, da solva, do açaí e de tantos outros produtos. Com a sua morte, a terra passou a não ter mais um patrão que controlava o seu uso.

Com a falta de alguém que trabalhasse administrando o local e o barracão, as atividades deste comércio se encerraram. Desta forma, outros comércios foram abrindo na área que pertencia a Boa Vitória¹³, mas ficava do mesmo lado de Nazaré no Igarapé. Com a transformação da área em distrito de Porto Velho, estas mesmas terras que eram de Boa Vitória foram integradas à boca do furo, que passou a se chamar Nazaré – em homenagem a santa que o patrão adorava.

Contudo, os moradores antigos ainda enfatizam a divisão do território que pertencia a Nazaré e o território que era de Boa vitória (nenhum morador se dirige a Nazaré como Boca do Furo, eles apenas relatam a existência do nome anterior), além de ainda dizerem que as terras pertencem à Dona Vena. Entretanto, existe na comunidade uma sede da Emater, que levou funcionários que eram responsáveis por cadastrar os moradores e iniciar o processo de legalização do terreno de cada um a partir da concepção de ocupação de terra. Tanto as discussões sobre as diferenças nas áreas da comunidade, quando sobre início do processo de assentamento feito pela EMATER, serão discutidos adiante.

A partir a morte do patrão, as mudanças aconteceram de forma rápida. A igreja passou a ter um presidente¹⁴, que cuida de sua administração, outros comércios foram abrindo, e, com o tempo, mais pessoas foram chegando na comunidade. Estas pessoas chegaram por diversos motivos, entre eles: busca de uma comunidade com mais

¹³ Comunidade vizinha a Nazaré.

¹⁴ Na região amazônica, em comunidades em que não há padres ou freiras morando no local, a igreja possui um presidente que é eleito pelos moradores da comunidade, além dos catequistas. Tanto este presidente, quanto os catequistas, podem também serem considerados líderes informais.

infraestrutura, transferidos para a escola ou Unidade básica de saúde após aprovação em concurso público, perda de emprego em Porto Velho, busca de moradia que não dependa do pagamento de aluguel, entre outros.

Seu Pantoja foi o primeiro morador a abrir um comércio na região após a morte de seu Nanã. É importante enfatizar que seu comércio fica na área que pertencia a Boa Vitória. Eu o perguntei por que ele decidiu abrir sua loja e ele me respondeu que após a morte do patrão, além de não existir nenhum local para as famílias fazerem compras, não existia nada que impedisse o início de um novo comércio e era a oportunidade de parar de depender do trabalho no mato para a subsistência de sua família. Questionei a razão da escolha da localidade de sua loja, ele disse que abriu naquele local pois assim não abriria nada na terra “dos outros”, indicando, mais uma vez a clara separação entre seringueiros e patrão.

Dona Vena conta que quando seu marido faleceu ela estava fora da comunidade e, quando chegou, já havia acontecido o enterro. Ela relata que quando entrou no barracão notou que as pessoas haviam ido lá e pegado todas as mercadorias que havia sobrado e, por esse motivo, ela resolveu não dar continuidade com seu comércio. Ela conta que hoje em dia as pessoas podem ir no mato e pegar o que quiserem, que ninguém precisa falar com ela. Entretanto, ela ainda pede que as pessoas peçam a ela para construir suas casas, o que, segundo a depoente, nem sempre acontece.

Ela diz que a comunidade mudou bastante do início para agora. Andamos pela ponte juntas e ela contou onde ficava sua casa, a primeira sala de aula e o barracão, que ainda está ali (algumas pessoas querem derrubá-lo, mas, segundo relatos, a filha da Dona Vena não autoriza).

Ela falou que antigamente existia a ponte apenas para passar para a terra seca de dentro- perto dos castanhais, na época da cheia. Ninguém morava ali, pois só existia floresta, onça e jacaré nas margens. Seu irmão (pai do Anauá, também interlocutor desta pesquisa) foi o primeiro morador do lado de dentro da comunidade, pois ele gostava de ficar em local recolhido.

A comunidade foi crescendo e, atualmente, muitas casas estão no lado de dentro da comunidade, inclusive da dona Vena e de outras pessoas que foram entrevistadas neste trabalho, como Anauá, Timaia e Jaqueline.

Valeria observar com mais detalhes como foi feita a divisão do espaço entre os moradores antigos e as famílias novas que vão surgindo na medida que a população local cresce, seguindo a lógica da rotação e terra (os agricultores respeitam o ciclo do plantio, colheita, queimada, tempo em que a terra está capoeirando¹⁵, como dito por eles, preparação da terra para o novo plantio e novo início do ciclo). Outro ponto que merecia melhor observação é a própria divisão do dinheiro dentro dos núcleos familiares.

Desde o início da formação da comunidade, até os dias atuais, a vida dos moradores encontra algumas dificuldades possíveis de observar ao longo de sua história, são dificuldades que advêm da falta de acesso a recursos e direitos básicos. Sendo que o acesso a estes elementos poderiam apoiar a vida comunitária segundo o entendimento dos próprios moradores, elementos que se assimilados não descaracterizam a vida comunitária, pelo contrário, é a maneira pela qual o estado pode apoiá-la.

Atualmente, Nazaré possui um gerador central que distribui energia elétrica para as casas. Antigamente, segundo a dona Vena, a comunidade tinha um motor

¹⁵ Termo usado pelos moradores locais para distinguir o pedaço de terra em que estão deixando o mato crescer e o cortando, para que a terra tenha seus nutrientes repostos.

particular que ficava ligado poucas horas assim que escurecia. Com os novos geradores, garantidos pelo governo federal, a população que já morava na comunidade quando a contagem foi feita paga uma quantia fixa todos os meses, as casas que foram construídas posteriormente não pagam nenhuma quantia.

Há quedas frequentes no fornecimento de energia em Nazaré. Os moradores relatam já ter ficado o período de uma semana sem eletricidade em suas casas. Isso se dá, segundo os relatos, pela qualidade do motor. Foram disponibilizados para a comunidade dois motores muito antigos que foram reformados, mas sua força não é suficiente para a quantidade de casas. Além disso, estes motores ainda garantem a energia de mais duas comunidades menores na região. Em conversas com os moradores foi comum escutar relatos de que a comunidade ficou sem energia durante semanas e eles acabaram perdendo a comida que estava na geladeira.

Jaqueline, em uma de nossas conversas, diz ainda que talvez fosse melhor que não tivessem o gerador, pois assim eles saberiam que só poderiam comprar carne que pudesse ser salgada, pois muitas vezes eles acabam perdendo alimentos como embutidos e frios devido à demora de dias para a energia ser reestabelecida. Ela não fala isso como quem não quer o acesso à energia, mas explica que saber é melhor do que ficar a mercê da boa vontade da empresa que cuida dos geradores de consertar os defeitos apresentados pelos motores.

A comunidade também possui três telefones públicos que, segundo os moradores, estão usualmente quebrados. Recentemente, algumas linhas telefônicas particulares foram instaladas nas casas. Existe uma Unidade Básica de Saúde que foi reformada com verbas da compensação ambiental da barragem de Santo Antônio. Alguns interlocutores dizem que por este motivo a construção da barragem foi boa para a comunidade, enquanto outros se mostram indignados dizendo que é

responsabilidade do governo disponibilizar o acesso ao atendimento de saúde, independentemente da construção da barragem e que, desta forma, a reforma da UBS não compensa em momento algum os estragos causados pela grande obra.

Atualmente, esta UBS conta com um técnico de enfermagem, um microscopista, dois agentes comunitários de saúde e um motorista de “ambulancha”¹⁶. Além disso, uma equipe do Programa de Saúde da Família (PSF) visita a comunidade três vezes por mês. Segundo os moradores, todos os funcionários de outra localidade que vão para lá pedem transferência para São Carlos do Jamari¹⁷ ou para Porto Velho, pois não querem morar em uma comunidade pequena. Muitos dos moradores reclamam do atendimento médico, segundo eles a fila é muito longa nos dias em que o médico está presente, pois a grande maioria das comunidades no entorno não recebem visitas da equipe do PSF.

As principais doenças encontradas são a malária e as doenças relacionadas à contaminação da água. A unidade básica de saúde tem falta de materiais com frequência. Embora exista disponível uma voadeira¹⁸ para o transporte de emergências, os funcionários da saúde dizem que eles precisam tentar sanar os problemas menores (como suturas, por exemplo) localmente, pois é arriscado mandar a embarcação para atender um problema como um corte profundo, enquanto, nos período de viagem outra emergência mais séria pode acontecer e eles não terem formas de socorro. Assim, muitas vezes as suturas e dispensas de medicamentos são feitos por pessoas que não possuem formação na área da saúde, porém possuem experiência do trabalho diário.

¹⁶ Embarcação disponibilizada pela Secretaria Municipal de Saúde para a locomoção de pessoas com emergências médicas

¹⁷ São Carlos do Jamari é a maior comunidade da região e possui mais estrutura de serviços ligados a educação, saúde e saneamento básico, além de maior facilidade na comercialização de produtos.

¹⁸ um barco de motor mais rápido do que os barcos de linhas (recreios).

Foto de voadeira com cobertura, similar a “ambulancha” da região.

Com relação à moradia, as casas de Nazaré são majoritariamente construídas de madeira em forma de palafita, mas já existem algumas construídas, em partes, de alvenaria. Poucas casas possuem encanamento, pois segundo os moradores, construir o sistema de canos da casa aumentam expressivamente os custos da construção, desta forma, quase todas as casas possuem um buraco negro¹⁹ do lado de fora. Quanto ao saneamento básico, a água consumida é retirada do Igarapé²⁰, do rio ou do poço artesiano que fica na escola. Segundo estudos feitos por uma organização não governamental que realiza trabalhos no local, todas estas águas são contaminadas por coliformes fecais. Mesmo com esta informação, boa parte da população local afirma nunca tratá-la antes do consumo.

¹⁹ Quando não existe água encanada na residência (o que é comum na zona rural), as fezes são então lançadas diretamente num buraco escavado no solo.

²⁰ Pequeno riacho que alimenta o rio principal.

Banheiro na área externa da casa

Os lixos produzidos pelas casas e escola são queimados em um buraco, já os lixos hospitalares produzidos pela UBS, atualmente, segundo os funcionários, são mandados para Porto Velho, com a equipe do PSF. Os resíduos orgânicos são fornecidos aos animais, como cachorros, gatos, patos e galinhas. Nos barcos que trafegam pelo rio Madeira é comum ver as pessoas descartando no rio latas de refrigerante e cerveja, assim como outros itens.

Com relação à educação, a comunidade possui uma escola que atende do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Durante o ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano), as salas são multiseriadas e contam com a presença de três professores, que trabalham em espaços improvisados. Já durante o ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano), existe um projeto especial da Divisão de Ensino Rural da Secretaria Municipal de Educação,

chamado “Saberes da Terra”, que é baseado na proposta da pedagogia da alternância²¹.

Entretanto, estes alunos também sofrem com a falta de professores e estrutura física na escola. Em fevereiro de 2012, os alunos deste projeto ainda estavam cursando a metade do ano letivo de 2011. Está sendo construída uma escola estadual de ensino médio, que contará com um projeto pedagógico de ensino rural, segundo os educadores da comunidade. Porém, a construção desta escola deveria ter sido finalizada em fevereiro e até o mês de novembro ainda não foi entregue.

Muitas famílias que possuem parentes ou compadres em Porto Velho ou São Carlos do Jamari (comunidade próxima) acabam optando por mandarem seus filhos para estudar nessas localidades (quando eles podem arcar tanto com as despesas dos filhos longe, quanto com a falta da ajuda deles nos afazeres domésticos e no manejo das plantações). É comum para estes pais mandarem um complemento de comida para as famílias que recebem seus filhos. Estas famílias dizem que preferem seus filhos longe estudando, pois dizem que embora a educação até o quinto ano seja boa, o projeto saberes da terra não funciona apropriadamente (pela falta de professores), as aulas acabam sempre atrasadas por causa da cheia²² e a comunidade, até a última viagem de campo, ainda não possuía escola até o ensino médio.

Contudo, mandar os filhos para Porto Velho, por exemplo, significa, para muitas destas famílias viver com os medos da cidade grande. Muitos relatam que possuem medo da violência, do acesso às drogas e de gravidez de suas filhas

²¹ Os alunos alternam em períodos de aula e períodos livres, nos quais podem ajudar os pais em suas tarefas diárias, com a finalidade de adquirir saberes tradicionais.

²² A escola de Nazaré fica do lado de dentro da comunidade, sendo que a ligação entre os lados de dentro e de fora é feita por meio de uma ponte de madeira que está sempre com tábuas quebradas durante a cheia por conta da água. Desta forma, as aulas são canceladas nos meses de cheia, quando a água chega até a ponte, devido o risco das crianças atravessarem sozinhas para ir e voltar da escola, pois existem jacarés por perto e muitas das crianças pequenas ainda não sabem nadar.

mulheres. Aqueles que as filhas voltam sem terem vivido nenhuma destas três situações acabam enfatizando o orgulho que sentem das filhas. Além disso, pudemos ouvir relatos de pais que dizem que poderiam mandar as filhas mulheres para Porto Velho, mas que têm medo do que podem acontecer com elas e decidem pela interrupção dos estudos. De uma forma geral, as pessoas dizem que sentem que são esquecidas com relação à escola. Muitos adultos são analfabetos e a grande maioria dos moradores não concluíram o ensino fundamental II.

A comunidade só passou a se tornar oficialmente um distrito de Porto Velho em 1996. Com relação às terras, até o momento, nenhum morador possui documentação de seu terreno, embora a comunidade já seja classificada como área de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Em Nazaré, o órgão responsável por dar andamento a este processo é a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural). Contudo, muitos moradores relatam que o cadastro das famílias assentadas não foi realizado corretamente e, por isso, nem todas as famílias constam nos documentos da instituição.

Outro aspecto com relação à propriedade da terra é que muitos moradores relatam ficarem inseguros com a possibilidade de um processo de reintegração de posse, que eles acreditam ter sido iniciado pela filha de seu Nanã. Embora não exista nenhuma divisão de terras documentada na prefeitura de Porto Velho, os moradores possuem seu espaço legitimado e reconhecido por todos na comunidade. Não foi observado nesta pesquisa como se deu a divisão de terras após a morte de seu Nanã, aspecto importante para uma pesquisa futura.

Nazaré, em sua formação, mostra nos aspectos cotidianos as tensões para o desenraizamento e a luta de seus moradores, que em suas formas de viver podem sustentar uma experiência que enraíza. A partir da compreensão da formação da

comunidade, esta mesma tensão entre enraizamento e desenraizamento será observada por meio de certos traços da vida comunitária.

4.2) A comunidade e o rio Madeira

*Como eu gosto de cantar!
Falar das grandes belezas que vem das margens
do rio
Olhar o sol se escondendo e a passarada fazendo
algo que nunca se viu
A natureza é o encanto que vem aqui nesse canto
chamar a todos para ver
Vem passear de barco, vem navegar no Madeira
Olhar os botos no rio, deitar na rede e sentir o
frio
O frio que envolve esse povo, o povo que vive nas
margens
Desse grande rio... desse grande rio... desse
grande rio*

Minhas Raízes - Timaia

O rio está presente em todos os aspectos da vida nas comunidades ribeirinhas, que em seu próprio nome já define sua existência a partir de sua proximidade com o ele. Os homens e mulheres de Nazaré, muitas vezes, se chamam de beiradeiros, para identificar, em suas próprias descrições sobre si mesmos, que são da beira do rio Madeira. Nazaré é uma comunidade bastante singular quando pensamos em sua posição com o rio, pois a parte da comunidade que está na beira do Madeira é muito menor do que ao longo do Igarapé, que teve seu curso alterado na época em que o seu Nanã ainda era vivo (que fez com que a comunidade se chamasse Boca do Furo). Contudo, a largura e profundidade do igarapé se alteram nas épocas de seca e cheia.

O rio Madeira, rio de águas turvas, por anos assustou aqueles que iam para sua região, devido a sua força, na época da cheia, e as imponentes corredeiras em seu curso. Contudo, para aqueles que lá moram, hoje o rio é poesia, respeitado e temido, mas também admirado! Do imaginário social, fortemente presente nas lendas locais,

até a literal porta de entrada da comunidade, o rio está presente no cotidiano em Nazaré.

É muito comum, nas conversas com os moradores da comunidade, ouvir as histórias que possuem o rio como cenário principal. Os botos cor de rosa e tucuxi, o Nonato Cobra Grande, as sereias, entre outros tantos personagens vivem nos rios, cuidando e/ou assustando os moradores!

Muitos anos atrás tinha uma índia que era de uma tribo aqui da Amazônia e ela ficou grávida. Não sei bem te falar quem era o pai ou como ela ficou grávida. Isso faz muito tempo. Quando os filhos dela nasceu tinha algum desses encantamentos, sabe? Eles eram cobras, ela ficou é com muito medo. Sem saber o que fazer mesmo, sabe? Com esse medo todo, ela jogou os meninos no rio... as cobras. Era uma filha e um filho. O menino não dava medo em ninguém não.... mas a menina... Essa era ruim. O menino chamava Nonato e a menina Maria... O nonato ficava no meio do rio... ele conseguia ir por debaixo da terra e assim que os igarapés apareceram... Já a menina, essa era bicho ruim. Ruim mesmo. Matava gente, virava embarcação. Matava tudo o que era animal... Era grande. Grande mesmo. Tipo grande de virar barco, sabe? De fazer onda no Madeira. O Nonato, para acabar com isso, teve que matar a irmã. Só que não adiantava, todo mundo tinha medo dele. Ele tinha os olhos de fogo e quem olhasse em seus olhos ficava cego. Tem até um senhor aí pra baixo do Madeira que tentou matar ele e ficou cego. Aí, era assim, para matar a cobra alguém tinha que cortar no meio da cabeça dela, sem olhar no olho. Um homem tinha um terçado bom mesmo e ele conseguiu e o Nonato virou homem e vive lá no canta Galo. Mas às vezes, na lua cheia, ele ainda vira cobra e fica no rio. Quando ele nada, balança todo os barcos e, sem querer, ainda vira. Essa é a história do Nonato Cobra Grande.

(Conversa com o Anauá, em Janeiro de 2012)

...você põe assim uma marcação nas casas e o boto tucuxi fica por perto, para espantar o boto rosa. O boto tucuxi é o boto bom. Nas embarcações também tem marcação, você pode ver, assim sempre tem boto tucuxi por perto para não deixar os outros encostar.... Rapaz eu assim não sei o que acontece (quando o boto rosa se aproxima), falam que eles pegam as pessoas... Eu tive uma prova, assim! Uma vez em Itaguatiara, mas era noite, duas horas da manhã e não teve com ver quase nada, mas de manhã o povo tava

pegando o cadáver do homem, a lancha de socorro tava perto da embarcação. Soltavam umas bombas e eles (os botos rosas) se afastavam.

(Conversa com o professor Artêmis, em Janeiro de 2012)

Mas o rio, além de cenário que acolhe e abriga as lendas e histórias locais, é a maneira com que as pessoas, informações e objetos chegam e saem da comunidade, é a fonte de subsistência das famílias em sua beira, além de ser de extrema importância para a biodiversidade amazônica. O rio Madeira é considerado um dos principais afluentes do rio Amazonas, pois, segundo Switkes (2008), ele é responsável por 35% dos sedimentos e nutrientes do rio Amazonas, que é o maior rio do mundo.

Segundo o autor, isso se dá, pois o Madeira tem origem andina, desta forma, sua cabeceira nasce da neve derretida dos Andes, até 5.000 m acima do nível do mar. Assim, como grande parte dos rios amazônicos que possuem origem andina, ele carrega grandes quantidades de nutrientes que, quando depositados em seu leito, garante extrema riqueza em seu solo.

Contudo, o Madeira também se diferencia de outros rios amazônicos por outro aspecto: nenhum outro afluente andino do Amazonas possui a quantidade de corredeiras que ele apresenta (18 corredeiras se localizam de um trecho de 350 km acima de Porto Velho). Desta forma, o transporte fluvial entre Guajará-Mirim (divisa entre o Brasil e a Bolívia) e os destinos rio acima (Bolívia e Peru) com Porto Velho (Rondônia) fica impossível de ser realizado. Este obstáculo natural do rio tem inspirado o planejamento de complexas obras que visam superar estas limitações que o Madeira representa (SWITKES, 2008).

Muito mais que fonte de nutrientes (e não tenho com isso a intenção de reduzir a importância que este rio representa para a conservação da biodiversidade

amazônica), o Madeira é morada de muitas comunidade ribeirinhas, indígenas e quilombolas da região, além de atravessar também áreas urbanas.

Barco de linha para o transporte de Porto Velho para as comunidades

Lembro, com detalhes, a primeira vez que desci o rio²³ em direção a Nazaré. Ao entrar no barco, todos amarravam suas redes, afinal a viagem é longa. Na medida em que o tempo passa, é possível observar as cores da floresta se transformando de maneira impressionante, os sons dos pássaros e da própria mata vão ficando diferentes. A temperatura cai, a paisagem muda cada vez que o barco se aproxima de uma nova comunidade e o sol desce, dando espaço para a lua.

²³ As pessoas usam o termo “descer o rio”, pois o Madeira corre de sua nascente (como rio Beni, na cordilheira dos Andes, Bolívia), até o rio Amazonas. Desta forma, para chegar de Porto Velho, até Nazaré, é preciso descer junto da correnteza, em direção ao Estado do Amazonas.

Redes amarradas no barco de linha

O sol, durante as horas de viagem, desaparece na floresta e, dependendo do recreio²⁴ escolhido para a viagem, o piseiro²⁵ começa a tocar música e as pessoas começam a dançar o brega na “pista de dança”. Já em outros barcos sem o piseiro, você escuta os sons das vozes conversando por horas, crianças brincando e, em partes mais isoladas da embarcação, apenas os sons da floresta. Do barco você avista animais, você vê a dança dos pássaros, que vão em revoada de forma quase que inacreditável aos olhos de quem cresceu em São Paulo.

²⁴ Recreio é o nome dado ao barco de linha que faz o transporte de pessoas e cargas de Porto Velho até as comunidades ao longo do rio. Porém, este barco não faz o transporte para os moradores de algumas comunidades mais distantes. Certa vez, descendo o rio, um senhor me contou que ele era de uma comunidade no rio Machado e que, para chegar em casa, ele teria que ir até Calama (a última e a maior comunidade do baixo rio Madeira) com o barco de linha e depois seguir mais 8 horas de rabeta (um barco menor, com motor mais fraco, porém uma opção mais viável do que os barcos mais rápidos, considerando o alto custo do combustível no baixo rio Madeira).

²⁵ Piseiro é o nome dado aos bares que ficam nas comunidades (e neste caso nos barcos), local no qual as pessoas vão para dançar o brega e encontrar outras pessoas. Brega, por sua vez, é o nome dado ao tipo de forró feito na Amazônia. Além do brega, que é o estilo de música mais ouvido na região, é também possível escutar outros estilos, como sertanejo e música eletrônica (ou até mesmo o brega e o sertanejo com batidas de música eletrônica). Contudo, na grande parte das vezes, estas músicas são dançadas de dois.

Durante a viagem, os aspectos da vida comunitária já se apresentam e, durante as horas pelo rio, muitas pessoas sempre se aproximam para perguntar quem eu sou e de onde venho. Ele também já é local de encontro entre amigos. Afinal, com os barcos de linha apenas 2 vezes na semana, o encontro entre amigos da mesma comunidade ou de comunidades vizinhas é inevitável.

Assim, podemos ver o rio também como forma de acesso a muitas das comunidades em suas margens que, em sua maioria, não possuem acesso terrestre. Existe, em Nazaré, uma discussão da construção de uma estrada que ligaria a comunidade até a capital do estado, Porto Velho. Entretanto, a viabilidade da construção da estrada tem sido dificultada, pois ela passaria no meio de uma Unidade de Conservação. As opiniões neste assunto na comunidade variam. Alguns acreditam que a construção trará mais problemas do que benefícios, pois aumentará o número de pessoas na comunidade (que, segundo estes moradores, não terá estrutura para abrigar ainda mais famílias), acreditam também que pessoas passarão a circular de motos, além de aumentar o desmatamento nas proximidades. Já outras pessoas acreditam que trará mais benefícios, pois facilitará o acesso de mercadorias, o transporte de pessoas doentes para a capital, além de diminuir os custos das viagens.

O rio é a porta de entrada e de saída dos produtos de Nazaré, desde os tempos do trabalho com o patrão. Era na beira do rio ou do igarapé (ao lado do barracão do seu Nanã), que os homens deixavam os materiais coletados na floresta, para pagar a conta do barracão ou receber algum dinheiro em troca. Nestes mesmos pontos, vinham os barcos que compravam os produtos. Atualmente, as vendas de maior quantidade de produtos (como a melancia, no caso de Nazaré), são feitas em Porto

Velho. Entretanto, não é incomum encontrar pessoas vendendo alimentos em pequenas quantidade, com suas rabetas²⁶ ou canoas.

Além de forma de acesso na comunidade, o rio é a principal fonte de alimento da população da comunidade. A pesca, além de ser base da subsistência de todas as famílias, ela também é feita para a comercialização (tanto para pessoas de fora, como os moradores da comunidade que não pescam). Também relacionado com a alimentação da população, as épocas de cheia e seca do rio serviam para balizar os períodos das plantações e repor os nutrientes da água, além de tirar os insetos da área de várzea (ou do barranco, como dito pelos moradores locais), o que possibilitava a próxima época de plantação.

As épocas de cheia e seca do rio não serviam somente de referência para o trabalho dos produtores e pescadores locais, a própria vida comunitária se transformava na medida que a paisagem mudava. O calendário escolar era diferente do das grandes cidades, as formas de lazer dos moradores passavam a incluir nadar em lagos que surgem (ou surgiam) na época de cheia, ou que ficam (ficavam) maiores, algumas doenças ficam mais recorrentes, entre outros pontos.

Contudo, foi construída, na cachoeira de Santo Antônio, próximo ao porto de Porto Velho, a barragem de Santo Antônio, parte do complexo hidroelétrico do rio Madeira. Como já dito na introdução desta pesquisa, o processo de decisão esta obra contou muito mais com interesses políticos e econômicos, do que com o próprio potencial energético do rio Madeira. Nas justificativas desta obra, um dos maiores argumentos era que o custo da energia produzida por barragens nos rios é menor do que outras fontes energéticas. Porém, há de se discutir se foram inclusos os custos

²⁶ Embarcação pequena de motor, geralmente, fraco.

socioambientais vividos na linha de frente pelos moradores de comunidades como Nazaré.

Durante esta pesquisa, os contatos com a comunidade se deram durante a construção da obra e logo após a barragem entrar em funcionamento. A falta de informação era bastante visível na localidade e até mesmo entre os integrantes de movimentos sociais do estado, professores da Universidade Federal de Rondônia, entre outras pessoas. Nenhum dos interlocutores que eu tive contato durante o curso deste trabalho soube me informar quais seriam os impactos previstos da construção da barragem para as comunidades na beira do rio.

De forma assustadora, a frase que eu pude ouvir com maior frequência durante o decorrer da pesquisa foi que a resposta dos responsáveis pela obra era a de que as barragens do rio Madeira eram tão modernas, pois nunca havia sido utilizado a tecnologia que utiliza o próprio fluxo do rio para gerar energia, que só seria possível observar as consequências da obra após seu funcionamento. Assim, fica possível questionar se, de fato, foram avaliados os impactos causados nas vidas deste homens, mulheres e crianças no processo de decisão de uma das principais obras do PAC no país.

Com relação a Nazaré, foi possível observar a mudança das falas sobre o assunto na primeira ida ao campo, em Abril de 2011 e na segunda, em janeiro de 2012. Em Abril de 2011, quando perguntava para as pessoas o que elas sabiam sobre a obra, elas diziam que não sabiam muitas coisas. Contavam que nas falas dos responsáveis pela barragem haviam apenas possibilidades de impactos que dificultariam suas vidas, porém a certeza de obras de compensação que trariam diversos benefícios.

Desta maneira, muitas das pessoas acreditavam que a construção da barragem seria algo bom, pois traria benefícios para a comunidade, com as ações de compensação ambiental:

Eles falaram que poderiam acontecer falta de água, peixe e desbarrancar. Mas não era que ia acontecer, poderia acontecer... Que não sabiam bem como seria, mas que quase não ia ter mudanças. Além disso, eles falaram que teria muita compensação, a gente acreditou. Eles prometeram 60 poços de porto velho a Calama e a gente precisa de água boa.

(conversa com o professor Artemis, em Março de 2011)

Essa obra vai ser coisa boa para gente aqui do interior. Você viu o posto de saúde que estão construindo por causa da barragem do rio? Imagina que a gente daqui poderia ter algo bonito daquele? E agora tão falando que vai ter escola melhor.... vai chegar coisa boa. Se isso acontecer, acho bom dessa barragem aí, por que no final das contas, a gente tava tudo esquecido aqui na beira do rio antes dessa obra.

(conversa com um senhor na beira do igarapé)

Nesta época foi possível observar quatro grupos de falas muito frequentes. O primeiro eram os trabalhadores que diziam não saber o que iria acontecer até mesmo no período típico da seca de 2012 (na metade no ano) e, por isso, não estavam planejando as plantações. O segundo eram aqueles que diziam temer fazer grandes plantações e, durante a noite, o rio subir de repente e alagar a comunidade toda (processo que sempre demorou meses para acontecer, e não horas). O terceiro eram aqueles que trabalham prioritariamente com a pesca e diziam que os peixes não iam mais descer o rio, pois a água “apodreceria” – referência ao que aconteceu na Usina Hidroelétrica de Samuel, no Rio Jamari (afluente do rio Madeira)²⁷. Para reforçar a

²⁷ Os impactos da Usina Hidroelétrica de Samuel são muito conhecidos na área ambiental brasileira e considerados entre os maiores desastres ambientais do país. O termo “água podre” utilizado pelos ribeirinhos diz respeito ao processo de eutrofização da água, que consiste na morte de peixes devido a falta de oxigênio disponível em consequência à grande quantidade de matéria orgânica na água (no caso, provida pelas áreas de floresta inundadas pela construção da barragem).

crença destes pescadores, na primeira semana de obras, algumas toneladas de peixes foram mortas por erro de calculo dos engenheiros responsáveis.

Estes pescadores também falavam que antigamente o rio baixava depois de 4 dias da sexta-feira santa, pois no feriado santo não se podia fazer grandes esforços, trabalho pesado, além de brigas e etc., e o rio, por sua vez, também não fazia grandes esforços. Agora, com o enfraquecimento do respeito à religião de muitas pessoas e com o desrespeito do homem pela natureza, o rio não tem mais uma data certa de começar a baixar.

Existe um quarto grupo de falas muito menor em comparação aos outros, que é composto por educadores e pessoas ligadas movimentos artísticos na comunidade (mas que também exercem atividades ligadas à extração de produtos florestais, pesca e roça) que têm liderado movimentos contra as barragens, debatido as obras e projetos de compensação da usina (já em andamento) e se mostrado extremamente preocupados com os impactos à cultura local- como o Timaia e o Anauá, entre outros.

Uma das formas mais ativas da resistência contra a degradação da natureza e aos desrespeitos às formas de viver desta comunidade, além de ser por meio de grupos que vão até Porto Velho exigir a garantia de seus direitos, é por meio da músicas e do teatro, além de atividades com as crianças da região. Embora com um discurso mais ligado à luta pela garantia dos direitos, estas pessoas também afirmam não saber ao certo as futuras consequências da obra.

O povo fala que o posto de saúde foi compensação da obra da barragem de Santo Antônio... Mas eu fico aqui pensando, precisa de algo tão ruim para que a gente tenha posto de saúde? Isso não deveria ser obrigação do governo? Não acho que tão compensando nada. Nossa perda vai ser maior do que o ganho, que já era obrigação do governo [se referindo a construção do posto de saúde e à garantia de acesso aos serviços de saúde pública]. Teve até umas reuniões com a ONG que ficou de responsável pelos projetos de

compensação aqui no baixo Madeira, mas não teve muita coisa que aconteceu não.

(Timaia, Abril de 2011)

Já durante a segunda viagem de campo as falas era bem diferentes. Nesta época, já com o rio Madeira barrado, as pessoas contavam do medo da barragem não aguentar a força do rio, da inconstância da altura que o rio estava, dos lagos que estavam secos e, as frutas que alimentavam os peixes nestes lagos temporários, caídas, apodrecendo no solo.

Na época da cheia, dentro da floresta, próximo ao igarapé, um grande lago era formado pelas novas águas que inundavam boa parte da comunidade. Contudo, de forma bem diferente dos anos anteriores, em janeiro/fevereiro de 2012, este lago estava seco. Anauá me explicou que o maior problema era que a época em que as frutas caíam com mais frequência nesta área coincidia com o tempo da formação do lago, o que deixava as águas com alimentos suficientes para os peixes. Com o lago seco, as frutas estão apodrecendo e sua preocupação estava em justamente na época que este lago encher, pois os peixes não teriam tanta abundância na alimentação.

Outro ponto que ele me apresentou é que na época de cheia, os moradores encontram mais dificuldade na pesca, mas eles tinham clareza da altura do rio e possuíam os lagos repletos de peixes. Com a barragem em funcionamento, não era mais possível contar com este conhecimento, pois o rio estava mudando de forma inconsistente, a pesca estava já muito dificultada e os lagos ainda não estavam formados.

Antes, na cheia, eu amarrava minha canoa aqui atrás da minha casa. Acordava no dia seguinte e sabia onde ele ia tá. Agora não dá mais não, Andrea. A gente coloca a canoa aqui, quando vê a água não tá mais no lugar e a gente perde ela [a canoa]... Agora, toda vez que quero ir pescar tenho q carregar a canoa de volta pra água, por que não sei mais olhar para o igarapé e saber onde ele vai

estar. A gente que nasceu aqui tá perdendo a possibilidade de entender a floresta.

(Anauá, janeiro de 2012)

Concomitantemente a estas mudanças com relação à formação dos lagos e a altura do rio, na época estavam sendo veiculadas notícias em diferentes meios de comunicação, além de informações trocadas em conversas, tanto em Porto Velho, quanto na comunidade, que os responsáveis pela barragem estavam assustados com a força do rio na época da cheia. Os jornais veiculados em canais de televisão abertos diziam que talvez os muros da barragem não fossem fortes o suficiente para aguentar a força do rio Madeira e questionavam se os engenheiros responsáveis haviam levado em consideração a força das águas. Este fato só aumentava o medo dos moradores da beira do rio.

Ontem, Andrea, eu tive que ficar acordado com a minha mulher... ela não conseguia dormir de medo. Você viu a chuva que tava de noite? E com essa história da barragem não aguentar, ela ficou com medo de estourar tudo e levar a gente, a casa, tudinho... eu fiquei também. Agora quando chove é assim. Já teve comunidade mais perto de Porto Velho que o rio levou o barranco e várias casas quando eles abriram a barragem. E se eles ficarem com medo de tudo desabara e abrir de vez? O que vai ser da minha casa aqui tão perto do rio? Pior... e se o muro estourar? Você que tem sorte de tá lá na terra firme [se referindo à casa que eu fiquei durante as viagens de campo desta pesquisa]. Nós aqui ouve o barulho do rio e reza, porque como eu vou construir outra casa?

(Conversa com um senhor da comunidade em Janeiro de 2012)

Pudemos também, em paralelo às falas de medo, entrar em contato com discursos bravos e indignados com o não cumprimento do que havia sido prometido e com a vivência das consequências que não haviam sido tão explicitadas. As falas indicavam que a falta de informação sobre as consequências da barragem a curto,

médio e longo prazo poderia ser, na verdade, uma forma de convencê-los a não fazerem resistência frente à obra.

O pessoal da Santo Antônio só mentiu na época de falar da barragem. Se a gente soubesse da informação de verdade, ninguém aqui ia falar sim, cê entendi?.... O pessoal da Santo Antônio falou que não ia mudar nada no barranco e que se mudasse, iam pagar indenização. Mas pagaram? Pagaram nada... [...] Agora tá assim, tá tudo diferente, tudo irregular. A gente não sabe o que faz. Além disso foi falado que, por causa do número de trabalhadores em Porto Velho, que eles iam comprar a produção do povo do interior e, com isso, iam aumentar as vendas da gente daqui. Na realidade, nada disso tem acontecido. Ninguém comprou nada nesse tempo todo de construção. A gente chegava no cai n'agua com os produtos e não tinham para quem vender e tinha que vender para o marreteiro, quando tinha. Quando fui discutir sobre isso eles falaram que não compravam, pois a gente não tem cooperativa e nem registro.... mas a gente nem sabe que registro é esse. O povo pequeno do interior não é ensinado das coisas importantes. O povo pequeno tem que ficar quieto e ser burro, para ser pequeno e ficar na precisão. O pior é que não sei por onde olhar.

(conversa inesperada às 11:30 da noite com uma moradora de uma comunidade vizinha, que foi remando levar seu filho de emergência na UBS de Nazaré.)

Frente a tantas mudanças, os moradores de Nazaré foram identificando a dificuldades em manter suas formas de viver perante a tamanha alteração do rio, que possui enorme influência na cultura local. A falta de informação tem servido como impedimento para os planos futuros.

Tem lugar que tá tudo alagado e não deveria estar. Está um desastre e o povo nem sabe por onde começar. Se tivesse alguma compensação para isso. Mas a gente não sabia o que ia acontecer, eles não falavam. Agora o rio ficou seco e era para estar mais cheio. O peixe diminuiu... Quando o rio enche e seca, fica uma camada de nutriente. Mas agora sem subir, a terra fica fraca e depois de 3 anos não dá mais para usar. E se o rio encher do nada mata toda a produção e o produtor vai perder é tudo.... e também não vai dar tempo de dar nutriente para terra. Mas eles diziam que ia ficar normal. Mas aqui em Nazaré nunca foi todo ano que encheu, então não dá para saber ainda... Tem que esperar as

outras cheias. 40% da verba de compensação foi passado para porto velho e o prefeito só tá fazendo coisa para eles não para o interior. Mas tá tudo desbarrancando por causa da barragem. Por isso que eles estão reconstruindo tudo lá. E todo o dinheiro da compensação está sendo usado lá. Como compensação aqui eles estão querendo construir a agroindústria. Aqui vai ser a despoldadora [de frutos, como açaí]. Teve uma conversa com o governador e perguntamos porque não tinha começado poço para ter água limpa.... Aí, ele falou que sem água limpa fica difícil... Mas aí a gente fica sem nada. Eles estão construindo em Porto Velho praça no centro da cidade, enquanto nem lá e nem aqui no interior tem escola e hospital de qualidade e pra todo mundo.

(Professor Artemis, Janeiro de 2012)

Os moradores de Nazaré contam, em suas falas, o sentimento de estar esquecido diante de tantas mudanças influenciadas por um fator externo. Sem saber como o rio vai estar nos próximos ciclos de cheia e seca, estas famílias vão tentando encontrar formas de se adaptar diante da extrema falta de informação com relação a um dos principais elementos que marcam suas especificidades e formas de viver. Isso tudo ocorre ao mesmo tempo em que muitas pessoas que vivem nas capitais do país, sem ver e sentir de perto o sofrimento destas famílias, afirmam acreditarem que esta obra trará um grande desenvolvimento econômico para todos e que, se no meio do caminho alguma pessoas precisarem sofrer, está é uma consequência necessária. Afinal, como já disse Riobaldo, de Guimarães Rosa em “Grande Sertão: veredas”, “Um sentir é do sentente, mas o outro é do sentidor”. Os detalhes poucos discutidos (e por que não dizer negados), são justamente as reais consequências para as comunidades afetadas, as razões reais para a construção da obra e seu potencial energético, quando comparado com a necessidade de energia do país.

Sendo como forma de acesso à comunidade, fonte de subsistência da população, morada de lendas e contos que educam e encantam os amazônidas e quem ali chega disposto à aprendizagem, o rio Madeira possui papel central na vida

cotidiana dos Moradores de Nazaré. Sem dúvidas, as transformações inesperadas provocam grande influência nas formas de viver de seus moradores, expondo para todos as dificuldades e lutas enfrentadas por aqueles que vivem de maneira diversa das ensinadas e regidas em prol dos interesses financeiros dos centros econômicos do Brasil.

4.3) Organização do trabalho em Nazaré

...Ih por aqui é normal um ajuda o outro... depois de um tempo o outro ajuda o um, sabe?[...] Por causa dessa ajuda que eu falei pra você que eu amo esse lugar.

Seu Manduca

Os moradores das comunidades ribeirinhas, geralmente, começam a trabalhar ainda muito jovens. Seja ajudando os pais na roça, na pesca, na coleta de produtos florestais e nas tarefas cotidianas da casa, ou, no caso dos moradores mais antigos, nos seringais, quase todos os relatos tiveram como eixo central uma juventude muito próxima do trabalho. Desta forma, o trabalho acaba sendo algo de extrema importância na formação da cultura local.

Estas pessoas organizam suas vidas e formas de produção de acordo com o fluxo do rio, que tem sua época de seca no meio do ano e a época de cheia no final e início. Segundo Vasconcelos (2010), “O trabalho é um valor cultural fortemente arraigado na constituição da identidade desses povos da floresta”. (p.12). Desta forma, torna-se relevante discutir a organização do trabalho na comunidade e suas características psicossociais. Nos relatos é possível observar como esta discussão envolve a organização familiar e o regime de propriedade da terra.

Seringueiros desde muito jovens, os antigos moradores de Nazaré narram momentos de trabalho como partes importantes de suas trajetórias:

Eu tinha nove anos quando papai me entregou para o patrão. Meu tio trabalhava lá também e eu fui por que a minha mãe morreu e meu pai tinha que pagar as contas dos meus irmãos. Eu precisei ir, para as minhas irmãs poderem estudar. Hoje tão tudo formada na escola. Sabem ler e escrever.... Eu assim não tive infância não senhora. Lá no mato não tem como brincar, não era assim como esses meninos de hoje. Hoje eu falo, meus netos tem que ir para escola. Eles precisam ler e escrever para viver.... Meu patrão fazia

a gente ir pro mato pegar seringa e voltar. Com o que eu pegava, pagava as minhas continhas do barracão e mandava o dinheiro pro papai.... Nunca mais voltei pra casa.... Cresci e me casei.... Depois vim para Nazaré quando quase ninguém tava aqui. Tive meus filhos todos e depois os netos. Trabalhei na seringa depois e agora com a minha fazendinha. Quero levar você lá. Tenho esse café todo aqui que planto lá.

(Seu Zé Ferreira, março de 2011)

É importante salientar que o trabalho tanto com a seringa, quanto com a solva, eram extremamente exigentes fisicamente. Os homens passavam dias e, por vezes, meses dentro da floresta para apenas pagar a conta do barracão. Dormiam em suas redes, no mato e cozinhavam com fogueiras que eles faziam, para preparar a carne de caça, peixe e poucas coisas que levavam com eles. Na volta, caminhavam por quilômetros, com seus paneiros nas costas, para entregar os produtos ao patrão, que ficava na localidade. Ninguém soube me informar o quanto eles ganhavam com a seringa, mas com a solva era cerca de sessenta centavos o quilo, e cada homem chegava na comunidade com 3 latões em média, o que dava entre 50 e 60 quilos.

Seu Zé Ferreira carregando um paneiro feito por ele

Ao chegar no barracão, o patrão conferia a mercadoria (se não estava misturada com barro). O produto era pesado e, logo em seguida, os cálculos da dívida da família do freguês no barracão eram feitos. Toda semana chegava um barco que comprava diretamente com o patrão os produtos coletados na floresta, sendo que, segundo relatos, seu Nanã chegou a vender em seu porto 33 toneladas de solva de uma só vez. Nesta época, não era preciso ir para nenhuma grande cidade para realizar as vendas, pois os compradores viajavam pelo rio.

Era um regime duro aos trabalhadores que, muitas vezes, não permitia saída, pois as famílias não possuíam escolhas de outros lugares para comprar os mantimentos que não podiam ser coletados ou plantados na floresta e, assim,

mantinham sempre suas dívidas com o patrão. Desta forma, o trabalho de coleta da solva e da seringa representava parte importante da sobrevivência familiar.

Ao mesmo tempo, os moradores antigos sempre contam do patrão como um homem bom, que ficava na localidade cuidando das famílias e, caso a solva coletada não fosse suficiente para pagar as contas, eles poderiam colocar a dívida na caderneta do barracão. Como é possível notar, é uma história repleta de sentimentos ambíguos, em um sistema de trabalho opressor historicamente legitimado na região.

A gente ia para o mato sem data mesmo pra voltar. A gente só sabia que ia e as mulher na comunidade sabiam que tinham que esperar. A vida era assim mesmo. A gente ia pra dentro cortar seringa e depois a solva e voltava carregando tudo lá de dentro do mato até aqui no barracão. Ia carregando tudo nas costas. Chegava aqui e pesava... tinha que torcer para pagar tudo né? E quem sabe sobrar um trocado. A vida não era fácil. Hoje em dia tá melhor. Eu trabalho aqui mesmo, já não tenho mais saúde para entrar no mato. Mas mesmo pra essa meninada toda, acho que eles podem ter algo assim melhor que a gente.

(seu Pantoja, março de 2011)

Meu pai que me criou. Eu devo é tudo a ele, pois minha mãe me abandonou com ele quando eu ainda era um bebê. Aí ele veio aqui trabalhar com o seu Nanã.... A tia Vena é irmã do meu pai e foi assim que chegamos aqui... O nanã e a tia Vena foram muito bons para gente. Por isso que agora, tudo que eu posso eu faço pra ela... tenho muita gratidão pelo que eles fizeram. Meu pai ia para o mato e me amarrava assim no peito e subia para cortar a seringa. Eu não tinha mãe e ele prometeu que nunca me deixaria e assim ele fez pra viver. Subia seringa comigo amarrado no peito e assim ele conquistou muita coisa na vida.

(Anauá, Janeiro de 2012)

O seu Nanã tinha a freguesia dele, e as famílias ficavam e as crianças todas aí, o seu Nanã se compadeceu com o povo e criou a escola.... Quando o seu Nanã morreu foi um desastre por que ele era muito bom e ajudava a comunidade... terminou o ciclo da solva e começou o ciclo da agricultura. Aí era cada um por si. Cada um tinha que cuidar de si, porque ele cuidava de todos, como patrão ele cuidava de todos. As pessoas saíam para busca seringa, tirar

castanha e solva e ele tinha que manter as famílias, os fregueses... Ele vendia comida para o povo... [quando não tinha dinheiro] podia anotar e os homens traziam o produto para pagar. Depois que ele morreu as pessoas tiveram que dar um jeito de cuidar de si.

(Professor Artêmis, Janeiro de 2012)

As lembranças da vida e do trabalho nessa época de constituição da comunidade podem ser de extrema importância para a compreensão de aspectos da vida comunitária e de como as pessoas lidam com os problemas atuais. O patrão, proprietário da terra, centralizava a compra da solva e da seringa, e também centralizava a venda dos bens necessários à sobrevivência no barracão.

Configura-se uma situação em que os trabalhadores ficam completamente dependentes da figura do patrão, uma situação em que se trabalha para a sobrevivência e sob o regime da dominação exercida pela centralização de toda a comercialização de bens. Por outro lado, o proprietário da terra assume também a figura de um pai protetor, alguém que se preocupa com a sobrevivência e a vida de seus trabalhadores, alguém em que se pode confiar e que pode proteger a comunidade, oferecendo escola ou permitindo a compra antecipada no barracão. Estes sentimentos ambíguos, que caracterizam o momento de formação da comunidade, pode ter deixado consequências psicossociais de grande relevância para a atual organização social e do trabalho em Nazaré.

O trabalho de coleta da seringa e da solva, contudo, é coisa do passado. Com a decadência da venda destas mercadorias na região, os trabalhadores rurais passaram a trabalhar com outros produtos, tanto para a venda, como para a subsistência familiar:

Eu tenho minha terrinha aqui em Nazaré e planto melancia. Eu sempre falo pros meus meninos virem trabalhar comigo. Não dá para ser empregado de ninguém não, como a gente era na época da seringa e da solva. Aquilo era muito ruim [...] trabalhava dias no mato, carregando aquilo tudo nas costas, com fome, quando ficava

doente tinha que se virar, não dava pra ficar reclamando não, por que lamentar não tira a dor. Para chegar aqui, e todo o trabalho é para o barracão... só dava de pagar conta e sobreviver [...] parecia que era trabalhar para existir, se não, não tinha o que nós fazer [...] E a gente tava sempre é na precisão. Não sobrava nada nem pra mulher comprar um pano e fazer o que vestir. Agora, a gente planta nossas coisas, nossos meninos também ajudam. A gente é nosso próprio patrão. Não tem muito dinheiro não, mas é melhor, sabe?

(Conversa com um senhor de Nazaré durante uma viagem de barco)

A vida melhorou muito depois que meu marido parou de trabalhar na solva. A gente abriu aqui o comércio e as coisas mudaram. Teve uma vez que a gente teve que dormir na plantação de melancia, porque melancia é assim delicada, sabe? Os bichos destrói tudinho em uma noite. [...] dormir com a melancia não foi ruim não. Fui eu, o marido e uns dos meninos. Era pra gente mesmo, assim que é bom. Agora, graças a Deus, meus filhos tão tudo criado e com emprego. Tenho uma menina trabalhando em um posto de saúde, tem professora, tenho um menino que ajuda a gente aqui com as coisas [...] A gente consegue muito mais do que antes.

(conversa com uma senhora, janeiro de 2012)

É possível observar no depoimento o impacto de uma forma de organização do trabalho que poderia ser descrita como análoga à condição de escravidão. Trata-se de uma forma de dominação apoiada no regime de propriedade da terra e na centralização pelo patrão da comercialização de produtos no território. Esta observação aponta para a necessidade de se investigar o que ocorreu historicamente para que, em um território tão vasto, alguns tenham se tornado proprietários de imensos espaços e outros só tenham como perspectiva a troca de produtos coletados na floresta por itens necessários à sobrevivência realizada nos barracões dos patrões. Mas há um aspecto curioso sobre o regime de propriedade da terra e que, na verdade, possui uma importância fundamental na evolução da comunidade. Esse fato é narrado pelo professor Artêmis:

Naquela época era a época dos poderosos. O seu Nanã era o cara que tirava mais solva. Cada comunidade daqui do baixo Madeira

tinha um dono, eles tinham poder. Quando veio os impostos, eles não tinham como pagar, aí tiveram que liberar a terra pro pessoal. Na época já era da união e ninguém sabia... O pessoal ia buscar [a mercadoria] e entregava pra ele tudo. Era ele que comandava. Iam buscar as coisas e entregavam para ele. Mas [a terra] não tinha o documento.

(professor Artêmis, Janeiro de 2013)

A dominação apoia-se sobre uma certa inércia da história, a história de distribuição das terras na Amazônia, já que não ocorre a nenhum dos empregados questionar quem é o proprietário da terra ou observar documentos referentes à legitimidade da posse de um território. Mas a situação se transforma no momento da morte de seu Nanã. Como já dito no presente trabalho, após sua morte, as terras ficaram sem um proprietário para administra-las o que revela a importância das relações familiares e da organização da herança para a organização social do território. Este fato já foi percebido e estudado pelos antropólogos dedicados a investigações no meio rural e, suas conclusões podem ajudar a iluminar aspectos da evolução da comunidade de Nazaré.

Diversos autores da antropologia já discutiram as questões ligadas à herança e, em junto disso, questões ligadas à organização do trabalho e da família. Segundo Margarida Moura (1978), para compreender a questão da herança em determinado local, é preciso pensar ao mesmo tempo nas questões de família, regime de produção e parentesco. Desta forma, é preciso entender as relações e diferenças que são feitas localmente a respeito de parentesco e consanguinidade, além de considerar o tamanho da terra.

Seyferth (1974) pôde observar, assim como no caso desta pesquisa, que nem sempre nas áreas rurais a transmissão de terras varia de acordo com o código civil, mas sim de acordo, entre outros aspectos, com o tamanho da propriedade, quantidade

de filhos, qual ou quais filho possuem direito de herança. Isso ocorre, segundo a autora, para evitar a fragmentação da terra e, portanto, impossibilitar a viabilidade financeira da produção (em pequenas e médias propriedade rurais, caso a terra fosse fragmentada em muitos herdeiros, nenhum iria conseguir seu sustento e o de sua família com pequenas frações da terra do pai). Com relação a isto, Bourdieu (1980), afirma que geralmente existe nestas áreas uma espécie de fórmula, que funciona localmente, utilizada para calcular a questão da herança, mas isso não impede que o chefe de família a modifique, caso ache necessário. Além disso, ele afirma que existem fatores sociais e morais que influenciam esta questão, porém, os fatores econômicos não podem nunca sair de vista.

Para compreender melhor este ponto, seria preciso dedicação a uma observação mais detalhada. Contudo, podemos afirmar que, com a morte o patrão, não houve quem herdasse a propriedade, pois sua filha, que até os dias atuais briga pela terra, não foi considerada uma herdeira legítima. Aconteceu, neste momento, uma divisão do espaço entre os moradores que define a atual organização da comunidade. Desta forma, a figura do patrão não faz mais a mediação entre as pessoas e a terra. Sobre isso, um dos moradores da comunidade, certa vez, me disse:

Eu sempre falo para os meus filhos trabalhar comigo na melancia aqui nas minhas terras. Toda época de melancia eles ajudam... Os meninos tem que trabalhar aqui nas nossas terras, porque não dá pra ter patrão... Quando eu morrer, as terras vão ser deles, pra eles trabalharem e cuidar da família deles... As meninas vão pra escola e ajudam a minha mulher, mas as terras os meninos vão cuidar...

(conversa com um senhor na beira do igarapé)

Em uma primeira análise, ainda inicial, foi possível observar que em muitos casos, as filhas mulheres, em geral, não recebem a herança, elas se casam e vão morar com os seus maridos. Contudo, este é um assunto que necessita um estudo mais

detalhado. Por exemplo, não foi possível observar nesta pesquisa como geralmente acontecem com as famílias caso um filho ou filha não se case, ou como são as relações de herança em famílias com apenas filhas mulheres.

Após a morte do patrão, a divisão do trabalho se transformou o que, segundo os relatos, coincidiu com o fim do que eles chamam de ciclo da Solva e início do chamado ciclo da agricultura. Indicando uma etapa de diferentes adaptações para os moradores de Nazaré, pois, nesta mesma época as vendas da solva acabaram, forçando os trabalhadores a se adaptarem à produção e coleta de outros produtos. O fato de importância fundamental é que com a morte do patrão, tiveram que se adaptar para trabalhar numa terra sem dono. Assim, houve uma nova forma de gerar renda e uma nova forma de dividir, pensar e viver o espaço.

Durante a cheia, os trabalhadores rurais (até a segunda incursão a campo da presente pesquisa) se ocupam com a extração de produtos florestais não madeireiros, tais como açaí, andiroba, cupuaçu, entre outros (a pesca, nesta época é muito mais para a venda local e consumo próprio, do que para a comercialização em outros centros). Já na seca do rio, eles trabalham em roças próprias com a produção de mandioca, melancia e outros produtos, além da pesca para venda. Como já dito no item sobre o histórico de formação da comunidade, esta organização do trabalho segue uma divisão de terras que, embora não oficializado na prefeitura de Porto Velho, é legitimada entre os moradores da comunidade.

Esta descrição da organização do trabalho corresponde às informações obtidas em fevereiro de 2012 e está intimamente ligada aos fluxos do rio antes do funcionamento da barragem. Na cheia do rio as roças ficam alagadas (o que serve, inclusive, de reposição dos nutrientes da terra e para “lavar a terra” dos insetos, segundo os moradores locais) e pela grande dificuldade na pesca para a

comercialização, pois os peixes não estão concentrados em uma pequena parte de água. Além disso, durante a cheia do rio, animais como jacaré e cobras estão mais próximos das casas e, portanto, mais espalhados pelas comunidades. Já na seca, não é possível coletar açaí, castanha, entre outros, pois a época destes produtos é na virada do ano.

Durante a seca, uma das principais fontes de renda ligada a agricultura da comunidade é na comercialização principalmente de melancia e mandioca, além de outros produtos em menor escala como milho, feijão, café, entre outros. O trabalho dos produtores começa no preparo da terra e só termina em Porto Velho, durante a comercialização.

Durante a produção, geralmente o pai da família é quem cuida da organização do trabalho. Porém, quando a produção é maior que a força de trabalho familiar, ele contrata um filho homem de outra família mais numerosa ou com quantidade de terra menor. Porém, isto acontece em raras ocasiões, pois geralmente o tamanho da produção varia de acordo com o tamanho da ajuda familiar.

É possível perceber, como também visto por Garcia Jr e Heredia (1971) ao pesquisar famílias rurais na zona da mata do agreste pernambucano, que a vida econômica da família está baseada no núcleo familiar e não em um sistema de salários. As casas são constituídas pelo patriarca, sua esposa e filhos. Os filhos casados geralmente mudam-se, mas acabam construindo suas casas bem próximas das casas dos pais (ou da esposa ou do marido), sendo que as famílias acabam se encontrando com frequência nas casas umas das outras, principalmente nos momentos das refeições.

Para Mauro de Almeida (1986), existe uma importante oposição entre o modo de produção capitalista e o modo de produção camponês e, por isso, existe uma

distinção entre o proletariado e o campesinato. Esta distinção está justamente na relação entre o tamanho da ajuda familiar e o tamanho do roçado – quanto mais membros, maior o roçado, mas também maior o consumo. Desta forma, como observado em Nazaré, o tamanho da produção varia de acordo com a quantidade de membros homens da família, ou seja, a produção não é a partir da perspectiva do capital, mas sim da disponibilidade masculina para o trabalho no roçado e da disponibilidade feminina para os afazeres domésticos.

Ainda que exista esta divisão de terras e do trabalho familiar, isso não significa que o trabalho não possa depender da ajuda de outros. Muitos moradores relatam histórias de mutirões com o intuito de ajudar a família de algum produtor que adoeceu.

...Ih por aqui é normal um ajuda o outro... depois de um tempo o outro ajuda o um, sabe?[...] Por causa dessa ajuda que eu falei pra você que eu amo esse lugar. Acontece de um adoecer e nós juntá todos os homens e ir trabalhar nas terras da pessoa, para ele não perder nada. Já aconteceu também do camarada adoecer antes mesmo de começar a plantação e cada um dar um pouco do que produz para a família dele poder comprar o rancho²⁸. Aqui é assim, cada um tem o seu, mas se precisa a gente ajuda.

(Seu Manduca, Janeiro de 2013)

Eu tive um problema do coração e fiquei um tempão no hospital. Quando fiquei doente ia perder toda a plantação, daqui os homens todos vieram ajudar aqui a colher e eu não perdi nada. [...] Aqui sempre tem dessas coisas, quando precisa sempre tem quem ajuda, aí dá até gosto de ajudar.

(conversa com senhor de Nazaré, em um barco de linha)

Valeria observar com mais detalhes como foi feita a divisão do espaço entre os moradores antigos e as famílias novas que vão surgindo na medida em que a

²⁸ Rancho, na localidade, significa comida.

população local cresce, seguindo, além das épocas de seca e cheia, a lógica da rotação e terra (os agricultores respeitam o ciclo do plantio, colheita, queimada, tempo em que a terra está capoeirando²⁹, como dito por eles, preparação da terra para o novo plantio e novo início do ciclo). Outro ponto que merecia melhor observação é a própria divisão do dinheiro dentro dos núcleos familiares.

Já os produtos florestais que podem ser coletados da floresta, como a castanha, por exemplo, eles dizem que antigamente era propriedade de Seu Nanã. Com a sua morte, todos passaram a coletar estes produtos e fazer a sua própria venda. Segundo o Professor Artêmis, a castanha é um dos produtos que pode ser encontrado em abundância e seu preço varia entre 8 reais a lata até 20 reais, dependendo da época.

Hoje, quem chega antes é quem tem direito. Ninguém briga, até por que eu tô usando algo que é de outra pessoa. A terra não é de mais ninguém, é de quem chegar lá e se beneficiar. É de todo mundo agora.

(professor Artêmis, Março de 2011)

Atualmente existe nas comunidades do baixo rio Madeira um barco disponibilizado pela secretaria de agricultura de Porto Velho que leva os produtos das comunidades para a capital sem nenhum custo para o produtor. Entretanto, este produtor precisa viajar sozinho (sem nenhum acompanhante que o ajude) e não existe um barco que o leve de volta para sua comunidade, desta forma, ele precisa arcar com o preço da passagem de volta.

Os produtores vão procurando “pequenos furos” nas regras deste barco para que possam viajar com alguém que os ajudem nos momentos de carregar e descarregar a mercadoria. Um exemplo disso é quando um produtor me conta que ele

²⁹ Termo usado pelos moradores locais para distinguir o pedaço de terra em que estão deixando o mato crescer e o cortando, para que a terra tenha seus nutrientes repostos.

e cada um de seus 2 filhos afirmam ser donos de um terço da mercadoria. Desta forma, eles conseguem viajar em 3 pessoas, quando a safra é muito grande para apenas um, ou quando algum deles precisa ir para a cidade, afinal, as viagens de barco não são baratas. Podemos observar estas estratégias em várias ações dos moradores da comunidade e não apenas em situações de trabalho, que serão discutidas a seguir.

Após chegar em Porto Velho, o produtor depende do preço oferecido pelos marreteiros³⁰ para vender suas mercadorias.

O barco da produção tá aí a 8 anos. Antes do barco, cada um pagava o seu transporte. O produtor chega na rua³¹ e o marreteiro fica com a marreta na beira do porto [...] Ele é o atravessador que ganha dinheiro, não é o produtor. O atravessador vai lá e fala que dá 4 reais, aí o produtor diz que não quer vender por esse preço. Ele (o marreteiro) sai e logo conversa com outro marreteiro, que vai lá e de propósito diz que dá 3,50 e se não quiser, você não vende. Quando voltar ele diz que já comprou por 2 reais. Até você entregar o produto. São eles quem tem o controle lá. Eles que ganham dinheiro não o produtor que carpina a roça e trabalha. Ou você entrega no preço que eles querem ou paga o frete pra trazer de volta. Porque o barco da produção leva sem frete, mas você tem que descarregar lá em porto velho[...] Tem feira sim, mas a feira lá é para o atravessador, eles que comandam. O produtor daqui não tem direito a banca. Quem quer vender vende na rua.

(Professor Artêmis, janeiro de 2013)

Eu planto meu café... esse que você tá vendendo ali. Aí tem que levar nesse barco da produção pra Porto Velho, mas agora não tô levando não. Os atravessador não tão pagando nada. Pra dar pra alguém sem lucro nenhum, só com o dinheiro da volta meu e dos meninos, que prefiro é dar para quem é amigo. Um tempo atrás fui pra Porto Velho pra vender o café e eles não queriam pagar é nada pela saca... mas era nada mesmo... Eu não sei nem ler e nem escrever, mas eu sei o quanto tem em uma saca de café, uma lata de castanha e uma lata de solva. Eu sei o valor do trabalho. [...] Eles não queriam pagar nada, eu falei pro meu menino: 'vamos jogar

³⁰ Marreteiro ou atravessador são as pessoas que compram as mercadorias dos produtores do interior para revender para os mercados das cidades. Desta forma, até chegar no consumidor final, estas mercadorias passam por vários intermediários e quem menos ganha por elas é o produtor rural.

³¹ Rua é a forma com que os moradores chamam a cidade (no caso, Porto Velho).

tudo no rio madeira'. Jogamos tudo no rio e na frente do marreteiro mesmo. Ser explorado? Eu não... Já sofri demais. Comecei trabalhar muito menino e não pude aprender a ler e escrever. Não virei doutor. Mas não vou dar o café de graça pra esse povo! Agora, se você quiser um café, pode vir aqui! E pode trazer seus amigos também, que café e peixe, isso a gente sempre tem pra oferecer!

(Seu Zé Ferreira, Janeiro de 2013)

Outro ponto de dificuldade para agregar valor à mercadoria do produtor rural é a impossibilidade do beneficiamento do produto na própria comunidade. Seja, entre outros, pela falta de água potável, pela instabilidade de energia elétrica ou pelo alto preço do gás de cozinha para fazer doces, por exemplo, os produtos os ribeirinhos são, em quase todas as vezes, vendidos da forma com que são coletados.

Desta maneira, podemos perceber que desde o início do processo produtivo até a venda, os pequenos produtores rurais vão encontrando em seu caminho diversos momentos de dificuldade que rebaixam e aviltam os homens e mulheres do interior e contribuem para a dificuldade em gerar renda necessária para viver.

Outra forma de geração de renda na comunidade são os funcionários públicos (sejam advindos de concursos públicos ou ocupando cargos de confiança). Dentre estes funcionários estão os professores, garis, diretor da escola, administrador, diretor e funcionários da UBS e funcionários responsáveis pelos motores que geram a energia da comunidade. Estas pessoas recebem melhores salários, quando comparadas com o restante dos habitantes de Nazaré. Existem também alguns comércios na comunidade (que são como eles chamam as vendas locais), dois bares, dois restaurantes e uma lanchonete, além de uma senhora que vende sorvete na varanda de sua casa.

É importante também pensar na diferença entre os trabalhos dos homens e das mulheres, tópico pouco discutido na presente pesquisa. As filhas e esposas podem auxiliar nos comércios de seus pais, nos roçados de subsistência e na criação de

pequenos animais, como patos, porcos e galinhas ou na comercialização de produtos artesanais (como bolos, panos de prato, trabalho de manicure e etc.). Elas também fazem compras nas vendas para a alimentação e manutenção da casa. Mesmo na época do patrão, as mulheres cuidavam sozinhas da roça, mas que era estritamente para a subsistência da família.

As que trabalham, são funcionárias da escola, ajudam seus maridos nos comércios ou cuidam de crianças (principalmente daquelas que as mães trabalham na escola). Porém, geralmente não participam nas tarefas pesadas das grandes plantações como de mandioca e melancia ou na extração de produtos florestais. De forma resumida, elas são responsáveis pelos trabalhos que dizem respeito à vida privada da família, enquanto os homens são responsáveis pelos trabalhos relacionados ao sustento financeiro da casa. É claro que pode haver casos que funcionem como exceção, que existam mulheres que fazem trabalhos para o sustento da família e homens que ajudam na manutenção da casa e no cuidado dos filhos.

Como foi descrito aqui, os processos relacionados ao trabalho sofreram grandes e impactantes mudanças desde a formação da comunidade. Aparece como um fato de grande importância na comunidade a morte do patrão e o início de um período no qual as terras ficam sem um dono que gerencia o trabalho. A relação com a terra não é mais mediada pela figura de seu Nanã e a comunidade organiza uma nova divisão do espaço, na qual todos passam a ser proprietários de um pedaço de terra. A outra mudança significativa ocorrida no mesmo momento é o fim da comercialização da solva e, com isso, o início do que eles chamam de ciclo da agricultura.

Desta maneira, inicialmente os trabalhadores ganhavam por produção, mas tinham apenas o barracão do patrão para fazerem suas compras, configurando um condição análoga à da escravidão. Contudo, após sua morte, os produtores rurais de

Nazaré precisaram construir uma organização de trabalho que, embora individual (cada um trabalha e comercializa por si), mantem traços coletivos, principalmente quando receber ajuda é necessário. O histórico do trabalho em Nazaré é, sem dúvidas, muito complexo, cheio de enigmas e rico em consequências.

No presente momento, a comunidade passa por mais uma mudança em seu ritmo de trabalho, a partir das transformações do fluxo do rio. As dúvidas com relação às consequências da barragem de Santo Antônio no cotidiano do trabalhador rural são enormes e somente o tempo poderá nos mostrar quais foram as adaptações possíveis e necessárias para estes moradores. Porém, transparência nas informações na época do processo de decisão da obra, durante a sua execução e com relação às consequências futuras, teria certamente contribuído para que esta fase de transição ocorresse de forma menos violenta sobre as pessoas da comunidade. Apresenta-se agora um momento de transformações ainda incerto e que está ligado ao impacto sobre os ritmos naturais de uma grande obra de produção de energia. Estas incertezas estão afetando e podem vir a afetar ainda mais a organização do trabalho.

4.4) Lendas, religiosidade e manifestações artísticas

O boto ia pra festa e só queria dançar. Ele era liberado. Uma vez eu vinha com o meu filho de canoa e ele não sabia pilotar bem. Eu dizia: “meu filho piloteia” e ele não fazia nada e não me dizia nada. Eu dizia: “Meu filho piloteia”. Ele não me dizia nada com medo de assustar o boto e ele virar nossa canoa por isso ele não fazia nada era para não pegar no boto. Eu falei então deixa quieto meu filho...vai remando, mas respeita o espaço do boto... Se você não respeitar, o boto vira o barco... Mas se você souber que é preciso respeitar, nada acontece. Isso aconteceu mesmo Andrea. Tem camarada que não respeita, e o boto da rabada e ele vai parar no Igapó, ou vira.

(Professor Raimundo, Fevereiro de 2012)

Uma vez eu tava aqui no igarapé remando e veio o boto. Eu não vi e ele ficou bravo. Ele é forte demais. Pegou meu remo com a boca e ficou bravo, não deixou eu remar mais... não tinha o que eu fazer, ele não deixou mesmo. O boto é assim, você tem que respeitar, se não ele é perigoso. Mas se você respeitar direitinho, fica tranquila...

(Anauá, Abril de 2011)

Falar sobre as lendas, religiosidade e manifestações artísticas em Nazaré é, sem dúvida, a parte mais desafiadora e complexa da presente pesquisa. Assunto complexo, por dois motivos: primeiro pelo sincretismo cultural e religioso que se apresenta de forma marcante na comunidade e, segundo, justamente por ser um dos tópicos que os moradores de lá mais se orgulham de apresentar e falar.

Não pretendo, nesta pesquisa, fazer o trabalho de descrever as danças e lendas contadas em Nazaré e na Amazônia, trabalho já feito por outros pesquisadores, como Maciel (2010), Vegini e Vegini (2012) e Câmara Cascudo (2000), que pesquisaram as origens e transformações de lendas, contos e danças tradicionais com o passar do tempo. A intenção deste capítulo é compreender como as lendas, as histórias, os aspectos da religiosidade e as manifestações artísticas em Nazaré parecem

profundamente interligadas e podem ser consideradas de extrema importância para sustentar o vínculo com o passado e com a experiência de enraizamento.

Quando perguntava, durante as minhas entrevistas, os motivos que levavam aquelas pessoas a morarem em Nazaré, as respostas vinham com contextos e enredos diferentes. Alguns contavam da importância da ajuda mútua, das amizades, outros diziam permanecer na comunidade pela história de sua família e lembranças do passado, entre tantas diferentes respostas. Porém, algo em comum em todas as falas era o orgulho do que eles chamam de “cultura de Nazaré”, e complementam essa expressão contando da felicidade de estar em um local no qual eles podiam cantar e contar suas histórias e lendas, organizar festejos com quadrilhas tipicamente amazônicas (que são bem diferentes das quadrilhas do sudeste), dançar o boi, o seringandor, construir instrumentos com materiais da floresta e se educarem mutuamente no processo.

Existe na comunidade um grupo chamado Minhas Raízes. Este grupo trabalha na composição e produção de músicas, peças teatrais , festejos e outros eventos artísticos e tem como principal inspiração as formas tradicionais de vida na floresta, a cultura local, as lendas. Atualmente, também discutem o impacto da barragem de Santo Antônio na comunidade. Desta forma, as canções trazem sempre elementos e características locais, dentre eles, a história da formação da comunidade, misturada com lendas e fé religiosa.

Como exemplo, apresentaremos umas das primeiras músicas do minhas raízes, grupo criado por Timaia e seu irmão Tullio, que narra a rotina da vida na comunidade:

Vai pescar, vai pescar (Silvia Helena e Timaia dos Santos)

De manhãzinha, papai pega a canoa
Passa pela lagoa e logo vai pescar
La no macaco prego³²
Que tem peixe pra danar!

Vai pescar! Vai pescar!
Também no palha branca³³
Vai pescar! Vai pescar!
Pra poder me alimentar

De tardezinha, mamãe pega a farinha
Faz uma tapioca, me chama pra merendar
Mamãe faz tapioca para poder me alimentar
Mamãe faz tapioca, espera o papai chegar

Além desta música:

Boto tucuxi (Timaia dos Santos, Silvia Helena e Túlio Nunes)

Mamãe falou pra não pular no rio
Quando escurecer, por que faz muito frio.
Papai falou pra não ir no Igarapé
Porque o boto rosa pode puxar meu pé

O meu pai dizia: menina te cuida,
Boto vai te pegar
E na beira d'água ela falava: pára de viajar
Ela era da cidade, seu negócio era vaidade
Cunhatã³⁴ teimosa, sobe o barranco que eu vou te benzer
E ela não ouvia, e eu já sabia, o que ia acontecer
Ela era da cidade

³² Macaco prego: Lago presente na região – o mesmo que não se formou no ano de 2012.

³³ Palha Branca: Lago na parte de trás da comunidade.

³⁴ Menina em Tupi.

Não sabia das maldades

Foi descendo o barranco, minha mãe em prantos,

Põe se então a gritar.

Não adiantava, boto tomou posse,

corre então pra ajudar.

Fui correndo lá pra beira³⁵.

Fui gritando: o que é que eu faço?

E minha mãe dizia: Lembra o que a vovó falava?

Papai, pega logo o pião-roxo³⁶ pra surrar a mana pro boto se afastar

Papai, eu lembrei que o boto tucuxi afasta o boto rosa

Pra nunca mais voltar

Fui lá, muito angustiado,

pus minha mão na água e comecei a cantar.

Boto Tucuxi³⁷, boto tucuxi,

Tira o boto rosa³⁸ daqui

Em Nazaré, as histórias contadas no cotidiano misturam os fatos históricos da comunidade e das localidades de origem dos habitantes com as lendas locais, crenças religiosas e comemorações. Ali, a história dos antepassados é história viva! Contadas por Anauá, Timaia, seu Mundico, professor Artêmis, entre tantos outros, ela caminha entre as gerações. Muitas vezes com um “acredite se quiser” na metade ou no final, mas sempre seguido de um sorriso de orgulho e elementos que nos prendem a atenção.

³⁵ Ir para a margem do rio.

³⁶ Planta tóxica existente na Amazônia.

³⁷ Espécie de boto que, segundo a lenda local, tem o poder de espantar o boto rosa.

³⁸ Espécie de boto que, segundo a lenda local, engravida as mulheres ou seu espírito “invade” o corpo das pessoas.

Eu me lembro duas coisas interessantes. Uma é as crianças fazendo teatro desde cedo e eles cantando. Imagina pensar na formação baseada na cultura local, sem deixar de estudar, sabe? Os adolescentes de hoje, a maioria deles sempre volta nos festejos. A cultura aqui em Nazaré é tão forte, porque aqui as pessoas sabem que podem contar e participar... Acho que aqui é mais forte do que nas outras comunidades do Madeira por conta do que o pai fazia na escola, de sempre contar as histórias, de mostrar que ele valorizava isso. Ele era um líder natural aqui e as pessoas respeitavam ele e viam que ele valorizava o que era nosso! No fundo, as pessoas daqui sentem incentivo e liberdade de contar as histórias e falar do que é da Amazônia, do boto, do neguinho da mata... [...] Aqui tem uma coisa... eu... sou assim, uma opinião minha é meio feio de falar, por que eu sou daqui, eu gosto muito daqui! Aqui tem uma coisa diferente, tem uma aura, as pessoas que saem sempre voltam, elas não perdem o vínculo.

(Timaia, março de 2013)

Timaia é um educador que nasceu e cresceu em Nazaré. Importante parceiro desta pesquisa, ele é filho do professor Maciel e cresceu em meio a livros, festejos, música, teatro e poesia. Isso tudo, junto das histórias e lendas locais, foi sempre tão presente em sua vida, que ele não sabe bem dizer quando foi que começou a trabalhar com os projetos de cultura local. Ele nasceu na comunidade, porém, depois de alguns anos, teve que se mudar para concluir seus estudos. Se formou na escola e na faculdade de letras para ser professor em Nazaré, como seu pai. Hoje, Timaia é professor, mas também é fundador do grupo musical e do instituto “Minhas Raízes”, além de ser pescador, coletar produtos florestais não madeireiros e participar, ativamente, das reuniões por melhorias na comunidade.

O minhas raízes foi um grupo criado, principalmente, por ele e seu irmão Tullio, mas com um grande incentivo de seu pai, dos integrantes da “velha guarda” da comunidade (professor Artemis, seu Zé Ferreira, entre outros) e de seu amigo Anauá, também escritor e bastante ativo nas apresentações teatrais da comunidade. A ideia inicial era a de, junto com crianças e jovens da comunidade, cantar músicas que

falassem da história local, das lendas e formas de viver da região. Junto disso, construir os instrumentos com materiais da floresta e trabalhar com estes jovens de forma a incentivar a participação coletiva na vida política da comunidade, sem esquecer *das raízes de quem é de Nazaré e da Amazônia* (Timaia, março de 2012). Hoje, o grupo cresceu e em parceria com outras pessoas, como o Anauá, o Tullio, entre outros, virou o instituto “Minhas Raízes”, que tem como missão realizar, em Nazaré, trabalhos de educação, cultura e turismo de base comunitária.

Bioinstrumentos construídos em Nazaré por Timaia e outros integrantes do grupo Minhas Raízes

É tão difícil falar como tudo começou. Porque assim, não fui eu ou o outro. Em Nazaré parece que as crianças são escolhidas por Deus para estarem aqui, elas nascem muito talentosas. Mas o pai sempre fez as coisas, sempre fez o teatro, os festejos, o seringador, o boi... Eu continuo com a ajuda de outras pessoas. Tipo o Anauá sempre participa e outras pessoas! O minhas raízes é uma história muito bonita... Desde a época do pai, que ele fazia os festejos e teatro, educação, a fanfarra, mas era tudo muito aqui em Nazaré só. Os teatros regionais ele fazia de baixo de tapiri de palha, na vela mesmo. Com muita gente. Chegou o momento que a gente falou: a gente precisa mostrar isso para fora. Ai a Silvia Helena e o Tullio

falaram de criar algo que mostrasse as coisas da nossa vila. Aí o pai falou assim: poxa Timaia lá no uruapiara a gente tocava com tambor de madeira ocado. Aí eu pensei em fazer instrumentos nossos que fosse a cara da gente, de ouriço de castanha, madeira, essas coisas. Eu e os meninos daqui de casa começamos a produzir os instrumentos. Nós fizemos seis músicas: minhas veias, curupira, depois a da cobra, depois veio a da correnteza. Hoje o minhas raízes é bem mais que um grupo de música. Tem o teatro com o Anauá, tem outras coisas.

(Timaia, fevereiro de 2013)

Podemos pensar que estas crianças são tão talentosas justamente porque nasceram em um local no qual o fazer criativo é incentivado e extremamente valorizado. O trabalho desenvolvido por estas pessoas tão admiradas na localidade possibilita um espaço de brincar e se relacionar com o mundo de forma criativa, não somente por meio da arte, mas criando um espaço no qual crianças, jovens e adultos podem, a partir do vínculo com o passado, viver o presente e criar planos de futuro.

Para Winnicott (1951), o viver criativo é um elemento fundamental da vida saudável. O viver criativo não se reduz à atividade artística, engloba uma forma de relação entre sujeito e o mundo que não é de submissão ou simples adaptação à realidade externa. Tampouco significa a perda de contato com a realidade pelo transbordamento da vida subjetiva, como nos casos de delírio ou de alucinação. As relações entre o viver criativo e a vida comunitária se revelam no fato de que as atividades culturais sustentadas pelo grupo configuram um "espaço potencial", um espaço que não é propriamente uma realidade interna e tampouco uma realidade externa, um campo de atividades comunitárias que permite uma relação pessoal dos membros do grupo com o mundo e com sua história.

O professor Maciel, segundo os relatos de todos os moradores com quem eu conversei durante esta pesquisa e meus anos anteriores em Nazaré, sempre apoiou na comunidade a realização de atividades ligadas à cultura da Amazônia – do caboclo

ribeirinho, das raízes indígenas, dos povos da floresta! O professor Maciel, junto do professor Artêmis, iniciou também a organização dos teatros de comédia na comunidade, das danças do *seringandô*, das *contações* de histórias e lendas e composição das músicas.

Segundo o professor Artêmis, em abril de 2011:

O professor Maciel ... gostava de comédia. Começamos fazendo comédia aqui em Nazaré. Ele programava tudo. Eu e ele. E o povo participava. A gente chamava a comunidade e cada um pegava a sua peça e ia estudar e se preparar. Ele também gostava muito de música e os filhos deles nasceram e cresceram e se envolveram com música. Eles todos parecem que nascem prontos, de tão talentosos que são. Já sabem tocar os instrumentos e cantar assim de criança. Você vê que eles que preparam até os instrumentos. Eu falo para o Tim que não pode apresentar sem o nosso material. Não adianta querer dar o material de fora. Tem que ser o nosso, que fazemos aqui. Cada música que eles compõem é uma história daqui do baixo madeira. Elas contam da nossa história. Ou até mesmo da cachoeira de Santo Antônio, que era uma lugar tão bonito e agora foi transformado em barragem. Todos perderam uma bonita paisagem.

Atualmente, Anauá participa ativamente da construção de peças teatrais na comunidade. Chamado de “Paragem cultural”, o teatro em Nazaré traz gente de diversas comunidades do baixo rio Madeira. As peças são todas construídas na comunidade: eles escrevem os textos a partir das histórias locais, fazem os cenários, as roupas e são os atores e atrizes.

A paragem cultural é muito legal, Andrea. Você tem que vir ver! O povo já espera ela acontecer na época do natal. Começou por causas das comédias do professor Maciel. Depois que ele morreu, não fizemos mais, aí o povo sentia falta. Um dia eu e o Tim pensamos em fazer de novo. Fui pra casa e comecei a escrever... a gente ficou trabalhando nisso e começamos a falar com o pessoal que gosta de teatro e todo mundo ficou animado! O Léo meu filho foi ator, a Aleita, eu, um monte de gente. As histórias era daqui mesmo, a gente fala da dona Preta, da cobra grande e assim vai. Vamos assistir um dia aqui. Eu tenho um dvd com o teatro que um menino amigo nosso gravou! [...] Falando nisso de cultura, teve

uma vez que veio um cara de fora, acho que era de Manaus. Ele tinha um projeto de trazer cinema para a comunidade aqui do baixo madeira, sabe? Dizendo que ia trazer cultura pra gente, vê só... Aí ele chegou aqui na comunidade com aqueles aparelhos todos. Não falou com ninguém e foi logo montando a apresentação lá no piseiro... acabou que ninguém foi. Ninguém apareceu. Ele ficou bravo. Falou que a gente era um povo sem cultura... sem interesse. A gente falou pra ele que não. Ele ficou duvidando... acabou que falamos pra ele deixar a gente mostrar um filme nosso então. Mostramos o filme do teatro aqui de Nazaré, fomos divulgando, pedimos ajuda pro pessoal, o povo foi se envolvendo, sabe? Nossa.... foi lindo. Não tinha mais onde colocar gente, tinha a tela e aquele povo todo assistindo e rindo. Mostramos pra ele que a gente tem sim cultura, mas não adianta vir com as coisas assim de fora [...] Teve uma outra vez que a gente tava falando de fazer a rádio comunitária, lembra? Nossa, a gente quer muito que esse projeto dê certo, Andrea. Aí teve o pessoal da compensação ambiental da Santo Antônio que veio fazer levantamento do que a gente precisa aqui. Dividiu em cultura, educação, saneamento, saúde... Foi difícil escolher em que grupo ir. Tem tanta coisa... aí eu fui no de cultura. A mulher falou que tinha que ter um curso para ensinar a gente a falar em rádio, por que tinha técnica, ela falou que não pode falar assim de qualquer jeito. Ah... isso eu não concordo! A gente tinha a rádio aqui com o professor Artêmis e o professor Maciel! A gente não precisa de ninguém de fora ensinando a gente a falar! Aqui tem o dialeto próprio! Eu falo em riba da mesa, falo curumim, falo peia... Preciso aprender sobre os aparelhos, mas não quero falar como se não fosse daqui!

(Anauá, março de 2011)

As histórias da comunidade não são apenas contadas durante as músicas e teatro. Elas fazem parte do dia a dia da vida de alguns moradores de Nazaré. Lembro com detalhes as tantas conversas na casa do Anauá, com seus 4 filhos e 2 sobrinhos (que ele e sua esposa criam) em volta, lembrando e contando as histórias de sua infância e as histórias que seu pai lhe contava. Falava também sobre Dona Preta, curandeira local, sobre as lendas do mato e as simpatias que seu pai, também curandeiro, ensinava-lhe. Durante estas conversas, as crianças maiores participavam ativamente, relembrando seu pai dos pequenos detalhes, complementando as falas

com alegria. Já as menores sorriam e se espantavam, cada uma com a atenção de quem estava aprendendo os detalhes da história de seus ancestrais.

Anauá conta que seu pai era curandeiro e que antigamente, com a falta de médicos, eram só os curandeiros que conseguiam atender os problemas de saúde. Sobre o pai de Anauá, Dona Vena conta:

Meu irmão era uma pessoa que entendia muito das rezas. Chegava aquelas mulheres na casa dele e falavam “Ê seu Manel, eu vim aqui pra você rezar pro meu filho que tá doente com pescoço mole.” Ele então esfriava o corpo do roçado, ia em volta da casa pegar ervas e folhas, voltava e fazia a reza. E falava iiihhh, você vai ficar bom. Aí você perguntava pra ele o que fulano tem? Ele falava, nada de mais, ele vai ficar bom, traz ele amanhã de novo aqui e eu vou dar outra reza e ele vai ficar bom. No dia seguinte a mãe chegava lá e ele perguntava, como o menino tá? Ah, seu Manel, agora ele tá bom. Ele então fazia outra reza. Teu filho vai ficar bom, aí sim ele dizia o que ele tinha. As vezes a pessoa chegava assim chorando com algo de dar medo. Ele botava o dedo assim e rezava na pessoa. A pessoa chegava com uma dor de cabeça, com qualquer coisa e ficava bom, com um chá, banho ou purgante! Tinha um bando de gente vermelha e ficava bom rapidinho. [Pergunta: O que é gente vermelha?] É quando a pele fica assim todinha vermelha, sabe? [Pergunta: Mas como a pessoa pega isso?] Não sei não! Mas as pessoas ficavam boas rapidinho, maninha!

(Dona Vena, Fevereiro de 2012)

As rezas e chás feitos pelos curandeiros faz parte do dia a dia de muitos moradores. Eles relatam que é comum irem ao médico e também à curandeira e benzedeira Dona Preta.

Uma vez eu tava doente aqui em casa com uma tremedeira. Eu morava lá fora [do lado da ponte que fica perto do rio]. Tava com água no fogo e as pernas com uma tremedeira que eu não conseguia ficar de pé. Aí fui para rua [Porto Velho] me tratar pra lá. Passei mais de mês me tratando, fazendo exames e não dava nada. Pedi para o médico bater uma chapa do meu peite para ver se eu tava tuberculosa e nada, nada, nada... O doutor falou que eu tava é boa. Eu então falei como assim doutor? Tô aqui com a perna

tremendo, fraca desse jeito e não tenho nada? O médico ainda fazia é piada dizendo que se eu arrumasse um namorado eu ficava é boa.

Eu não melhorei e falei assim pra minha filha: sabe de uma coisa, faz um mês que eu tô em Porto Velho doente não melhora. Eu vou é pra casa e vou morrer em casa que é melhor. Vou ficar aqui não. Vim me embora. Depois de uns 3 dias chegou a comadre finada Chica, mulher do seu Pantoja. Ela chegou em casa e perguntou “comadre, porque não vai a senhora na Dona Preta, compadre Maciel fretou um barquinho para levar a menina dele aí eu vou aproveitar e ajudar minha comadre a levar o menino dela junto, porque você não vai?” Eu falei “rapaz, se o Maciel vai então você diz pra ele se ele me dava a passagem ou eu ajudava a pagar”. Depois ela voltou rapidinho e falou “comadre, o Maciel falou pra senhora se arrumar que ele vai te levar”. Eu arrumei minha malinha com uma roupinha assim de manga comprida, porque lá só entra com manga comprida. Sainha comprida, toda arrumadinha. Coloquei uma lata de leite, de sardinha uma farinha, tudo arrumadinho. O Maciel foi me buscar e pegou minhas coisas e quando eu cheguei na beira minhas sacolinhas estavam com a dele no motor [barco] que ele fretou.

Saímos de manhã e chegamos lá de tarde. Lá o compadre Raimundo que é o marido dela não tava. Aí todo mundo tomou banho na beira do rio e fomos jantar. E começa 6 horas o trabalho dela. Chegou 6:30 e chamaram a gente para subir porque o Raimundo chegou e falou “a Dona Preta vai trabalhar”. Todo munda senta lá no banco. Aí todo mundo começa a cantar uns hinos bonitos que ela gosta. Uns hinos assim bonito, da igreja né! Aí ela canta, canta! Aí o mestre chega com ela, porque ela só recebe o mestre, ele chega cansado perguntando: “como cêis tão por aqui”. Aí o povo responde: uns tão doente, outros não. Uns não sabem o que tem. Eles deram manjar [comida] pra gente, quando a gente chega. Aí ela pergunta: “deram manjar pra vocês quando chegaram em casa? Deram atenção?”. Por que as vezes ela não tá, tá na roça trabalhando e quem tá em casa que recebe! Aí tudo responde: “sim, deram manjar!” Ela pergunta se deram atenção também e todos respondem.

Aí ela pergunta por que o menino não comeu, aí ela pergunta quem tá melhor, aí ela pergunta com quem você veio e o que você tem. Ela já vai rezando enquanto você responde. Rezando, rezando sem parar! Aí ela vai passando os medicamentos. Tantas horas, tanto isso, tanto aquilo. O escrivão vai anotando. Eles passaram uns vão, 3 dias de água ardente Alemanha para passar no corpo e um purgante.

Ai quando o seu Maciel viu o papel, me deu uns vidros de água ardente. Aí quando eu voltei pra casa eu pensei, como eu vou fazer para comprar meu purgante. Aí o seu Maciel viu e pediu para a

Alvina, mulher dele que ia em Porto Velho comprar para a menina dela, trazer o meu. Eu não podia comer sal nem um monte de coisa por causa do purgante. Aí a comadre Alvina mandou um recado pelo Maciel que ia me buscar para cuidar de mim.

Ela tava morando em Candeias para os meninos dela estudarem porque aqui só tinha escola até a quarta série. Ela veio e perguntou se tava tudo pronto, pois ela ia me levar na casa dela para cuidar de mim. E eu só podia sair quando tivesse boa. Quando cheguei lá já tinha uma cama pronta pra mim, já fui tomar o purgante fui para debaixo do mosquiteiro! Ela foi uma santa pra mim! Ela fazia todo dia pra mim o purgante! Cuidou mesmo.

[Pergunta: O que é o purgante?]

Era um chá da laranja que eu tinha que tomar todo dia as duas horas da manhã e ficar quietinha e deixar purgar.

[Pergunta: O que é purgar?]

Pugar é tomar o chá e deixar evacuar tudo pra limpar o organismo. Você não pode comer salgado nem nada. Come só uma carnezinha insossa. Eu passei três meses lá com ela para curar e o médico em porto velho falou que não era nada.

(Dona Vena, Fevereiro de 2012)

Dona Preta, como já dito, é a curandeira da região. Ela recebe uma entidade que cuida da saúde das pessoas, possui guias espirituais e benze quem a procura, demonstrando aspectos das religiões de matriz africana. Seus guias, porém, são os botos, que evidenciam os elementos simbólicos locais no seu trabalho e religiosidade. Ela também usa as cantigas e rezas católicas. O que mostra a rica mistura da religiosidade local e, porque não, tão tipicamente brasileira.

Ela é muita conhecida e, sobretudo, reconhecida nas comunidades do baixo rio Madeira. Em Nazaré não é diferente, cantada³⁹ em música pelas crianças e jovens do

³⁹ Cumbeira na beira do Rio Madeira

Tinha um menino que só vivia assim, aluado

Tinha a menina que encantava assim, ao seu lado

Tinha um menino, mestre Agripino, Lurde e Caçode Miolo de Pote, Mundica não quer saber.

Moça no cio, boto vadio

Encanto e desgosto, leseira de encosto

minhas raízes, é bastante comum as pessoas se juntarem para dividirem as despesas e irem até a comunidade que ela mora (também no rio Madeira) para os atendimentos. Entretanto, também é bastante comum as pessoas chegarem lá, dizerem o que sentem e ela orientá-los a procurar o médico.

Eu tava com um problema de saúde que ninguém descobria o que era. Eu não conseguia ficar na sala de aula. Foi muito difícil. Fui para todos os cantos e nada... Aí fui na Dona Preta e ela viu o que era... ela olhou, viu e falou, você vem aqui, vou cuidar disso, mas você precisa ir no médico lá na cidade. Posso ajudar, mas você precisa cuidar na cidade também.

(professor Raimundo, Fevereiro de 2012)

Com relação à religiosidade, em Nazaré, todas as pessoas com quem eu pude conversar se declaram religiosas. Existe uma mistura entre católicos e protestantes. Há também aqueles que se dizem católicos, mas vão nos cultos evangélicos, como por exemplo a Dona Vena, que afirma ir à igreja evangélica pela proximidade com sua casa.

Existem na comunidade duas igrejas católicas (uma no parte de dentro e outra no bairro de fora) e três igrejas protestantes (duas Assembleias do Reino de Deus, uma Deus é Amor e uma Adventista do Sétimo Dia). Os pastores evangélicos moram na comunidade e, por isso, os cultos são mais frequentes (todas as igrejas possuem culto pelo menos uma vez na semana). Já as igrejas católicas não possuem um padre que more na comunidade, desta forma, as missas são mais raras -geralmente nos

Dona Preta sabe benzer...
Cobra Grande foi quem me falou
Igapó foi quem me mostrou e mãe d'água também confirmou
Que este caso é pura verdade, Doutor!
E quem quiser que conte outro
(bis)
Cumbeira na beira do Rio Madeira.

festejos mais importantes e na páscoa. Existem celebrações semanais na igreja de fora, feita pelo presidente da igreja católica, que é também catequista. Na igreja de dentro, algumas celebrações são feitas, organizadas principalmente por Timaia e sua família.

Muitas das pessoas que são católicas relatam irem se benzer ou fazer algum tratamento com a Dona Preta. Porém, alguns protestantes da comunidade dizem que estas práticas não são autorizadas por seus pastores e, desta forma, estão impedidos de realizarem estes tratamentos. Com relação a isto, também, muitas das pessoas que são evangélicas na comunidade justificam, por serem evangélicas, o fato de não poderem frequentar os festejos locais (católicos), dançar o boi e ir às festas nos “piseiros”.

Eu não tenho problema com religião nenhuma, Andrea. Sempre aprendi respeitar todas. Só me preocupo com as crianças que não podem fazer as coisas ligadas à nossa cultura aqui da Amazônia. Elas não podem dançar o boi, não podem cantar músicas com as lendas, não podem ouvir as lendas, falar da Dona Preta. Fico pensando que se ficar assim, nossa cultura vai morrer, porque as pessoas são proibidas de participar. Se nossa história morrer, como a gente vai conseguir viver na floresta?

(Timaia, Abril de 2011)

Ainda sobre os eventos ligados à religião, existe em Nazaré alguns festejos católicos. O maior deles é o de São Pedro, em Junho, também chamado na comunidade de festejo da cultura. Ele acontece durante uma semana, sendo que por alguns dias as atividades são de rezas (novenas) e pequenos bingos e, nos dois últimos dias, além dos maiores bingos, acontecem também as danças e apresentações culturais, dentre elas, a quadrilha tradicional, a brincadeira do boi, a dança do carimbó, a derrubada do mastro e a dança do seringandor (original do Uruapiara,

região de origem de alguns dos moradores antigos, assim como o professor Maciel). Esta, sem dúvida, é uma experiência rica e necessária para todos que queiram conhecer de perto as formas de manifestações artísticas, cultura e religiosidade de Nazaré.

Os outros festejos são o de Nossa senhora de Nazaré, em setembro e, em janeiro, o de São Sebastião. *O maior festejo mesmo é o de Junho, de São Pedro, que é bastante organizado pelo Timaia. Os outros são menores, tem rezas e só um bingozinho básico* (Jeferson, Fevereiro de 2012), além de um pequeno festejo que geralmente acontece na páscoa, mas não necessariamente todos os anos.

Neste trabalho, tentei compreender quais são os sentidos em Nazaré desta complexa rede de fazeres, narrativas, manifestações artísticas, religiosas, e ricas experiências culturais, que se entrelaçam e se misturam com leveza e naturalidade. Fiz, dos questionamento de Carlos Brandão, minhas próprias perguntas:

Eu me perguntava se tudo o que podia haver ali e em tudo que eu vira desde a véspera em Pirenópolis que pudesse ser “pra não esquecer quem são”... Por que as pessoas contam e recontam as histórias que ouviram dos avós e entre si repetem lendas do sertão? Por que criam? Por que cantam?... Por que não são apenas prática e funcionais e, afinal, não dividem os seus dias entre a fábrica e a TV Globo? Por que, ao contrário, não cessam de caçar os sinais da beleza, da crença e da identidade rústica que existem nas coisas que nós, eruditos e urbanos, chamamos de folclore? (BRANDÃO, 1982, p. 11-12)

A partir de minhas observações, pude pensar que a tradição oral, as histórias que sobrevivem e são passadas de geração em geração, além do estímulo a uma relação artística que leva em conta essas tradições, compõem o cenário de um fazer criativo comunitário. A forma pela qual o passado e o futuro se entrelaçam nas manifestações culturais de um grupo revelam uma dimensão essencial da vida comunitária e do enraizamento. As tradições testemunhadas nesta comunidade

envolvem uma relação com o fazer criativo que só pode manter-se vivo enquanto as dimensões do enraizamento local forem respeitadas.

4.5) Vida política – vida comunitária

*Matas flores cor de anil têm a coruja do meu
lugar
Histórias que nunca se ouviu é tanta coisa pra
contar
Tem velha rezadeira, tem coruja a gorar
Tem o mito da cumbuca na canoa panema*

Minhas Raízes – Timaia e Tullio Nunes

O decreto no. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, define que povos e comunidades tradicionais são:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007)

Desta forma, a população de Nazaré é considerada como população tradicional. Falar da vida comunitária e da vida política em Nazaré nada mais é do que falar em cultura. Termo já discutido por muitos autores e que, segundo Vasconcelos (2010), passou a ser usado como forma de compreender as maneiras de viver de diferentes grupos. A autora se inspira nos escritos de Whitaker (2006), quando afirma que o conceito de cultura foi criado por antropólogos justamente para dar fim ao etnocentrismo ocidental e facilitar a compreensão de outras formas de viver.

Aqui utilizaremos o mesmo conceito de cultura adotado por Vasconcelos (2010) que, apoiada nas lições de Whitaker (2006), nos alerta , com veemência, sobre

a importância da diferenciação entre aqueles elementos que são culturais e aqueles que são ideológicos⁴⁰. Desta forma, a autora afirma:

cultura é o conjunto integrado e complexo de práticas e crenças que serve como guia de ação e nos humaniza. Reiterando, cumpre prestar atenção: práticas e crenças que humanizam compõem a cultura... As práticas e crenças que não humanizam fazem parte da ideologia que podemos definir como um complexo de idéias que justificam o poder, a opressão, a guerra, a dominação e todos os processos que nos afastam da humanização. Daí a necessidade de observar culturas locais e/ou tradicionais sob tais ângulos para compreender os impactos que sobre elas provoca a expansão do capital e sua ideologia.

(VASCONCELOS, 2010, p.16 - 17)

Para Alfredo Bosi (1992), se um dia for possível fazer uma teorização da cultura brasileira, será necessário ter como fundação (no próprio sentido de sustentar e apoiar esta teoria) o cotidiano físico, simbólico e imaginário considerados de maneira indivisível. De acordo com Alfredo Bosi, não há como separar as esferas materiais da existência das esferas simbólicas e espirituais. Segundo o autor (op.cit.);

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, as divisões da tarefa durante a jornada e, **simultaneamente**, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar...

(Bosi, op.cit. p. 324. Grifos nossos)

Portanto, se aqui, com certa certeza, consideramos que falar sobre a vida comunitária de Nazaré é justamente falar das formas de viver de seus moradores – que se constroem em uma trama cultural extremamente complexa, todos os itens trabalhados anteriormente neste trabalho entrariam neste tópico final. Sobre esta indivisibilidade, Alfredo Bosi, ainda no livro “Dialética da Colonização”, afirma:

⁴⁰ A autora se apoia no conceito de ideologia criado por Marx e Engels.

...O intento é deixar bem clara a indivisibilidade do homem rústico, de corpo e alma, necessidade orgânicas e necessidades morais. Essa indivisibilidade é difícil de ser aprendida pelo observador letrado que, por não vive-la subjetivamente, procura recortar em partes ou em tópicos, a experiência popular, fazendo dela um elenco de itens separados, dos quais alguns seriam materiais e outros não.

(BOSI, 1992, p. 324)

Se falar da vida comunitária e da vida política em Nazaré é justamente falar sobre todos os outros itens anteriores já trabalhados nesta presente dissertação, a maior dificuldade deste trabalho é fazer justamente uma síntese sobre este tema. Como apresentar um retrato etnográfico da comunidade de Nazaré, que tente compreender as lutas cotidianas de homens e mulheres pelas garantias de seus direitos, lutas cercadas de magia, mitos, lendas que se apresentam no dia a dia da comunidade, sem se utilizar de uma organização textual que divida estes itens e que traga tanto ao leitor, quanto à pesquisadora, clareza dos pontos que surgiram ou que foram escolhidos em encontros e conversas informais, em músicas e em entrevistas? Como falar sobre as plantações, cheias e secas do rio e extração de castanha, sem entrar em contato com as histórias da cobra grande e do neguinho da mata?

A tentativa, portanto, é de expor esta indivisibilidade, mas ainda com alguma divisão. Alfredo Bosi apresenta em seu livro uma discussão das culturas populares de forma generalizada. Seria, portanto, importante, para pesquisas futuras, uma maior reflexão sobre como apresentar estas tramas culturais, como realizar a descrição densa destes fenômenos, levando-se em conta as discussões de Alfredo Bosi, ou seja, com a menor divisibilidade possível, mas que possa trazer ao leitor alguma organização dos assuntos discutidos no decorrer da pesquisa.

Mas se a cultura está na forma de viver, de preparar a comida e comer, de visitar e ser visitado, de adorar um Deus, de organizar a fé e a crença em curandeiros mantendo o respeito pelos médicos, na transmissão oral das lendas e da história da

comunidade, nos ritmos de vida e trabalho e nas diferentes formas de manifestações artísticas, entre tantos outros itens, vamos neste tópico tratar as partes que ainda não foram discutidas na presente pesquisa, mas que podem ser consideradas de extrema importância para compreender as formas de viver em Nazaré.

Podemos considerar que as famílias em Nazaré são famílias, em sua maioria, com modelos patriarcais. É possível observar o patriarca como responsável pelas decisões financeiras e políticas da comunidade, enquanto a função feminina é centrada nas tarefas da casa e de cuidado com a família. Um indicativo disso pode ser observado na própria questão da herança e divisão do trabalho anteriormente mencionada neste trabalho, nas quais os filhos homens são herdeiros, pois irão precisar sustentar suas mulheres e crianças, enquanto suas filhas serão sustentadas por outros homens, seus maridos.

Não é frequente ver mulheres casadas conversando nos bares da comunidade ou em outros locais, a não ser com seus vizinhos de casa e durante as atividades comunitárias (como atividades na igreja, rezas, festejos e festa da melancia, cursos organizados pela EMATER ou pela Organização Não Governamental NAPRA, que atua há anos na região, entre outros).

É bastante comum elas mandarem presentes para as famílias amigas, como bolos, comidas, panos de prato com desenhos feito por elas, entre outras coisas (esta ação de trocar presentes é bastante comum entre as mulheres, mas não excluem os homens, que também costumam fazer troca de presentes entre famílias – como com peixes, frutas, castanhas, milho plantados em seus terrenos e etc). Estas trocas acontecem quase que diariamente e muitas vezes entre as mesmas famílias.

Podemos afirmar que as mulheres são as grandes responsáveis pela organização da vida privada da família e da relação com as casas vizinhas. Os homens

são, na maioria da vezes, responsáveis pela vida pública familiar. Como já dito, é importante reafirmar que esta análise, contudo, não exclui o fato de que mulheres em algumas situações assumem o sustento da casa, plantando mandioca e outros produtos e que homens também podem eventualmente assumir o cuidado das crianças. Ambos os casos puderam ser observados no decorrer desta pesquisa.

Os filhos casados geralmente mudam-se, mas, muitas vezes, constroem suas casas próximas às casas dos pais (ou da esposa ou do marido), permitindo que as famílias se encontrem com frequência, principalmente nos momentos das refeições. Além disso, na ausência dos pais, os parentes mais próximo, a irmã ou o irmão mais velho, ficam responsáveis por auxiliar no cuidado das crianças menores.

Existe também, entre estas famílias, uma forte presença de ajuda mútua. Quando um membro da família adoece, os amigos sempre se disponibilizam a ajudar. Esta ajuda envolve levar a pessoa adoecida para sua própria casa, ou realizar visitas diárias à casa de quem está adoecido para fazer curativos, ajudar no banho, entre outras ações. Além disso, é comum mandarem comida preparada, pesca e produtos da roça para a família. Estas pessoas passam de amigos para “compadres e comadres” e, segundo os relatos locais, *de tão amigo, se torna até família e, muitas vezes, mais família do quem tem seu próprio sangue* (Dona Vena, Fevereiro de 2012). Fato que pode indicar que família e parentesco nesta região não possuem o mesmo significado.

A certeza da importância da vida em comunhão não vem só da ajuda mútua entre vizinhos e amigos. Como falamos na parte da organização do trabalho, é comum produtores se organizarem para trabalhar nas terras de algum homem que adoece. Outro exemplo significativo da ajuda comunitária foi a criação de um Banco Comunitário pelo professor Maciel, após uma grande cheia que resultou na destruição de toda a plantação nas áreas de várzea.

O banco é uma história muito legal porque foi tipo uma estratégia dele mesmo. Eu demorei para entender. Eu tinha na época uns 8, 9 anos... por aí. Teve uma cheia que foi uma das maiores. Nazaré não tinha funcionário público. Era só pesca e agricultura, mas bem mais agricultura. O pessoal tava ainda começando a plantar melancia, que é o que hoje em dia dá mais grana. Eu me lembro que banana, melancia, milho, eles plantavam muito e essa enchente acabou com tudo. O pessoal tava meio desiludido e começaram a ir embora. O pai começou a ficar preocupado assim... ele gostava muito da comunidade e muito das pessoas que moravam aqui. Ele ganhava muito bem na época. Ele era funcionário federal, né. Aí ele pensou assim: poxa, eu vou entregar parte do meu dinheiro e fazer um banco. E assim, ele tinha um grupo muito bom. Era um grupo da igreja, mas que não era só da igreja, eles trabalhavam pra fora [...] Ele pegou uma parte do dinheiro e comprou umas coisas de mercearia e perfumaria. Ele pegava o dinheiro e comprava as coisas e deixava o dinheiro no banco para o pessoal emprestar e tinha uma moedinha própria que chamava guri. Tem um pessoal que ainda tem tudo. O pessoal fazia tudo certinho. Eles foram emprestando guri para comprar as coisas que eles precisavam, porque a cheia destruiu tudo mesmo e não tinha como o povo ficar aqui e não tinha de onde eles tirarem dinheiro. Então emprestavam guri e os produtos eram baratos, aí eles podiam comprar as coisas. Aí, conforme tudo foi melhorando, as pessoas foram pagando de volta aos pouco e o banco fechou. Foi assim, o negócio tava indo muito bem. Foi na época que nós tava terminando a quarta série. Ele teve que sair para levar a gente pra estudar. Aí, como já tinha feito o objetivo ele de ajudar as pessoas a ficarem aqui, ele fechou o banco.

(Timaia, Fevereiro de 2013)

Porém é preciso compreender com mais cuidado como as divisões de terras foram feitas em Nazaré, como já apontado anteriormente. Nesta pesquisa não foi possível a compreensão detalhada de como ocorreu as divisões dos grupos que moram em determinados espaços de casas. Porém, é possível pensar que a escolha de onde construir as novas casas em Nazaré não é feita aleatoriamente. Contudo, para qualquer conclusão mais aprofundada, é necessário maior investigação sobre o assunto.

Neste local existe um calçadão, que facilita o uso de carrinhos de mão para o transporte de objetos, alimentos, entre outros. As casas, em sua maioria, possuem água canalizada e pintura do lado de fora das paredes de madeira. Além disso, encontra-se os principais comércios da comunidade e as famílias possuem, em média, maior renda familiar. Está também localizada nesta região a igreja de Nossa Senhora de Nazaré (construída ainda na época do seu Nanã), além de igrejas evangélicas, a Unidade Básica de Saúde, a sede da EMATER e a futura sede da administração e, segundo entrevista com Jeferson (morador local) em fevereiro de 2012, a futura sede da “Associação de produtores, moradores e amigos de Nazaré”.

Igreja do lado de fora da comunidade

Na “parte de dentro” da comunidade, as casas, são em sua maioria mais simples, sendo que muitas delas ainda não possuem sistema de encanamento e, por isso, têm os banheiros do lado de fora (com o sistema de buraco negro). Existe nesta região uma igreja católica construída principalmente pela família de Timaia, com ajuda de amigos, como seu Manduca, por exemplo. Nesta área, encontram-se a escola

municipal e, até fevereiro de 2012, estava em processo de construção a escola estadual de ensino médio. Encontra-se também a sede do Programa de Erradicação do Trabalho infantil (PETI)⁴¹, os motores de geração de energia, o piseiro, uma grande área para a realização de festejos e, segundo relato do Timaia, as futuras instalações do “Instituto Minhas Raízes”.

Igreja do lado de dentro da comunidade

Foi possível observar que há uma divisão na organização dos eventos realizados na comunidade entre os moradores da área de dentro e da área de fora. Isso não exclui a presença de todos durante os eventos, além de ajudas pontuais, porém o trabalho maior de logística é separado por estes grupos. Como por exemplo, o festejo de Junho, que é organizado, principalmente pelo Timaia, Anauá e os integrantes do

⁴¹ Considero importante aqui, fazer uma breve reflexão sobre a existência do programa de erradicação do trabalho infantil em comunidades tradicionais, como por exemplo, em Nazaré. Se a própria tradição e a cultura popular, como dita por Alfredo Bosi (1992), é passada nas lições aprendidas no cotidiano da vida em comunidade e do trabalho, como a pesca, a coleta de produtos florestais e a caça, a erradicação destas atividades feitas pelas crianças poderia, portanto, causar um impacto nas formas de vida tradicionais. Não defendo aqui a exploração do trabalho infantil, porém, atividades do contra turno escolar, focados apenas em questões da educação formal, podem dificultar a transmissão das tradições.

Minhas Raízes (moradores da área de dentro); enquanto, a festa da melancia, também importante evento da comunidade, é organizado pela associação de produtores, sendo que o presidente reside na área de fora e recebe mais ajuda das pessoas que moram em sua volta.

Por pertencer ao distrito de Porto Velho, Nazaré tem um administrador local, que é indicado pela prefeitura a cada quatro anos ou após sua demissão (voluntária ou involuntária). Os moradores algumas vezes relatam que, pelo fato deste administrador comunitário não ser votado por eles, ele não os representam. Em contrapartida, alguns relatos indicam as dificuldades enfrentadas por este administrador. Segundo os relatos, por ele ser indicado pela prefeitura (que determina sua permanência ou não em seu cargo), a possibilidade de discordância do administrador com o que é decidido em Porto Velho fica quase que impossibilitada.

Existem também alguns líderes informais que são respeitados pela comunidade. Como exemplo, o caso de Timaia e Anauá, que possuem bastante influência e respeito dos moradores, principalmente pelos trabalhos realizados com relação à educação formal e não formal, às manifestações artísticas e eventos religiosos.

É lógico que junto disso existem intrigas e brigas por poder. A organização política de Nazaré, junto de seus diferentes líderes (administrador, presidente da associação de produtores, moradores e amigos, presidente da igreja católica, catequistas, professores, entre outros) merece, sem dúvidas, uma observação mais detalhada, que não foi possível de ser feita no tempo de duração do mestrado.

Nos percursos desta pesquisa muitas indagações sobre as disputas de poderes, divisão de trabalho e da diferenciação entre os dois “bairros” da comunidade (como os próprios moradores identificam) não foram respondidas. Certamente foi possível

notar que as relações políticas da comunidade são extremamente complexas e entrelaçadas e necessitam um período maior de análise para o seu entendimento.

Com relação às questões políticas, em Abril de 2011, ao chegar em Nazaré, pude acompanhar uma reunião organizada pelos moradores da comunidade para pedir que fosse aberta uma sala do EJA (Educação de Jovens e Adultos) em Nazaré. Alguns moradores haviam organizado uma lista com todos os nomes das pessoas que gostariam de concluir seus estudos, mas que não tinham condições ou que não queriam se mudar da comunidade. Eles levaram esta relação para o atual diretor da escola, que se comprometeu a conversar com a diretora do ensino rural da Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho. O ponto mais interessante de observar nesta reunião foi a participação das pessoas na condução da conversa. Todos falavam livremente, respeitando o espaço e a participação do outro. As pessoas discordavam e concordavam umas com as outras e iam discutindo os problemas da escola junto do diretor⁴².

Dias antes deste encontro, havia acontecido na igreja da comunidade uma reunião com um representante da secretaria de agricultura do município de Porto Velho. Segundo a convocação divulgada na comunidade, era do interesse da secretaria saber as “demandas locais” vividas pelos moradores.

Ao iniciar a reunião, o representante da secretaria disse querer ouvir os produtores locais e suas demandas, contudo, em nenhum momento abriu espaço para que as falas acontecessem livremente e, quando as pessoas da comunidade não iam de acordo com o que ele já tinha interesse em realizar, elas eram interrompidas. Sua ideia

⁴² Ao voltar para a comunidade em Janeiro de 2012, perguntei ao diretor o que havia acontecido com o pedido para a secretaria de educação e ele falou que foi recusado, com a justificativa de que o governo estadual estaria construindo uma escola que iria atender até o final do ensino médio, portanto não havia necessidade de investir em um programa do EJA na localidade. Desta forma, ignorando as diferenças entre o programa de Educação de Jovens e Adultos e o ensino médio regular.

era a construção de uma “agroindústria familiar” para o beneficiamento do açaí. A verba para esta implementação viria dos projetos de compensação ambiental da barragem de Santo António.

Depois de ouvir a explicação do projeto, um produtor diz que não era do interesse dele ter uma agroindústria no local, pois eles tinham outras necessidades mais urgentes. Ao ouvir isso, o representante da secretaria respondeu que caso eles não aceitassem a agroindústria, o poço artesiano para o acesso de água potável não seria construído. Com esta resposta, um outro produtor se levanta e diz que não achava justo que eles só tivessem água potável caso aceitassem a agroindústria. Após esta fala, o representante da secretaria diz que a agroindústria era uma prioridade da prefeitura e que deveria acontecer e, a partir deste momento, não permitiu que ninguém mais pudesse fazer comentários.

A diferença entre as reuniões era clara. Uma havia o encontro entre iguais, entre cidadãos discutindo em parceria como melhorar o acesso à educação. Havia o encontro de rostos e vozes, que juntos reconheciam o sofrimento que viviam por não poderem finalizar seus estudos, mas que unidos tentavam lutar pela garantia de seus direitos.

No outro, havia uma figura de autoridade, que em suas palavras indicava o caminho de ação, impunha o projeto elaborado nos gabinetes, reforçando a diferença de classes e destruindo a dignidade dos habitantes de Nazaré que, para terem o acesso à algo tão básico como água potável, precisariam se submeter às vontades do dominador, que não enxerga naquelas pessoas homens e mulheres, mas sim corpos que, com sua força de trabalho paga com salários irrisórios, vão gerar capital para o estado e garantir assim a riqueza de poucos.

Embora seja claro o possível ganho em ter formas de beneficiar produtos florestais não madeireiros dentro da comunidade (pois agrega valor ao produto comercializado pelo ribeirinho), a proposta foi passada de forma vertical, não abrindo possibilidade para o diálogo junto dos produtores, que não puderam indicar a forma e com qual produto gostariam de trabalhar. No final da reunião, muitos dos presentes se juntaram em pequenos grupos afirmando a recusa em aceitar a determinação do representante da secretaria e a importância da própria gestão do ritmo de trabalho. Contudo, muitos ponderavam sobre os benefícios do acesso à água tratada.

Algumas pessoas, ao final da reunião diziam que precisavam da água e que, desta forma, precisariam fazer o que fosse necessário, já que eles não poderiam arcar com os custos da construção do poço artesiano. Pensar nisso, me faz lembrar da semelhança com o que Simone Weil escreve em seus diário de fábrica, quando ouviu de uma colega a seguinte frase: “É preciso ser mais conscienciosa *quando se tem a vida a ganhar*” (WEIL, 1979, p. 91). O cidadão pobre, que vive na linha de frente os problemas de uma sociedade de classes, precisa submeter seu tempo, espaço e forma de trabalho à condições impostas por interesses alheios, pois eles precisam também se preocupar com a existência básica do dia a dia. Existe uma vida a ganhar e o preço disso, numa sociedade de classes, em muitos casos, é autorizar que o outro faça a gerencia de sua vida. Weil, ao falar sobre os impactos de não possuir o direito de gerencia do próprio tempo e espaço, afirma: *Que bom seria poder depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la intacta à saída!* (Simone Weil, op. Cit. P. 86)

Atualmente, com a construção da barragem e as promessas das obras de compensação ambiental, muitos movimentos políticos têm acontecido na comunidade. Timaia apresentou suas reflexões sobre as obras do posto de saúde,

assim como o Anauá, quanto as possíveis atividades de uma rádio comunitária, como já citados anteriormente.

Algumas das pessoas da comunidade têm se juntado em grupos para ir até Porto Velho e exigirem a garantia de seus direitos. Sobre isso, Jeferson, em Fevereiro de 2012, fala:

O governador prometeu que com a construção da Santo Antônio todas as comunidade teriam água boa para beber. Isso da água, eles prometem faz é anos. Desde que sou menino. Você mesma viu da outra vez que veio aqui que eu estava doente com infecção urinária por causa da água e tive que correr para o hospital. Isso acontece sempre e não sou só eu. Muita gente fica doente por causa da água contaminada... A gente percebeu que sozinho não faz diferença. Que tem que ir em grupo reclamar. Fizemos aqui na comunidade uma comissão e fomos reclamar com o governador. Falamos com o governador mesmo, não com outra pessoa e cobramos isso da água. Com mais gente ele atendeu. As coisas funcionam assim. Agora ele assinou um termo de que vai fazer...

As brigas políticas na comunidade são antigas. Seu Artêmis conta, em nossa primeira entrevista (em março de 2011), como foi que Nazaré se tornou escola eleitoral:

Quando eu cheguei eu fiquei preocupado pela seguinte forma, porque as coisas faltavam e ninguém sabia por onde começar a procurar. Aí, na época de campanha eleitoral me nomearam para ser mesário em Calama. Eu fiquei de levar o pessoal. Eram só 21 eleitores para Calama e o pessoal passou reto e deixou a gente aí na beira. Eu fiquei revoltado com a falta de cuidado com o povo. Eu peguei um sábado a tarde antes da próxima eleição para governo mesmo. A eleição era dia 15 de novembro. Daí peguei minha rabetinha e falei para a esposa que não sabia quando voltava. Fui até o curicacas e voltei com 101 títulos. Além disso, começamos um trabalho de alfabetizar o povo aqui, para poder votar. Eu cheguei a Porto Velho e fui falar com os candidatos para ajudar... Esse povo vê que tem eleitor e ajuda, querendo é votos. Aí já me levaram no TRE e quando voltei tava garantida a urna em Nazaré! Já trouxe a gasolina para o povo transferir o título para cá e depois vir votar. É obrigatório votar, mas o povo tinha é que gastar dinheiro com gasolina para ir até Calama. Isso trouxe benefício para a comunidade. Porque aí tivemos saúde, comunicação, escola melhor.

A história de Nazaré é repleta de movimentos políticos feitos em parceria entre seus moradores. Iniciados nos finais das rezas na igreja, nos bares da comunidade, em visitas de casa em casa, ou até mesmo em simples encontros entre amigos.

A saída e a chegada dos barcos de linha são momentos de encontros na comunidade. Não apenas de encontrar aqueles que chegam de outras localidades, mas também de ir conversar com quem já estava em Nazaré, mas está esperando o barco. As pessoas que voltam são recebidas pelos moradores que ficaram na comunidade e as conversas acontecem atualizando o que aconteceu em Nazaré e em Porto Velho.

As pessoas trazem informações daqueles que não puderam voltar e daqueles que se mudaram para outros locais. Os limites da comunidade e da vida comunitária se afastam cada vez mais dos limites físicos e geográficos da região. As relações antigas continuam se estabelecendo em Porto Velho, com as notícias que circulam e os encontros que acontecem.

Como dito por John Comerford (s/d), podemos considerar que a vida comunitária está para além da migração e da oposição rural-urbano. Para o autor, existe uma espécie de mapeamento da comunidade produzido nas conversas que se deslocam constantemente. Para isso, existe um quadro interpretativo relativamente compartilhado que pressupõe conhecer anteriormente os estados das relações, o que configura uma “comunidade moral”, pois cada um se posiciona por relação ao outro, por meio de códigos morais comuns, que faz com que os limites da comunidade estejam sempre “em processo”, embora existam de fato os limites geográficos.

Contudo, é possível ver em Nazaré, como indicado pelo autor em seu artigo, que não necessariamente as famílias se encontram integralmente na localidade. Pelo

contrário, elas, muitas vezes, estão espalhadas, o que reforça a ideia de que os limites ultrapassam aqueles meramente delimitados pelo espaço físico. As pessoas se deslocam o tempo todo entre uma localidade e outra, deslocamentos que não são necessariamente visitas curtas, mas podem se prologar por diferentes motivos, como estudos, trabalho e etc.

Para o autor, “Essa ligação entre pessoas dispostas por toda uma rede de lugares “rurais” e “urbanos” não parece ser efêmera ou temporária, sem que tampouco seja permanente ou fixa” (Commeford, op cit, p. 9). Portanto, ao contrário de simplificarmos estes fluxos como “processos de urbanização”, podemos considerar que estamos frente à casas em constante movimentação, que ultrapassam a distinção “rural-urbano” e se apropriam de diferentes espaços e possibilidades de vida, fazendo com que estes espaços se tornem lugares morais, transformando-os em possibilidade de acesso à renda e à educação formal, cuidado à saúde, laços afetivos, entre outros.

É comum em Nazaré os jovens se deslocarem para outras regiões, em casas de parentes ou compadres, por exemplo, para terminarem seus estudos. Ao chegar em Porto Velho, eles encontram outras pessoas de sua região de origem e, ao movimentarem-se entre esta rede de casas, as pessoas vão construindo, automaticamente, algo como uma comunidade interdependente, pois os padrões de movimentação vão fazendo com que as pessoas se atualizem, troquem informações e se apoiem no enfrentamento daquilo que é diferente ao vivido em sua comunidade de origem.

Um destes aspectos de diferença, que pode ser considerado como de extrema importância para a compreensão de um retrato etnográfico da comunidade de Nazaré, é a relação de seus moradores com o tempo. Em algumas conversas com jovens da comunidade, eles citaram a diferença entre os ritmos da comunidade e os da cidade.

Embora de extrema importância, este item foi, infelizmente, o menos desenvolvido nesta pesquisa, devido as mudanças de foco durante o seu curso. Neste momento, portanto, vou descrever um pouco da minha experiência com relação ao tempo ao chegar na comunidade.

A diferença da relação temporal vivida entre São Paulo e Nazaré foi e tem sido, sempre, um dos pontos mais desafiadores desde a primeira vez em Rondônia, ainda na graduação. Em meu diário de campo, em 2006, eu relato:

Chegamos em São Carlos do Jamari⁴³ e uma das primeiras coisas que eu pude notar é como o tempo é diferente. Parece que a vida em São Paulo conta com uma pressa de existir, mas que é um existir sem nos conhecermos, sem vivermos os momentos. Faz três dias que chegamos e as coisas ainda não estão conforme planejadas. Mas, na verdade, como estariam, se não nos conhecemos? Parece que a gente quer forçar algo.... conhecer as pessoas vem com o tempo. Sem isso, o trabalho fica com caráter opressor. Mas para mudar isso é preciso mudar a forma toda dele. Na essência, o que é preciso é respirar e construir uma relação que segue o ritmo real. Mas, as vezes, esse tempo angustia. Parece que muitos de nós em São Paulo somos criados para atingir metas e resultados, seja como for, simplesmente fazer acontecer... isso faz com que, sem pensar, possamos ter atitudes dominadoras.

A diferença dos ritmos é clara e desafia o próprio corpo quando tentamos ignorá-la. O que conhecemos como monotonia ganha outro significado na Amazônia, aonde o tempo é vivido de forma completamente diferente da de São Paulo. As horas na comunidade, na maioria das vezes, não são contadas por relógio, mas sim pela força do sol. Geralmente, os dias começam mais frescos, chegando a uma temperatura muito forte entre o meio dia e, mais ou menos, três da tarde. Desta forma, caminhar pela comunidade próximo à hora do almoço é uma tarefa bastante difícil.

⁴³ Comunidade bem próxima a Nazaré.

Porém, nos primeiros dias da viagem de campo, durante esta pesquisa, era bastante angustiante ficar “sem fazer nada” após o almoço. Assim, eu insistia em sair para caminhar pela comunidade, o que, em todas as vezes, resultava em dores de cabeça e outros sintomas de exaustão. Ao chegar em casa, o Betinho e Jaque, as pessoas que me hospedavam, sempre riam e diziam: *Sabia que logo você voltava. Com esse sol, é preciso ficar em casa.*

Outra vez, no restaurante da comunidade, um profissional da área da saúde, que era de outro estado do país, chegou e pediu para sentar-se conosco. Ele começou a dizer sobre um trabalho que estava desenvolvendo com alguns colegas para a região, a fim de aumentar a colheita de produtos florestais não madeireiros e, por sua vez, aumentar a geração de renda dos produtores locais. Em seu discurso ele falava o quanto o dinheiro trazia dignidade para as pessoas e que era isso que o povo dali precisava.

Após um tempo de conversa, os homens das comunidades que estavam no local começaram a ficar impacientes, até que, em um momento, este senhor (estrangeiro) fala: *o povo daqui é preguiçoso. Eles trabalham de manhã, descansam de tarde, para trabalhar de novo só depois. Nunca vi gente que gosta tão pouco e trabalhar.* Um dos produtores, então responde: *olha, mas o senhor já foi carregar castanha no sol forte para ver? Então vá, depois a gente conversa.* Momentos como este, explicitam a necessidade de conhecer de perto as razões pelas quais as pessoas se organizam da forma como fazem. Mostra a necessidade de compreender as ações junto dos ambientes em que estão colocadas.

Desta forma, é quase que rotineiro os encontros serem marcados “quando o sol baixar”. As pessoas não marcam uma hora para que isso aconteça, é preciso sentir a força do sol. Todas as entrevistas foram marcadas desta forma, as pessoas sempre

diziam: “Vá até a minha casa quando o sol tiver fraco” e quase todos continuavam: “e então podemos merendar”. As conversas aconteceram, em sua maioria com muita comida. Foi preciso aprender que chegar na casa das pessoas antes do sol baixar é extremamente mal educado, pois geralmente, estas pessoas estão descansando (e evitando o extremo calor que faz próximo ao meio dia), para retomar o ritmo de trabalho de tarde. Não demora muita para você compreender o porquê da necessidade de deitar na rede, na sombra, por algum tempo após almoçar.

Contudo, as diferenças dos ritmos não se dão apenas por causa do sol e das quentes temperaturas. As conversas se alongam na beira do igarapé e as pessoas contam umas das outras diferenciando os colegas, amigos, família e amigos que de tão queridos, se tornam família e, junto disso, contam do tempo passado e das amizades. As vezes elas também contemplam o silêncio, ficam por horas observando a natureza ou pescando, apenas na companhia do silêncio do amigo e dos sons da floresta.

Desta forma, os primeiros dias em Nazaré durante esta pesquisa sempre foram usados para se adaptar às diferentes concepções de tempo e de pressa. Era preciso cuidar para que a velocidade das interações e das atividades que estamos acostumados em muitas tarefas em São Paulo, não desrespeitasse e atrapalhasse a vida cotidiana dos meus interlocutores. Neste sentido, as horas de viagem de barco para chegar na comunidade acabam sempre contribuindo um pouco para a inserção em uma nova organização temporal.

Foto tirada em uma tarde, na qual duas horas antes eu passei pelo igarapé e observei estas três pessoas sentadas em silêncio. Depois, ao voltar para casa, elas ainda estavam ali. Não sei se passaram as duas horas em silêncio, mas fiquei um tempo as observando do comércio em frente a este banco e elas apenas contemplavam o igarapé, trocavam algumas palavras, mas não pareciam tentar evitar o silêncio.

5) Discussão final – Reflexões sobre o enraizamento na comunidade de Nazaré

*O sapo na mata se põe a contar
Avisa o canário que foge do lar
É fogo, é queimada, um pranto de dor
Do gato do mato e da flor que secou
Os peixes pulando na beira do rio
Surgiu o desespero: a represa se abriu*

*Sou da beira eu sou, sou filho eu sou
Da mata, do lago, do rio que secou*

Minhas Raízes - Timaia

As lembranças dos depoentes sobre a formação de Nazaré alcançam o momento em que a família de seu Nanã estabelece uma fazenda naquele território. Os primeiros moradores chegam para formar a mão-de-obra empregada nessa grande propriedade rural. As condições de trabalho, como vimos, é ambígua: em alguns pontos lembram uma condição análoga à escravidão, por outro lado, o patrão é reconhecido pelos trabalhadores como um bom empregador, sujeito preocupado com o bem-estar e com o desenvolvimento de condições dignas de vida para os primeiros trabalhadores da região e que garantiu, por exemplo, o acesso à educação da crianças que ali viviam.

Essa memória coletiva da formação da comunidade nos apresenta uma primeira pergunta interessante: quais foram os critérios de distribuição da propriedade da terra na região amazônica? Como se formou essa estrutura social dividida entre o grande proprietário de terras e o grupo de trabalhadores que não tiveram acesso à propriedade, restando-lhes unicamente a possibilidade de venda da força de trabalho aos grandes fazendeiros?

As características da ocupação inicial do território amazônico seguiram amplamente a tendência mais geral de ocupação do território durante o período colonial, mas com uma diferença: a estrutura básica é a de um empreendimento comercial baseado na grande propriedade, mas o caráter da produção é mais extrativista do que o de uma agricultura baseada na monocultura. Dessa origem da estrutura fundiária monopolizadora e da economia extrativista, as lembranças dos depoentes carregam muitas marcas: a memória antiga do trabalho é a da entrada na floresta para coleta de bens que posteriormente seriam vendidos, com o privilégio da exclusividade, ao patrão, o dono das terras. Essa organização econômica do início da formação de Nazaré reproduz os elementos fundamentais da organização econômica do período colonial: a grande unidade produtora, seja agrícola, mineradora ou extrativa, e que é a base da grande concentração de riquezas e de poder político herdada do período colonial (PRADO JR, 2011).

O povoamento inicial da região também se amolda *às contingências da colheita florestal* (PRADO JR, 2011, p.224) e este fato é repleto de consequências. Como a organização social do trabalho está apoiada inicialmente sobre a coleta de bens nativos, observa-se uma certa dispersão da ocupação e a atração exercida pelos rios. Esta atração dos rios não se justifica apenas pela água em si, *mas pelo caminho que oferece* (PRADO JR, 2011, p.224). Como afirma o autor:

Numa forma de atividade em que as fontes de produção se dispersam irregularmente, sem pontos de concentração apreciável, não são elas, como se deu na agricultura ou na mineração, que fixam o povoador; mas sim a via de comunicação.

(PRADO JR, 2011, p.224)

Nas lembranças dos depoentes, é notável como a estrutura inicial de Nazaré reproduz a tendência de concentração da terra, das riquezas e do poder político. O passado colonial está por trás da concentração de poder nas mãos do proprietário da

terra. No vasto território amazônico, como se formou o contingente populacional que não teve direito à terra e que não teve outra opção além da venda da força de trabalho nas grandes propriedades rurais? A história de formação da comunidade nos faz pensar que seu ponto de partida é exatamente a expressão do desenraizamento gerado pela organização da exploração colonial. Simone Weil já havia notado que o grande mal da colonização é o desenraizamento, pois ela priva de seu passado os grupos oprimidos. *Privando os povos de sua tradição, de seu passado, por conseguinte, de sua alma, a colonização os reduz ao estado de matéria humana* (Weil, 1996, p.231)

Porém, logo em seguida da chegada dos trabalhadores da seringa e da solva em Nazaré, houve a morte de seu Nanã e, então, estes homens e mulheres tiveram que se readaptar a uma vida que não dependia das ordens de alguém. Uma nova organização social se estabeleceu, novos líderes foram surgindo e a floresta passou a ser sua própria dona, partilhada por todos que ali moravam.

Podemos pensar que a morte de seu Nanã e a falta de herdeiros em Nazaré pode ter contribuído para que as pessoas pudessem construir uma nova organização social, que passa ser orientada pela busca da experiência de enraizamento. Todos os elementos das culturas dominadas (tradições indígenas, religiões de matriz africanas, entre outros), que configuram fortes traços de resistência, passam a amparar uma busca por esta experiência. O sincretismo religioso, os aspectos culturais dos grupos indígenas catequisados na região, todos esses elementos que configuram uma cultura de resistência, são elementos que vão apoiar e sustentar uma busca por enraizamento.

Segundo Weil (1996), o enraizamento, que *é talvez a necessidade mais importante e desconhecida da alma humana*, se dá a partir da participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Lideranças informais, como professor Maciel, professor

Artêmis, seu Manduca, entre outros, começaram a trabalhar para garantir melhorias na vida do habitantes da, então, comunidade⁴⁴ de Nazaré. Podemos pensar que a desapareição dos olhos ferozes de quem controlava o tempo e o espaço dos trabalhadores da floresta possibilitou com que houvesse uma real participação ativa na vida comunitária e, portanto, política em Nazaré.

A partir disso, as possibilidades de criação de espaços de contação de histórias, música, teatro e momentos que celebrassem o passado e o vínculo com a história de seus ancestrais foram garantidas. Foi possível a construção de uma forma de vida comunitária que possibilitasse o engajamento político e a resistência contra a dominação. Segundo Gonçalves Filho (2005), um processo político no qual as pessoas deixam de se perceber como inferiores, mas sim como cidadãos que foram aviltados.

Logicamente, junto disso, intrigas e disputas políticas foram se formando, que são naturais em espaços coletivos. Porém, neste momento, as pessoas não precisavam ser exiladas de suas próprias tradições. Na realidade, a maneira como a religiosidade, as lendas e as manifestações culturais se integram à vida comunitária podem representar uma forma de reelaboração do passado. Este processo permite que as pessoas não repitam docilmente informações sem relação com as experiências vividas, situação esta, que para Simone Weil (1996) é um dos elementos responsáveis pelo desenraizamento.

Porém, este é apenas o início da história da comunidade. Nazaré está inserida dentro de uma sociedade de classes, na qual opressão e dominação são praticadas e valorizadas cotidianamente, desta forma, outras tantas pressões para o desenraizamento foram colocando à prova a força das tradições.

⁴⁴ Comunidade em oposição a como a região era conhecida na época de seu Nanã: Freguesia da boca do furo.

Neste trabalho focamos as discussões a partir de uma pressão atual, a construção do complexo hidroelétrico do rio Madeira (composto das barragens de Santo Antônio e de Jirau), com foco na barragem de Santo Antônio, que apresenta impactos diretos à comunidade de Nazaré. Como já dito, tanto o planejamento da obra, quanto construção e circulação das informações com relação aos impactos socioambientais foram omitidos e negados aos cidadãos em geral e, principalmente, aos moradores das áreas afetadas (que possuem o direito de deliberação protegido por lei).

Neste processo, comunidades ribeirinhas foram realocadas para áreas quilômetros de distância do rio, além dos impactos, como já apresentado anteriormente, nas formas de trabalho e práticas cotidianas das pessoas que vivem na beira do rio. Houve, também, um enorme fluxo migratório nestas comunidades, que pode ser compreendido como um outro grande problema da construção da barragem (e, em geral, de muitas das obras que possuem grande impacto ambiental).

No caso específico de Nazaré, houve a chegada de novas pessoas, aumentando o tamanho da população e a saída de jovens para trabalhar em Porto Velho. As pessoas que chegaram na comunidade vieram ou das localidades que tiveram que ser desapropriadas, ou que moravam em Porto Velho e, com o aumento do custo de vida da cidade, foram “empurradas” para o interior.

Como já citado neste trabalho, existem autores que discutem as motivações para a construção destas barragens (Santo Antônio e Jirau) e que afirmam que o processo de decisão desta obra envolveu muito mais interesses políticos e econômicos nas alianças formadas entre o governo brasileiro, grandes construtoras e outros empreendimentos de navegação, do que o próprio potencial energético do rio Madeira. Não seria visível, nas motivações que levaram à construção da barragem e nas formas políticas que sustentam estas decisões, o prosseguimento e até mesmo o

desenvolvimento de uma nova forma de colonização? Será que a história de Nazaré, até certo ponto, não representa de forma emblemática a luta entre a aspiração pelo enraizamento e as constantes reatualizações das formas de colonização?

Bibliografia

- ALMEIDA, M. *Redescobrimos a família rural*. RBCS 1(1): 63-83. 1986.
- ALVES, S. A.; NASCIMENTO, A. C.; MESQUITA, H. A. Movimento dos atingidos por barragem (MAB): Resistência popular e a construção de um novo modelo energético para o Brasil. *Revista estudos amazônidas: Fronteiras e territórios*. Vol. 01, No 01, 2009.
- BOMFIM, A. P. *Fronteira Amazônica e planejamento na época da ditadura militar no Brasil: Inundar a hileia de civilização?* DOI 10.5216/bgg.V30i1.11191. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, 30, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/11191>>. Acesso em: 17 Jan. 2013..
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, P. “La maison ou le monde renversé”. In. *Le Sens Pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRASIL. LEI Nº 9.985, de 18 de Julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9985.htm> Acesso em: 29/05/2010
- BRASIL. DECRETO no. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acessado em 16/01/2013
- CANDIDO, A. *Os parceiros do rio Bonito*. Estudos sobre os caipiras paulistas e as transformações de seus meios de vida. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora. 1964
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2000.
- CERTEAU, M. D. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Editora Vozes, 1994.
- COLITO, M. C. E. A construção de usinas hidroelétricas e os impactos sobre a população e o espaço. Comunidades Rurais ameaçadas pela U.H. de Jataizinho - Rio Tibagi /Pr. *Serviço social em revista*. Londrina, v. 02, n. 02, p. 275-285, jan./jun. 2000.

- CIAMPA, A. C. *A estória de Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- GARCIA, A. & HEREDIA, B. *Trabalho familiar e campesinato*. América Latina, ano 14, n. 1-2 – Jan/Jun. pp 11 -21
- GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: editora LTC, 1989.
- PORTO GONÇALVES, C. W. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.
- PRADO JR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação – Um problema política em psicologia. Psicologia USP, São Paulo, v.9, n.2, p. 11- 67, 1998.
- _____. Humilhação Social: humilhação política. In: SOUZA, B de P. *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- _____. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, A.M.B. (org.). *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- GUARECHI, P. A. Relações comunitárias – Relações de dominação. In: CAMPOS, R. H. de F. *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes 1996.
- ISA – Instituto Socio Ambiental <http://uc.socioambiental.org/uso-sustentável/reserva-extrativista>. Acessado em 17/01/2013
- MACIEL, M. N. Amazonas: Mulheres Guardianas de la Tradicion Oral de Una Comunidad Afectiva. In: Amazonas: Mulheres Guardianas de la Tradicion Oral de Una Comunidad Afectiva, 2012, Buenos Aires. 17 Conferencia Internacional de História Oral - Los retos de la historia oral en el siglo XXI: diversidades, desigualdades y la construcción de identidades. Buenos Aires: Ahora - Associação de História Oral República Argentina, 2012. v. 01. p. 01-20.
- MONTERO, M. *Introduccion a la psicologia comunitaria* - desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidos, 2005.
- MOURA, M. M. Os herdeiros da terra. Parentesco e herança numa área rural. São Paulo: Hucitec, 1978.
- RODRIGUES, K. Editorial. In: *Amazônia Sobre diversos Olhares – Um dossiê*. REU, Sorocaba, SP, v. 36, n. 3, p. 9-13, dez. 2010
- ROSA, J. G. *Grandes Sertão: veredas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2006.
- _____. *Manuelzão e Miguilim*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

- SATO, M. Bioregionalismo: A educação ambiental regida pelas teorias biorregionais. In: *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (ES) Ambientais e Coletivos Educadores*. Diretoria de educação Ambiental, Brasília DF: 2005.
- SAWAIA, B. O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007a.
- SCHMIDT, M. L. S. *Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas*. Psicol. USP [online]. 2006, vol. 17, no. 2, pp. 11-41.
- SIQUEIRA, C.T.; VASCONCELOS, V. O. . Dialogando com populações tradicionais da Amazônia na construção da educação escolar. In: *VII Colóquio Internacional Paulo Freire*, 2010, Recife. Paulo Freire: contribuição para a educação e a cultura popular, 2010.
- SEYFERTH, G. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.
- SWITKES, G. *Águas turvas: Alertas sobre as consequências de barrar o maior afluente do Amazonas*. São Paulo: International Rivers, 2008.
- VANCONCELOS, V. de O. e WHITAKER, D. C. A. *Quando a natureza educa: trabalho, família e espiritualidade às margens de rios amazônicos*. In: 33a. Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambú. Educação no Brasil: o balanço de uma década, 2010.
- VASCONCELOS, V de O. *Educação e Cultura de Populações Tradicionais na Amazônia cantadas em verso e prosa*. Relatório de Pós Doutorado. UNESP, 2010.
- VEGINI, V.; VEGINI, R. L. *Tradição oral no contexto amazônico: a lenda da cobra do Cuniã*. Porto Velho,(RO): ABRALIN EM CENA, 2010.
- WEIL, S. *O Enraizamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- WHITAKER, D. C. A. e BEZZON, L. C. *A Cultura e o ecossistema: reflexões a partir de um diálogo*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.
- WINNICOTT, D. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1951.